

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS

LEANDRO FORMICKI

***Hieron de Xenofonte: tradução e estudo introdutório***

**Versão corrigida**

São Paulo

2023

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS

LEANDRO FORMICKI

***Hieron de Xenofonte: tradução e estudo introdutório***

**Versão corrigida**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Rossi Nunes Lopes

São Paulo

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

F723h Formicki, Leandro  
Híeron de Xenofonte: tradução e estudo  
introdutório / Leandro Formicki; orientador Daniel  
Rossi Nunes Lopes - São Paulo, 2023.  
80 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,  
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São  
Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas.  
Área de concentração: Letras Clássicas.

1. Xenofonte. 2. Híeron. 3. Tirania. 4. Pensamento  
Político Grego. 5. Filosofia grega. I. Lopes, Daniel  
Rossi Nunes, orient. II. Título.

**ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**

**Termo de Anuência do (a) orientador (a)**

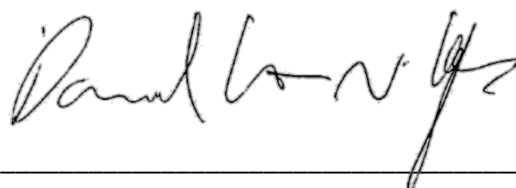
**Nome do (a) aluno (a): Leandro Formicki**

**Data da defesa: 30/01/2023**

**Nome do Prof. (a) orientador (a): Daniel Rossi Nunes Lopes**

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 28/03/2023



---

*(Assinatura do (a) orientador (a))*

FORMICKI, Leandro. *Hieron* de Xenofonte: tradução e estudo introdutório.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre e Letras Clássicas.

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

### Banca Examinadora

Prof. Dr.: \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr.: \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr.: \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

## DEDICATÓRIA

*À minha família, seu amor, respeito e cuidado me ajudaram a concluir esta dissertação.*

## **AGRADECIMENTOS**

Realizando esta pesquisa constatei que não é possível construir nada importante sem a ajuda dos outros. Ao concluir, reconheço a enorme dívida que tenho com algumas pessoas. Fica, então, expressa minha gratidão:

Aos meus pais, Sonia e Eduardo, pelas horas de compreensão, apoio e carinho, por tolerarem minhas ausências e pela ajuda tão necessária. À minha irmã, Larissa, pelo amor e paciência;

Ao meu orientador, Prof. Dr. Daniel Rossi Nunes Lopes, sua orientação, apoio, amizade, erudição, generosidade e prontidão em me atender foram fundamentais para a conclusão desta obra;

Aos professores da Pós-Graduação que foram fundamentais na minha formação;

Agradeço aos amigos e amigas da Pós-Graduação, pela amizade, compartilhamento, emoção e aprendizado.

FORMICKI, Leandro. *Híeron* de Xenofonte: tradução e estudo introdutório. 2023. 80 pp. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

## Resumo

A presente pesquisa tem como objetivos propor uma tradução integral do *Híeron* de Xenofonte e elaborar um estudo introdutório que contemple as principais características e problemáticas que envolvem o diálogo. Para tradução será utilizada a edição de Marchant, E. C. *Xenophontis Opera Omnia. Tomus V. opvscvla*. Oxford: Oxford University Press, 1920. Já para o estudo introdutório serão utilizadas as obras citadas na bibliografia fundamental. O *Híeron* apresenta um diálogo entre o sábio Simônides e o tirano Híeron sobre duas concepções de tirania, a saber, uma despótica, que escraviza e prejudica o povo e uma positiva, que protege e beneficia o povo. Na primeira parte do diálogo é Híeron que assume o protagonismo; segundo ele, o tirano é mais infeliz do que qualquer pessoa comum, pois o exercício da tirania despótica faz com que o tirano não consiga ser amado, respeitado e honrado, uma vez que as pessoas buscam se relacionar com ele por interesse e medo. Ao passo que na segunda parte do diálogo é Simônides que busca ensinar a Híeron a respeito da tirania positiva, ou seja, das condições para que a tirania se torne benéfica para o povo, a fim de que esse mesmo povo, que é protegido e beneficiado, retribua esse tratamento positivo com respeito, honra, amizade e amor ao tirano. Dessa forma, Xenofonte, no diálogo de *Híeron*, apresenta o tirano demonstrando os problemas causados pela tirania despótica e o sábio ensinando como a tirania pode ser eficaz.

**Palavras-Chave:** *Híeron*, tirania, Xenofonte.



FORMICKI, Leandro. Xenophon's *Hiero*: translation and introductory study. 2023. 80 pp. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

### **Abstract**

The present research aims at proposing an integral translation of Xenophon's *Hiero* and offering an introductory study that approaches the main characteristics and problems of the dialogue. For the translation, we resorted to the edition by Marchant, E. C. *Xenophontis Opera Omnia. Tomus V.* opvsclva. Oxford: Oxford University Press, 1920. For the introductory study, we used the works cited in the bibliography. *Hiero* presents a dialogue between the wise Simonides and the tyrant Hiero about two conceptions of tyranny, namely, a despotic one that enslaves and harms the people, and a positive one that protects and benefits the people. In the first part of the dialogue it is Hiero who takes the lead; according to him, the tyrant is more unhappy than any common person, because the exercise of despotic tyranny makes the tyrant unable to be loved, respected and honored, since people establish a relationship with him based on interest and fear. Whereas in the second part of the dialogue it is Simonides who seeks to teach Hiero about positive tyranny, that is, the conditions for tyranny to become beneficial to the people, so that the people who are protected and benefited reciprocate this positive treatment with respect, honor, friendship and love for the tyrant. In this way, Xenophon, in the *Hiero* dialogue, presents the tyrant evincing the problems caused by despotic tyranny and the wise man teaching how tyranny can be effective.

**Keywords:** *Hiero*, tyranny, Xenophon.

## Sumário

APRESENTAÇÃO.....	11
ESTUDO INTRODUTÓRIO .....	13
Xenofonte.....	13
Data de Composição .....	14
Simônides e Híeron.....	16
Estrutura do Diálogo.....	17
Gênero Literário.....	18
Tirania.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	35
TRADUÇÃO.....	36
TEXTO GREGO .....	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	78

## APRESENTAÇÃO

Xenofonte produziu muitas obras<sup>1</sup>, tais como: *Anábase*, *Helênicas*, *Memoráveis*, *Econômico*, *Simpósio*, *Ciropédia*, *Agesilau*, *Apologia de Sócrates*, *Da equitação*, *Constituição dos Lacedemônios* e *Híeron*. Tanto a *Constituição dos Lacedemônios* quanto a *Constituição dos Atenienses* testemunham “a tensão posterior entre democracia e oligarquia” (MÁRSICO; ILLARRAGA; BERNAL, 2017, p. 79, 80). Já o diálogo de *Híeron* expõe o ambiente da tirania grega que é anterior à democracia e oligarquia. Além disso, ele se mostra mais inovador do que a *Constituição dos Lacedemônios* porque “em sua interpretação do exercício do poder e de suas recomendações para superar obstáculos, exhibe uma série que escapa à descrição dos modelos existentes e entra no terreno do desenho de conceitos políticos rompedores e inovadores” (MÁRSICO; ILLARRAGA; BERNAL, 2017, p. 80).

O diálogo entre o sábio/poeta Simônides e o tirano Híeron gira em torno do tema da felicidade do tirano em relação aos seus subordinados. Apesar de apresentar uma temática pontual, a discussão disserta sobre concepções de tirania. O narrador contrapõe duas concepções principais: a visão de Híeron de que a tirania é uma condição miserável, e a visão de Simônides de que a tirania pode ser eficaz se ela atender às necessidades do povo. Nesse momento, Xenofonte inova em relação à tirania, pois ele mostra que a tirania não precisa ser despótica, mas pode ser um instrumento usado para beneficiar os súditos do tirano. Desse modo, pode-se dizer que *Híeron* representa uma inovação literária de Xenofonte ao apresentar uma ideia de tirania diferente da ideia popular, mas nos moldes do diálogo socrático.

Portanto, para que esse diálogo se torne acessível em língua vernácula, propõe-se a presente pesquisa, a qual possui duas partes: (i) um capítulo introdutório, onde são discutidas as principais características e problemáticas que envolvem o diálogo, e (ii) a tradução da obra. Para o estudo do texto original, será utilizada a edição de E. C. Marchant, (*Xenophontis Opera Omnia. Tomus V.* opvscvla. Oxford: Oxford University Press, 1920). Já para o estudo introdutório serão utilizadas as obras citadas na bibliografia fundamental.

---

<sup>1</sup>A *Constituição dos Atenienses* é atribuída ao (Velho Oligarca (Pseudo-Xenofonte). MARTINS 2013, p. 11.

O estudo desse diálogo será baseado em algumas publicações específicas que tratam das características do diálogo *Hieron*, como os estudos de Michael A. Flower, Vivienne J. Gray, Claudia Mársico et ali.

## ESTUDO INTRODUTÓRIO

### Xenofonte

Segundo Flower (2017, p. 2), “a popularidade de Xenofonte sofreu durante grande parte do século XX. Sua filosofia era vista como inferior à de Platão e, como historiador, parecia muito menos capaz do que Heródoto ou Tucídides”. Entretanto, de acordo com o autor,

Xenofonte nos legou um corpo substancial de trabalho completo. Ele escreveu o primeiro livro de memórias (a *Anábase*) e o primeiro romance histórico (a *Ciropédia*), contribuiu para o gênero da literatura socrática (*Memoráveis*, *Simpósio*, *Defesa de Sócrates*, *Econômico*), escreveu tratados técnicos (*sobre equitação, caça, liderança, finanças e a constituição espartana*), um dos primeiros encômios em prosa (*Agesilau*), e ele pode ter sido o mais antigo continuador de Tucídides (as *Helênicas*). Seria difícil nomear um autor clássico que experimentou tantos gêneros diferentes e obteve sucesso (tanto durante sua vida quanto depois) em todos eles (FLOWER, 2017, p. 2).

Por isso, Xenofonte é considerado “uma voz importante do século IV a.C.” (GRAY, 2010, p. 1). No entanto, “a cronologia das obras de Xenofonte é bastante incerta e só pode ser estabelecida a partir de evidências escassas e muitas vezes duvidosas, pois a maior parte delas é extraída de suas próprias obras” (AALDERS, 1953, p. 208).

Contudo, o mais importante é que as suas obras trazem algo de novo dentro dos gêneros literários que já existiam na época. Por exemplo: *Anábase* e *Helênicas* desenvolvem a tradição da escrita histórica (que já estava bem consolidada no século IV a.E.C), já *Memoráveis*, *Econômico*, *Simpósio* e *Híeron* se voltam para o desenvolvimento do diálogo filosófico-literário. Por outro lado, *Ciropédia* é o primeiro exemplo que foca na literatura dos príncipes, e *Agesilau* estabelece um modelo de literatura encomiástica, ou seja, de elogio (GRAY, 2010).

Ademais, outras obras também são consideradas inovadoras, tais como a *Constituição dos Lacedemônios*, que traz o primeiro exemplo de literatura da pólis que retrata pormenorizadamente as leis e os costumes da cidade de Esparta, e *Da Equitação*, que traz um método para treinar os cavalos (GRAY, 2010).

É importante ressaltar que Xenofonte constrói suas narrativas de modo inigualável, de maneira que suas técnicas de composição narrativa não se limitam às fronteiras que delimitam as características de cada gênero literário (FLOWER, 2017):

Ele emprega uma personalidade literária altamente reservada, talvez até mesmo reprimindo sua identidade como autor de seus próprios trabalhos ou

publicando sob um pseudônimo, como pode ter sido o caso com a *Anábasis*. Sua voz narrativa, tão diferente da de Heródoto e Tucídides, requer uma análise cuidadosa (FLOWER, 2017, p. 4).

Ademais, Xenofonte também é considerado um historiador e filósofo, mesmo que “os aspectos históricos e filosóficos dos (seus) escritos não sejam tão fáceis de separar” (FLOWER, 2017, p. 4). No entanto,

Não se pode negar que Xenofonte tem pouco interesse em epistemologia ou metafísica, e naquelas áreas não pode competir com Platão ou Aristóteles, e que os discursos em suas obras históricas carecem da altamente abstrata teorização da política prática de Tucídides. Mas ainda há muito valor filosófico (FLOWER, 2017, p. 3, 4).

Suas narrativas históricas compreendem “especialmente a ‘continuação’ da história inacabada de Tucídides da Guerra do Peloponeso, que compreendeu a primeira parte de suas *Helênicas*” (FLOWER, 2017, p. 10), já os seus escritos filosóficos compreendem “seus ensaios socráticos, ou seja, sua defesa de Sócrates” (FLOWER, 2017, p. 10).

A teoria mais famosa de Xenofonte, e que teve grande impacto na sociedade moderna, foi aquela que afirma que “seu líder ideal garante o consentimento à sua liderança, trata seus seguidores como amigos, compartilha seus esforços, solicita seus conselhos e trabalha pelo seu sucesso mútuo como um grupo com interesses compartilhados” (FLOWER, 2017, p. 6). O autor ainda salienta que é plausível aplicar essa teoria ao ambiente de trabalho e ao contexto de amizade e familiar (FLOWER, 2017). Nesse caso, a liderança serve para promover benefícios aos seus seguidores, e não somente para o benefício próprio do líder.

### **Data de Composição**

Não há consenso a respeito da data de composição de *Hieron*. Alguns autores como Higgins (1977) datam a obra após 357 a. C. Esse entendimento é baseado na declaração de 3,8:

Pois bem, se você deseja observar com cuidado, descobrirá que as pessoas comuns são muitíssimo amadas por esses, enquanto que muitos tiranos mataram seus próprios filhos, muitos foram mortos por seus filhos, muitos irmãos, companheiros na tirania, tornaram-se assassinos um do outro, e muitos tiranos foram destruídos por suas esposas e por companheiros que pareciam ser seus melhores amigos<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup>(Tradução Nossa). *Hier.* 3.8

Esse relato sobre as conspirações dos parentes do tirano é visto como uma alusão ao que aconteceu com os tiranos da Tessália (*Helênicas* VI 4, 33-37), “quando Pólifron assassinou seu irmão Polidoro —ambos irmãos de Jasão e seus sucessores— e Pólifron, por sua vez, foi morto por Alexandre, que mais tarde também se tornou vítima de sua esposa e dos irmãos de sua esposa” (TUÑON, 1984, p. 12).

Segundo Higgins (1977), é provável que a redação de *Hieron* tivesse como motivação a ascensão e queda de Jasão nos anos setenta e as atividades do antigo tutor de Platão, o Siracusa Dionísio, o Jovem, nos anos sessenta (360 a.C.). Para o autor, “o *Hieron* analisa o que acontece quando uma força na tensão entre indivíduo e polis se estende demais” (HIGGINS, 1977, p. 60).

Segundo Marchant (1946) alguns escritores modernos buscaram registros dos déspotas contemporâneos de Xenofonte, a fim de descobrir algum evento especial que o levou a compor a obra *Hieron*. O autor enumera três contextos históricos que poderiam ter influenciado a composição de Xenofonte. O primeiro deles é um incidente ocorrido no Festival Olímpico de 388 ou 384 a.C. Ao fazer uma oração olímpica, o orador Lísias, desperta o ódio dos déspotas e, por isso, faz com que os gregos se unam para libertar Siracusa de Dionísio. De acordo com este acontecimento, a obra de *Hieron* é datada em cerca de 383 a.C. O segundo contexto é a escrita do diálogo *Hieron* como uma resposta de advertência a Dionísio, o Jovem, depois da sua ascensão ao trono de Siracusa em 367 a.C. Desse modo, a data de composição da obra seria no ano de 367 a.C. O terceiro e último contexto é que Xenofonte tinha em mente a vida de Jasão de Feras, que foi assassinado em 370 a.C. Neste caso, tanto o diálogo *Hieron* como a epístola de Isócrates são uma advertência aos filhos de Jasão que tinham o poder na Tessália dividido entre eles. O capítulo 3,8 de *Hieron* reverbera esse acontecimento quando afirma que muitos tiranos foram destruídos por suas próprias esposas, pois “o sobrinho de Jasão, Alexandre, “tagus” da Tessália, foi assassinado por seus cunhados por instigação de sua esposa Tebana em 359 a.C”. (MARCHANT, 1946, p. xiv – xv).

A respeito dos três contextos mencionados acima que poderiam ter influenciado a composição de *Hieron*, Marchant (1946, p. xv) afirma que “certamente é desnecessário supor que Xenofonte tinha algum propósito ou evento especial em mente quando escreveu o *Hieron*”. O autor diz que a obra é

Apenas um diálogo “socrático” sobre um tema que o interessava. Ele pensava nos déspotas em geral, como os socráticos supunham que fossem; e, claro, como Platão no nono livro de sua República, quando escreve sobre o despotismo, ele está de olho na carreira de Dionísio I (MARCHANT, 1946, p.

xv).

Portanto, para Marchant, “tudo o que se pode dizer sobre a data de composição é que, a julgar pela linguagem e pela retórica do *Hieron*, parece ter sido escrita nos últimos anos do autor” (MARCHANT, 1946, p. xv).

### **Simônides e Hieron**

Xenofonte constrói *Hieron* baseado em um diálogo entre o sábio Simônides e o tirano Hieron. Mas, quem foram esses personagens? O primeiro deles é Simônides de Ceos oriundo da Jônia que “seguiu a prática usual entre os intelectuais de encontrar espaços apoiados pelo mecenato de governantes que queriam reforçar sua imagem com a propaganda oriunda de obras de arte” (MÁRSICO; ILLARRAGA; BERNAL, 2017, p. 90).

O sábio viveu na época das Guerras Médicas e também foi reconhecido como o primeiro poeta a compor odes corais em comemoração às vitórias atléticas e, por fim, aos oitenta anos parte para Siracusa, onde a obra de *Hieron* é situada (MÁRSICO; ILLARRAGA; BERNAL, 2017).

É interessante notar que “Xenofonte escolhe como porta-voz, portanto, um personagem fora de seu círculo (MÁRSICO; ILLARRAGA; BERNAL, 2017, p. 91). Entretanto, o sábio é considerado uma figura importante, pois articula um modelo mais tradicional e um modelo de uma nova cultura, sendo considerado, dessa forma, um avanço da sofística. Uma outra questão importante é que Simônides associa, como um modelo de ação, a poesia e a *techné*. (MÁRSICO; ILLARRAGA; BERNAL, 2017).

Por fim, ao produzir versos por dinheiro, o sábio agia como um mercenário e, como consequência disso, foi reprovado por Teógnis. A discussão sobre as pessoas que cobravam e não cobravam por seus ensinamentos aparecerá também no círculo socrático<sup>3</sup>. (MÁRSICO; ILLARRAGA; BERNAL, 2017).

Outro personagem que aparece em *Hieron* é o próprio Hieron. Ele tinha um irmão chamado Gélon e o sucedeu no governo de Siracusa em 478 a.C. O seu governo dura até

---

<sup>3</sup>“Veja, por exemplo, o caso de Aristipo em Suda; Diógenes Laércio, II.74; Plutarco, Sobre a educação dos filhos, 7.4.F e Alexino, entre os megáricos, em Papiro de Herculano 418” (MÁRSICO; ILLARRAGA; BERNAL, 2017, p. 91).



467 a.C. Ele teve como hábito ter ao seu redor muitos intelectuais, tais como: Píndaro, Ésquilo, Epicarmo, Simônides e seu sobrinho Baquilides. É importante salientar que alguns testemunhos antigos afirmam que houve uma mudança de direção no seu modo de governar, ou seja, de um governo extremamente arbitrário para um governo apoiado pela comunidade (MÁRSICO; ILLARRAGA; BERNAL, 2017).

Na obra de Plutarco sobre *a demora da divindade em castigar* aparece uma dessas citações sobre a mudança do governo de Híeron: “sabemos pelo menos como Gélon e Híeron, os sicilianos, e Pisítrato, filho de Hipócrates, tendo conseguido a tirania por meio de truques perversos, usaram-na para a virtude e, chegando ao poder ilegalmente, foram governantes moderados e úteis ao povo”. (AGUILAR, 1996, p. 125).

Segundo Mársico, Illarraga e Bernal (2017, p. 92), “não é impossível, portanto, que Xenofonte tenha levado em conta essa tradição e colocado ficcionalmente o momento da conversão no encontro com Simônides.

## Estrutura do Diálogo

De acordo com Dillery (2017, p. 207, 208), o diálogo tem duas partes principais:

Xenofonte persegue uma linha similar na primeira parte (um pouco maior) do diálogo (Híer. 1.1–7.13), com Híeron discursando longamente sobre o mundo de pesadelo que o poder autocrático cria para o homem forte (um velho topos, é claro: cf. ex. Otanes at Hdt. 3.80). A segunda parte (8.1 - final) é retomada principalmente com a tentativa de Simônides de mostrar como o tirano não precisa ficar preso em uma desumanidade solitária e violenta, se ele empregar uma abordagem de liderança que se encontra em várias outras obras de Xenofonte: a geração de obediência leal e voluntária entre os subordinados do líder.

No entanto, de forma mais completa, pode-se considerar o tema de cada capítulo do diálogo distribuídos em três blocos principais que estão organizados desta forma:

1) No Capítulo 1: Das seções 1-7 é mencionado os soberanos e os súditos. Na seção 8 é mencionado o hedonismo. Em seguida é enfatizado as desvantagens pessoais do governante: Essas desvantagens são vistas em relação aos prazeres sensoriais nas seções 9-16, em relação à comida nas seções 17-25 e em relação à sexualidade nas seções 26-38 (MÁRSICO; ILLARRAGA; BERNAL, 2017).

2) No Capítulo 2: é enfatizado as desvantagens sociais do governante: Essas

desvantagens são vistas em relação à riqueza nas seções 1-18. Em relação à amizade no capítulo 3: das seções 1-9. Em relação à confiança no capítulo 4: das seções 1-11. Em relação à qualidade dos que lhes são próximos no capítulo 5: das seções 1-4. Em relação ao divertimento e das reuniões sociais no capítulo 6: das seções 1-3. Em relação ao temor no capítulo 6: das seções 4-16. Em relação à honra no capítulo 7: das seções 1-13 (MÁRSICO; ILLARRAGA; BERNAL, 2017).

3) Por fim, é mencionado um manual de como governar que começa no capítulo 8 e vai até o capítulo 11. Do capítulo 8: seção 1 até o capítulo 9: seção 11 são apontados os prêmios e a emulação. No capítulo 10: das seções 1-8 é mencionado a polícia comunitária. No capítulo 11: das seções 1-12 é mencionado a transposição do privado para a esfera pública, das seções 13-15 são mencionadas as três dimensões da boa governança (MÁRSICO; ILLARRAGA; BERNAL, 2017).

## **Gênero Literário**

Segundo Mársico, Illarraga e Bernal (2017, p. 88), “o *Híeron* é um diálogo e nesse formato ressoa o fenômeno associado ao grupo socrático, no qual Sócrates se torna personagem e empresta sua voz às diferentes teses de seus seguidores”. No entanto, Sócrates não aparece como personagem nesse diálogo. Esse fato, conduz a outras interpretações, como a de Gray (2007, p. 31) que afirma que *Híeron* “vem de uma tradição literária de encontros entre sábios e poderosos”. Segundo Gray (2007), o texto que resume a tradição do encontro do sábio identificado com Simônides com o soberano identificado com Híeron é a *Carta II de Platão* (310e5-311b6):

É natural que um grande poder e a ciência tendam a se unir, pois incessantemente se procuram entre si, se perseguem e se encontram. Por estes motivos os homens gostam de discursar e ouvir os outros discursar sobre eles, tanto em conversações ordinárias (311a) como em poesia. Assim quando conversam sobre Géron ou sobre o espartano Pausânias, gostam de lembrar a amizade deles com Simónides e de tudo o que Simónides disse e fez para eles. Da mesma forma aproximam, ao celebrá-los, Periandro de Corinto e Tales de Mileto, Péricles e Anaxágoras, Creso e Sólon como homens sábios, e o rei Ciro como soberano. Da mesma forma os poetas juntam Creonte e Tirésias (311b), Poluido e Minos, Agamémnon e Nestor, Odisseu e Palamedes. Pelo mesmo motivo, parece-me, os homens de antigamente colocavam juntos Prometeu e Zeus: entre eles, canta-se de uns a tendência à discórdia entre eles, de outros a amizade, de como uma hora eram amigos e outra inimigos, e das coisas sobre as quais concordavam e aquelas sobre as quais discordavam (CORNELLI, G.; LOPES, R., 2017p. 323).

Por outro lado, autores como Mársico, Illarraga e Bernal (2017, p. 89), afirmam que “é plausível analisar o *Híeron* como um caso de diálogo que, sem adotar a característica comum, contudo, compartilha aspectos relevantes com o resto destas obras”<sup>4</sup>.

Esta pesquisa se concentrará no pequeno diálogo literário *Híeron*. O diálogo, nos moldes socráticos, apresenta duas características diferentes. A primeira delas é que *Híeron* é uma obra escrita nos moldes de uma ficção literária que não é recente, e que traz como centro do diálogo o tema da tirania grega. Já a segunda característica é que na interpretação do exercício do poder e na superação de tudo que o atrapalha, a obra apresenta ideias inovadoras que ultrapassam o entendimento dos modelos políticos já existentes de sua época (MÁRSICO; ILLARRAGA; BERNAL, 2017).

O diálogo é entre o sábio/poeta (Simônides) e o monarca/tirano de Siracusa (Híeron). Segundo Gray (2010, p. 2), “ele é um diálogo sobre se o governante tem maior felicidade que seus súditos, sendo o único tratamento existente desse tópico popular e um dos poucos diálogos existentes nos quais Sócrates não figura”. Em outras palavras, “o assunto é retratado discutindo a felicidade do tirano e do indivíduo comum. Platão também faz essa discussão em sua *República*” (Rep. 571-580c.) (GRAY, 1986, p.115). Além disso, em relação ao diálogo *Híeron*, Dillery salienta que não é novidade a construção do encontro e do diálogo entre a figura do sábio (Simônides) e a figura do tirano ou monarca (Híeron). Em *Heródoto*, essa construção já havia sido apresentada, nesse caso, entre a figura de Sólon e Creso (DILLERY, 2017, p. 207). Da mesma forma, Gray considera que a história de Sólon e Creso narrada por Heródoto também mostra características semelhantes com o diálogo de Simônides e Híeron, por isso, ela afirma que

Tomando a história de Sólon e Creso de Heródoto como o arquétipo, considere as semelhanças. Simônides visita a corte de Híeron, assim como Sólon visita a corte de Creso. Híeron identifica Simônides como um homem sábio no início de sua conversa; Creso identifica Sólon da mesma forma. Ambos os relatos das reuniões são apresentados em grande formato de conversação. A diferença é que Híeron está em uma forma conversacional especial: o diálogo socrático. Mas o assunto que discutem é em ambos os casos o mesmo: a felicidade relativa do tirano e do indivíduo privado (GRAY, 1986, p. 120).

A autora conclui que “as semelhanças não me parecem de forma alguma

---

<sup>4</sup>Os autores se referem ao formato do diálogo socrático que está presente em mais de trezentas obras em um quarto de século, por mais de uma dúzia de autores renomados. Em algumas dessas obras Sócrates aparece como protagonista, já em outras obras, como de Antístenes, Sócrates não aparece como protagonista e em alguns diálogos de Platão, Sócrates não aparece.

acidentais, mas prova de que a tradição está influenciando o trabalho de Xenofonte” (GRAY, 1986, p. 120, 121). A semelhança na construção do diálogo entre o homem sábio e o tirano tanto no *Hieron* (Simônides e Híeron) quanto em *Heródoto* (Sólon e Crespo) pode ser uma evidência que houve uma influência da tradição (*Heródoto*) na construção do pequeno diálogo literário de *Hieron*.

Por fim, ainda que Sócrates não apareça como uma personagem no diálogo entre Simônides e Híeron, Xenofonte “emprestou a outros personagens (Ciro, Simônides, Agésilas e Licurgo, respectivamente) traços, virtudes, qualidades e doutrinas que são idênticos aos que Sócrates encarna em seus quatro logoi Sōkratikoí” (DORION, 2006, p. 88). Nesse caso, um desses traços que aparece em Simônides é a ironia. Em um diálogo com Híeron, o sábio faz perguntas, de modo que ele já sabe a resposta, mas não aparenta saber. Por exemplo: no começo do livro, Simônides pergunta ao tirano:

(1) Certa vez, o poeta Simônides chegou ao tirano Híeron. Quando ambos tiveram um tempo livre, Simônides lhe disse:

— Por acaso, estaria disposto, Híeron, a me relatar o que provavelmente você conhece melhor do que eu?

— E quais são estes assuntos, disse Híeron, que de fato eu saberia melhor do que você, que é um homem assim tão sábio?

(2) — Eu sei, disse ele, que você nasceu como uma pessoa comum e agora é um tirano. Então, tendo experimentado ambas as coisas, provavelmente você sabe mais do que eu a diferença entre a vida do tirano e a vida da pessoa comum em relação às alegrias e às dores dos homens<sup>5</sup>.

A ironia está no fato de que o sábio Simônides diz que Híeron conhece melhor do que ele, pois ele tem experiência do poder, ao passo que Simônides não. De fato, está em jogo o não parecer sábio para mostrar que é sábio e o parecer que conhece algo para compreender que não conhece. Gray (1986, p. 116) ainda salienta que “Xenofonte estabelece sua ironia no início do diálogo quando Híeron se surpreende que Simônides esteja buscando conhecimento, já que ele é um homem sábio e já deveria tê-lo”.

Outro traço do Sócrates de Xenofonte que aparece em Híeron é o ensinamento. O sábio Simônides, por meio de perguntas, conduz Híeron ao verdadeiro conhecimento da função e da importância da tirania, a saber, que o tirano é aquele que deve proteger e beneficiar sua própria comunidade, e que a tirania deve gerar uma empatia do tirano pelo seu povo. Desse modo, o Sócrates de Xenofonte se apresenta como alguém que “é um expert em educação” (DORION, 2006, p. 78), de modo que é muito diferente da ignorância socrática dos diálogos platônicos. Nesse sentido, Simônides e Sócrates de Xenofonte estão bem próximos um do outro.

---

<sup>5</sup>(Tradução Nossa). *Hier.* 1.1,2

Segundo Gray (1986, p. 123), “Xenofonte produziu um instrumento altamente original e altamente adequado para suas ideias. Isso é o que realmente explica a estranheza de sua forma, um diálogo socrático sem Sócrates”. Mais precisamente, “Xenofonte tem ‘socratizado’ o diálogo. Ele parece ter adaptado a história, como outros escritores certamente fizeram, e de uma maneira particularmente interessante” (GRAY, 1986, p. 122). Em suma, Xenofonte utiliza características de Sócrates para criar as personagens de *Hieron*, a fim de construir um diálogo entre o sábio Simônides e o tirano Hieron, no qual tenta-se provar que a tirania pode ser benéfica e não maléfica para o povo.

## **Tirania**

A Grécia vivenciou alguns tipos de governo, tais como: a monarquia, a tirania e a democracia que serviram de modelo para o estabelecimento do governo das nações subsequentes. O objetivo deste estudo é abordar de forma introdutória o conceito de tirano e o desenvolvimento do tema da tirania no texto do *Hieron*.

O vocábulo τύραννος, (*tyrannos*) é um substantivo masculino que significa “governante absoluto, monarca, tirano, ele aparece raramente como feminino com o significado de dama, princesa, e também aparece como adjetivo: ditatorial, imperioso, governante” (BEEKES, 2010, p. 1519). Derivado desse vocábulo aparece o conceito de τυραννίς (*tyrannis*) ou τυραννία (*tyrannia*) (substantivo feminino) que significa “autocracia, despotismo, tirania” (BEEKES, 2010, p. 1519). É importante salientar que o vocábulo (*tyrannos*) não teve somente um significado ao longo da história da Grécia Antiga. Na literatura grega pode-se observar que esse vocábulo possui ora um caráter positivo, ora um caráter negativo (BIGNOTTO, 2020).

De acordo com Andrewes (1956), a primeira ocorrência do vocábulo (*tyrannos*) aparece nos escritos de Arquíloco em meados do século VII a.C. No fragmento 19 (Trímetros) está registrado desta forma:

Não me interessam os tesouros de Giges , rico em ouro. Não me domina a inveja nem me irritam as ações dos deuses . Não desejo a poderosa tirania. Pois bem de longe está isso de meus olhos (PESSANHA, 1989, p. 56).

Em relação a Giges, não se sabe ao certo, se foi ele que se apoderou do trono lídio, caso fosse ele, o vocábulo (*tyrannos*) teria sua origem na Lídia. Assim como não há certeza de que esse vocábulo possuía o significado de usurpador (BIGNOTTO, 2020).

Segundo Andrewes (1956, p. 23), “o uso de tirano como um simples equivalente para rei deve ser o uso original”. Esse uso aparece na poesia, como em Arquíloco, que não distinguiu entre *tyrannos* e *basileus*. Além disso, uma outra evidência que o vocábulo (*tyrannos*) era utilizado de forma positiva é que ele servia como epíteto de deus em cultos religiosos. Por outro lado, na prosa, o vocábulo assume uma característica negativa. Nos escritos de Sólon e Teógnis, o vocábulo (*tyrannos*) tem um sentido depreciativo que se aproxima do sentido negativo desse vocábulo na literatura em prosa grega (ANDREWES, 1956). Portanto, no começo do pensamento político da Grécia, chamar alguém de tirano era uma forma de reconhecimento do seu poder e isso lhe conferia mais prestígio, de modo que a escolha da palavra (*tyrannos*) ou (*basileus*) para esse propósito pouco importava (ANDREWES, 1956). Dessa forma, com a evolução do pensamento político grego, o vocábulo (*tyrannos*) passa a assumir uma característica negativa (BIGNOTTO, 2020). Como uma ideia negativa, a tirania é apresentada como uma forma de governo despótica por meio da qual, o tirano busca exercer o poder para seus interesses pessoais, tais como, o enriquecimento de maneira desonesta e a sua própria segurança, de modo que nada fazia para o benefício das cidades helênicas. A tirania negativa pode ser vista nas seguintes obras: *A Constituição de Atenas* de Aristóteles, *História* de Heródoto, *História da Guerra do Peloponeso* de Tucídides, a peça *Agamêmnon* do tragediógrafo Ésquilo, as peças *Édipo Rei* e *Antígona* do tragediógrafo Sófocles e *República* de Platão.

De acordo com Bignotto (2020, p. 192), “Xenofonte foi o único autor da Antiguidade que abordou o problema da tirania pondo em um diálogo um tirano real, e não um tirano virtual”. Uma outra questão importante é que o diálogo apresenta uma discussão importante sobre os aspectos positivos e negativos do exercício da tirania. Híeron aparece como protagonista na primeira parte do diálogo (1-7). Ele, como tirano, demonstra os problemas da tirania como uma forma de governo despótica. Segundo Gray (2007, p. 35, 36), “Simônides leva Híeron ao desespero, fazendo-o revelar sua ignorância sobre como alcançar a felicidade como governante na primeira parte da obra (1-7). Isso acontece porque Híeron vê a tirania despótica como um fardo e não como um meio de felicidade. Entretanto, Simônides aparece como protagonista na segunda parte do diálogo (8-11). Ele ensina Híeron as condições para que a tirania se torne positiva e, por meio dela, o tirano alcance a felicidade. De acordo com Gray (2007, p. 36), “a primeira parte é talvez destinada a dissuadir aqueles que estavam inclinados a buscar uma tirania, e a segunda a reformar aqueles que ainda não se deixaram intimidar”.

No primeiro capítulo das seções 1 a 10, o sábio Simônides pergunta a Híeron se ele poderia lhe responder a diferença entre a vida do tirano e a vida da pessoa comum em relação às alegrias e às dores dos homens (1.2). Segundo Gray (2007, p. 107), “o significado de ἰδιώτης (*idiótes*) depende do seu contexto, pois pode significar “um cidadão comum em oposição a um atleta profissional” (4.6), mas aqui é um cidadão comum em oposição a um τύραννος, (*tyrannos*) (tirano)”. Esse é o tema central do diálogo, pois conduzirá o leitor ao entendimento das duas concepções de tirania, a saber, a tirania despótica que será apresentada por Híeron como um meio de infelicidade e dor em relação a vida da pessoa comum (1.7-10; 2.6) e a boa tirania que será apresentada por Simônides como um meio de felicidade tanto para o tirano como para o povo a ele subordinado (8-11). Na sequência do diálogo, Híeron diz que não tem certeza se a vida da pessoa comum difere da vida do tirano (1.7), mas Simônides afirma que há uma diferença fundamental: a vida do tirano possui menos tristezas (1.8). Entretanto, Híeron discorda da afirmação de Simônides e a partir desse momento o tirano demonstrará os problemas da tirania despótica ou negativa, então, ele começa a mostrar, através dos seus argumentos, as causas que levam ao tirano ser mais infeliz do que a pessoa comum. A primeira causa é que o tirano tem uma tristeza mais dolorosa (1.8). No entanto, Simônides questiona o argumento de Híeron, pois para o sábio, se a afirmação do Híeron for verdadeira, como lidar com a realidade de que todas as pessoas desejam ser tirano, por causa da sua condição de poder e riqueza (1.9). Híeron responde que as pessoas comuns não conhecem a tirania de fato, porque nunca a experimentaram (1.10).

No primeiro capítulo das seções 11 a 38, Híeron continua respondendo a Simônides as causas da infelicidade do tirano em comparação com a pessoa comum. Ele “retoma a conversa e refuta sistematicamente a ideia de que os tiranos têm mais prazeres físicos nas áreas que Simonides mencionou: visões (1.11-13), sons (1.14-16), sabores (1.16-25), as delícias de Afrodite (1.26 -38)” (GRAY, 2007, p. 110). Segundo Híeron, os tiranos têm uma desvantagem em relação às pessoas comuns, pois eles não conseguem ir aos espetáculos públicos e usufruir desse momento de descontração e prazer porque não lhes é seguro ir a um lugar onde estarão expostos e poderão sofrer algum tipo de ataque físico. Quando Híeron diz que “as pessoas comuns vão para as cidades que desejam” (1.11), ele “sublinha pela primeira vez a liberdade essencial de circulação das pessoas comuns” (GRAY, 2007, p. 110) que podem se deslocar para as cidades que desejam e para os festivais comunitários, por outro lado, o tirano não tem essa liberdade,

ainda que ele deseje ir aos festivais comunitários, ele não pode seguir seu desejo, pois não é bom para o tirano deixar suas posses em casa porque não podem confiar sua propriedade a outras pessoas (1.11-12). Da mesma forma, se os tiranos permanecem em casa, eles também têm uma desvantagem, pois os artistas que vão até eles, a fim de lhes conferirem entretenimento, cobram dos tiranos um preço exorbitante somente porque eles são tiranos (1.13). Simônides tenta mostrar para Híeron que os tiranos têm alguma vantagem, pois sempre ouvem elogios e nunca ouvem censura, pois ninguém tem coragem de criticar um tirano (1.14). Mas, Híeron responde com duas perguntas retóricas, ou seja, que ele já sabe as respostas. Ele mostra que a infelicidade do tirano é motivada pela sua falta de confiança (GRAY, 2007) naqueles que pela frente do tirano o elogiam, mas em silêncio falam mal dele (1.15). Simônides concorda com o argumento do Híeron, com a finalidade de mostrar-lhe sua própria opinião a respeito da importância do tirano permitir que seu povo tenha liberdade de expressão para elogiá-lo de forma sincera (GRAY, 2007) (1.16). Em relação aos alimentos, Híeron afirma que pelo fato dos tiranos não esperarem algo novo como alimento, pois já provaram de tudo, eles têm menos prazer do que aqueles que têm menos alimentos em suas mesas e não provaram muitos tipos de comidas (1.17-18). Ademais, para Híeron, quanto mais comida se tem a sua disposição, mais rapidamente se chega a saciedade e, isso, causa menos prazer do que aqueles que têm menos comidas disponíveis (1.19). Novamente, Simônides tenta discordar do argumento de Híeron acrescentando que aqueles que consomem alimentos mais caros sentem mais prazer do que aqueles que consomem alimentos mais baratos (1.20). Mas, Híeron discorda da objeção de Simônides, através de duas perguntas, tentando mostrar a Simônides que os tiranos sentem menos prazer nas suas refeições do que as pessoas comuns (1.21). Nas seções subsequentes (1.22-25), Híeron mostra para Simônides porque os tiranos sentem menos prazer nos alimentos mais caros. Segundo ele, esses alimentos fornecidos aos tiranos são ácidos, picantes e amargos, de acordo com Gray (2007, p. 114), “os sabores dos pratos não são naturais porque são confeccionados (referência à sofisticação da gastronomia de Siracusa), mas também porque estimulam artificialmente um apetite esgotado pelo excesso”. Esses sabores desagradáveis, ainda que caros, servidos aos tiranos não causam-lhes satisfação. Híeron termina seu argumento sobre a alimentação na seção seguinte (1.25), quando ele diz que pelo fato dos tiranos terem sempre à disposição todos os tipos de alimentos, eles não têm desejo por eles, ao passo que aqueles que não têm todos os tipos de alimentos sempre à disposição se satisfazem quando têm



algo para comerem. Na última parte do seu argumento no capítulo 1, Híeron aborda a questão dos afetos do tirano (1.26-38). Simônides diz que em relação aos prazeres sexuais, os tiranos devem ter alguma vantagem em relação às pessoas comuns (1.26). Para Híeron, de fato, os tiranos estão em desvantagem nas relações afetivas em comparação às pessoas comuns. Ele finaliza seu argumento mostrando que os tiranos são mais infelizes nas relações afetivas do que às pessoas comuns porque as pessoas com que eles se relacionam fingem amá-los, de modo que não lhes correspondem com um afeto verdadeiro (1.27-38).

No segundo capítulo (2.1-6), Simônides parece aceitar os argumentos anteriores de Híeron de que os tiranos têm menos felicidades do que as pessoas comuns no que concerne aos prazeres vinculados ao âmbito físico como visões (1.11-13), sons (1.14-16), sabores (1.16-25), aos afetos e prazeres sexuais (1.26 -38) (GRAY, 2007). Mas, o sábio diz que os tiranos se diferenciam das pessoas comuns nos seguintes aspectos: na grandeza das suas conquistas, na abundância das suas posses e armas, na excelência na ajuda aos seus amigos e no prejuízo aos seus inimigos (2.2). Híeron refuta os argumentos de Simônides. O tirano diz que muitos são enganados pela tirania, pois acreditam que alguns tiranos são felizes (2.3), no entanto, ele afirma que as dificuldades da tirania estão ocultas nas almas dos tiranos porque é na alma que reside a verdadeira felicidade e a infelicidade de todo ser humano e não nas coisas materiais (2.2-4.5). Por certo, o que falta para o tirano é a verdadeira felicidade que está presente na alma, pois ele já possui a falsa felicidade que é a conquista do mundo material e essa conquista não lhe fornece segurança ou satisfação (GRAY, 2007). O argumento de Híeron sobre a conquista do mundo material que causa a falsa felicidade na alma do tirano vai até o capítulo 6. Na sequência do capítulo 2, ele diz que os tiranos possuem a maioria dos grandes males e a minoria dos maiores bens (2.6), como exemplo, ele trabalha a questão da paz e da guerra. O argumento dele está organizado dessa forma: “(i) Paz (2.8), (ii) Campanhas contra outros (2.9), (iii) Defesa contra outros (2.10), (iv) Tréguas e tratados de paz (2.11), (v) Guerras comunitárias (2.12-16) ), (vi) A própria guerra do tirano contra seus cidadãos (2.17-18)” (GRAY, 2007, p. 120, 121).

O capítulo três é a sequência do argumento do Híeron sobre a infelicidade do tirano no âmbito da amizade. Ele começa analisando se a amizade é um grande bem para os homens (3.1), fornecendo uma sequência de etapas que devem acontecer na verdadeira amizade. A primeira etapa é quando a pessoa cumprimenta o amigo quando ele aparece;

a segunda, quando a pessoa presta algum serviço ao amigo; a terceira, quando a pessoa sente a falta do amigo quando ele está longe e prazer em recebê-lo de volta; e a última, quando a pessoa se regozija com o sucesso do amigo e se solidariza com seu fracasso (3.2) (GRAY, 2007). Esses são os requisitos, segundo Híeron, para que se possa dizer que existe uma amizade verdadeira entre duas pessoas. Na sequência, ele conclui que a amizade que cumpre esses requisitos “é o maior e mais prazeroso bem para os homens” (3.3). Entretanto, o adultério é retribuído com a morte dos envolvidos sem que os assassinos sofram penalidade. Isso é uma evidência de que “a forte prova do valor que os cidadãos atribuem à amizade é a pena de morte que impõem aos sedutores por roubarem a amizade de suas esposas” (GRAY, 2007, p. 123). Já na sequência (3.4), Híeron diz que o estupro é visto e tratado de maneira diferente do adultério, pois o adultério implicava a falta de amor da esposa pelo seu marido, enquanto o estupro não implicava a falta de amor da esposa pelo seu marido, mas somente a alienação de seu corpo (GRAY, 2007). Desse modo, a vítima de uma injustiça como o estupro tem menos culpa do que aquele que deliberadamente foi seduzido a praticar o adultério (GRAY, 2007). Portanto, “ao contrário da vítima de estupro, a mulher seduzida não podia mais viver com o marido sem que ele perdesse seus direitos, e ela mesma era formalmente desonrada, sendo impedida de participar dos ritos religiosos” (Harrison, 1968, p. 35, 36, citado por GRAY, 2007, p. 124). Diante do exposto, Híeron acredita que o amor é algo sublime, de modo que aquele que é amado recebe espontaneamente coisas boas tanto da parte dos Deuses quando da parte dos homens (3.5). Híeron conclui que os tiranos têm menos amor sincero e, conseqüentemente, amizades verdadeiras do que as pessoas comuns (3.6). Esta conclusão se deve pelo fato de que as relações afetivas entre os familiares e os amigos das pessoas comuns acontecem com um amor verdadeiro, ao passo que as relações afetivas entre os familiares e os amigos dos tiranos acontecem com ódio, traição, vingança e assassinato (3.7-8). Portanto, de acordo com Híeron, ninguém pode supor que os tiranos são amados por qualquer outra pessoa, se são odiados pelos seus familiares (3.9).

No capítulo quatro, Híeron apresenta mais uma causa da infelicidade do tirano, a saber, a falta de confiança nos outros. Para o tirano, a confiança é importante para que se mantenha relações afetivas verdadeiras, pois ela é a “causa de prazer ao corpo e à alma, não só porque é prazeroso poder confiar nos outros, mas porque a falta de confiança significa uma ameaça à pessoa do tirano” (GRAY, 2007, p. 125) (4.1-2). Híeron cita alguns exemplos práticos em que o tirano não pode confiar. O primeiro deles está no

âmbito doméstico, de modo que as esposas e os servos não podem ser confiáveis, pois podem colocar veneno na comida e na bebida do tirano (4.2). O segundo exemplo está na proteção mútua entre os cidadãos da cidade contra os malfeitores para que nenhum dos cidadãos sofra uma morte violenta (4.3). Essa proteção dos cidadãos contra a morte violenta acontece por meio de lei, ao passo que na vez do tirano, aquele que o assassina não recebe punição, ao invés disso, ele recebe grandes honrarias (4.4-5), demonstrando dessa forma que o assassinato do cidadão comum é desencorajado através de punição, enquanto que o assassinato do tirano é encorajado (GRAY, 2007). No terceiro exemplo, Híeron volta a falar sobre os bens materiais (4.6-11). Ele “desenvolve uma metáfora dos jogos para provar que o tirano não tem prazer quando tem mais do que seus próprios cidadãos comuns, que são seus inferiores, mas sente dor quando tem menos do que os outros tiranos” (GRAY, 2007, p. 126) (4.6). Além disso, Híeron diz que os desejos das pessoas comuns acontecem de forma mais rápida porque são mais fáceis de acontecer do que os desejos dos tiranos que são mais difíceis de acontecer, pois são muito elevados, como conquistar “cidades e terras” (4.7). Por fim, o tirano “redefine a riqueza que se diz possuir em relação às necessidades e se encontra o mais pobre dos pobres, pois não tem os meios para viver de acordo com a justiça, mas deve matar, roubar e aprisionar para alcançar a justiça: 7.7,10”. (GRAY, 2007, p. 126, 127) (4.8-11). Na seção (10) é a primeira vez que aparece a palavra “justiça” no diálogo, e é apresentada por Híeron como um “bem auto-evidente” (GRAY, 2007, p. 127).

No capítulo cinco, Híeron apresenta mais uma causa da infelicidade do tirano, a saber, o conhecimento de que os corajosos, os sábios e os justos são vistos pelos tiranos como potenciais sucessores deles. Por isso, em vez de admirá-los, os tiranos os temem, uma vez que os corajosos podem tentar algo pela liberdade, os sábios podem maquirar algo contra o regime tirânico e os justos são admirados pela multidão que deseja ser governada por eles (5.1). Desse modo, Híeron sabe que o amor à liberdade dos corajosos, dos sábios e dos justos, ameaça sua segurança, por isso deve eliminá-los e utilizar homens inferiores, tais como: os injustos, os imoderados e os servis em sua administração, pois não possuem o desejo pela liberdade (5.2) (GRAY, 2007). Além disso, segundo Híeron, outra causa da infelicidade do tirano é que ele deve amar a cidade, pois sem o apoio dela, ele não sobrevive, mas pelo fato dos cidadãos serem hostis a ele e ameaçarem a sua segurança, ele é movido pelo medo a desarmá-los e armar os estrangeiros, usando-os como guarda-costas (5.3) (GRAY, 2007). Híeron mostra que ainda motivado pelo medo

dos cidadãos se rebelarem contra a tirania, o tirano não se alegra com a prosperidade deles, pois sabe que se eles forem prósperos, eles ameaçariam a sua segurança, por isso, ele prefere promover a pobreza deles, a fim de que eles sejam mais submissos (5.4).

No capítulo seis, Híeron apresenta para Simônides as alegrias que ele tinha quando era uma pessoa comum, mas, pelo fato de ser um tirano, ele está privado delas (6.1). Então, quando ele era uma pessoa comum, ele tinha o prazer com suas companhias, prazer na sua própria quietude e prazer nas festas, esquecendo, dessa forma, das coisas difíceis na vida humana (6.2). Agora, como tirano, Híeron está privado do prazer da companhia de amigos, tendo como companheiros escravos, ele também está privado de manter uma relação agradável e sincera com eles porque os escravos não mostram nenhum interesse em manter uma relação de amizade com ele. Ademais, “ele positivamente evita não apenas a embriaguez que lhe deu tanto prazer como um indivíduo comum, mas também o sono que ele uma vez foi capaz de desejar” (6.3) (GRAY, 2007, p. 130). Em seguida, ele resume, com uma pergunta retórica, a infelicidade da vida do tirano que é vista em “uma sequência de medos conflitantes que refletem a confusão em sua alma” (GRAY, 2007, p. 130, 131). É uma condição perturbadora, o tirano “temer uma multidão, a solidão, a ausência de proteção, os próprios guardas, não desejar ter pessoas desarmadas ao seu redor, nem contemplar de forma aprazível pessoas armadas” (6.4). Segundo Gray (2007, p. 131), “Xenofonte aqui torna a condição uma luta interna na qual os desejos e os medos lutam entre si pela supremacia”. Com mais uma questão retórica, Híeron mostra que o tirano é movido pelo medo por “confiar mais nos estrangeiros do que nos cidadãos, mais nos bárbaros do que nos gregos, desejar ter homens livres como escravos, e ser obrigado a tornar os escravos homens livres” (6.5). Em suma, o tirano não pode confiar nas pessoas que são próximas a ele, pois eles não desejam ser leais a ele, por isso, o tirano através do medo de rebelião e traição os trata de forma impiedosa. Híeron, conclui que o medo que o acompanha o destrói por dentro, causando-lhe dor e infelicidade (6.6). Nas seções 7 a 11, Híeron volta a falar sobre a guerra, e tenta convencer Simônides do medo e do isolamento do tirano (GRAY, 2007). A guerra é muito pior para os tiranos, pois eles precisam se preocupar com os aliados que são potenciais inimigos e com os inimigos de fora, mas para as pessoas comuns, a preocupação é somente com os inimigos de fora (6.7-8). Simônides interrompe Híeron e diz que na guerra, as pessoas comuns possuem guardas que garantem a segurança dos cidadãos, os quais podem comer e dormir tranquilamente (6.9). Entretanto, Híeron diz que os tiranos obtêm guardar somente por meio de

pagamento e não por uma ação voluntária como é o caso das pessoas comuns (6.10). Mas, esses guardas que aparecem por causa do dinheiro não são confiáveis, pois podem matar o tirano motivados por dinheiro (6.11). Híeron “aborda o último item mencionado por Simônides ajudando amigos e prejudicando inimigos (2.2)” (GRAY, 2007, p. 132). Ele afirma que a relação de amigos e inimigos com o tirano não é como Simônides compreende. Para Simônides os tiranos são capazes de prejudicar os inimigos e beneficiar os amigos (2.2), mas para Híeron não é dessa forma (6.12). É evidente para Híeron que o tirano por não poder confiar em ninguém, ele não tem amigo verdadeiro, de modo que aqueles que recebem o seu benefício só se sentem seguro e contente quando estão longe da sua frente (6.13). Além disso, o tirano não pode matar seus inimigos, pois eles são muito numerosos, se ele fizesse isso, ele não teria quem governar (6.14). Os cidadãos que os tiranos temem “são como cavalos de temperamento imprevisível; ele tem que usá-los na gestão de sua administração por causa de suas boas qualidades, mas ele também tem que se proteger contra suas tendências selvagens” (6.15-16) (GRAY, 2007, p. 132).

No capítulo sete, Simônides tenta convencer Híeron de que os tiranos em relação aos outros seres humanos possui uma vantagem, a saber, serem honrados, servidos e admirados pelos seus subordinados. De acordo com Simônides, mesmo a tirania tendo graves problemas como Híeron disse anteriormente, os tiranos não a deixam, pois amam serem honrados e elogiados, e é isso que os diferem dos demais seres humanos e até dos animais (7.1-3). Por certo, para Simônides, os tiranos suportam todas as coisas ruins que sofrem na tirania porque “são honrados acima de todos os demais homens”, de modo que a alegria de ser honrado “é o que mais se aproxima do prazer que os deuses possuem” (7.1-4) (GRAY, 2007, p. 133). Nas seções (5-10), Híeron responde que assim como o prazer sexual do tirano não é conseguido de forma espontânea, a honra e o elogio também acontecem de forma que não é sincera, sendo que essas honras insinceras são consideradas “atos de escravidão”, pois são feitas movidas pelo medo dos subordinados de não sofrerem alguma punição do tirano (7.5-8). Mas, segundo Híeron, a verdadeira honra acontece quando as pessoas por vontade própria honram o governante que as beneficiam, de modo que os atos de reverência são movidos pelo amor e não pelo medo (7.9). O “livre arbítrio dos cidadãos é novamente uma parte importante da felicidade do governante, como (1.16)” (GRAY, 2007, p. 134). Quem é honrado pelos seus subordinados de forma livre e por amor não recebe algum malefício, de modo que vive

“sem medo, sem ser invejado e com felicidade”, mas o tirano é alvo de traição e rebelião por causa dos seus atos de injustiça (7.10). Híeron é “esclarecido o suficiente para reconhecer que o governante é verdadeiramente honrado por perseguir o objetivo adequado do governo, que é beneficiar aqueles que ele governa e garantir o ‘bem comum’” (GRAY, 2007, p. 134). Simônides, então, questiona Híeron sobre o exercício da tirania, ou seja, se é tão ruim ser um tirano, por que Híeron e qualquer pessoa que é um tirano não desistem voluntariamente da tirania? (7.11). O sábio sugere que o tirano tem a liberdade de abandonar a tirania, uma vez que ela lhe causou tantos malefícios, mas Híeron mostra para Simônides que o tirano não tem essa liberdade de abandoná-la, pois ele não poderia restituir todo o mal que causou no exercício da tirania (7.12) (GRAY, 2007). Dessa forma, Híeron chega a uma situação aparentemente sem solução favorável, a saber, que para o tirano “não é vantajoso nem ter nem abandonar as coisas ruins” (7.13). Esse dilema impossível é semelhante a aporia socrática (GRAY, 2007).

A primeira parte do diálogo (1-7) termina com os argumentos de Híeron sobre a infelicidade que uma tirania negativa causa na vida do tirano. Já, na segunda parte do diálogo (8-11), Simônides ensina Híeron como um tirano deve governar seus subordinados, a fim de que ele seja amado e obtenha muitas vantagens com isso. Em suma, o sábio apresentará para o tirano as condições para a tirania se tornar boa tanto para o tirano como para os cidadãos. Simônides se propõe a explicar para Híeron como governar para ser amado e lhe trazer maior felicidade do que o governo tirânico negativo (8.1). Ele busca mostrar que o governante pode agradar mais seus subordinados, não pelo seu grande poder e riqueza, mas nas pequenas atitudes (8.2). “Também em outros paradigmas de governo, pequenos gestos sempre contavam mais do que grandes presentes quando os governantes estavam ganhando amizade” (GRAY, 2007, p. 135). Por meio do uso de imperativos de terceira pessoa com perguntas retóricas sucessivas, Simônides tenta convencer Híeron de que “o governante tem um poder maior de conquistar amigos dando aos outros o prazer e o deleite que desejava para si; de modo que enquanto ele queria elogios de seus cidadãos (1.14-16), agora os cidadãos podem ouvir elogios dele e responder com amor” (8.3-4) (GRAY, 2007, p. 136). A honra e o favor dado pelos deuses ao governante lhe fornece uma posição privilegiada em relação às pessoas comuns. Ele é visto de forma mais atraente tanto pelos cidadãos como por aqueles que ele deseja ser amado (8.5-7) (GRAY, 2007). Híeron faz uma objeção ao argumento de Simônides sobre a posição privilegiada do tirano. O tirano precisa realizar coisas que fazem com que as

peças comuns o odeie. Essas coisas envolvem coerção e punição dos cidadãos. Além disso, o tirano precisa manter próximo a ele mercenários que o protegem, se tornando também um motivo do descontentamento dos cidadãos, pois eles “pensam que o guarda-costas dá vantagem aos tiranos sobre eles, mas o tirano precisa disso para preservar sua vida, o que ele pensa apenas o coloca em igualdade de condições com eles” (8.8-10) (GRAY, 2007, p. 137).

No capítulo (9.1-11), Simônides explica para Híeron que as tarefas do governante podem ser divididas em duas, a primeira delas leva à inimizade entre o tirano e os seus subordinados, já a segunda leva à gratidão dos seus subordinados. O sábio sugere, então, que Híeron deve delegar a primeira tarefa, pois gera o ódio dos cidadãos, ao passo que a segunda tarefa deve ser exercida pelo tirano, pois gera o amor dos cidadãos. O sábio tem em mente o modelo de elaboração de um coro dramático, no qual o arconte delega o treinamento, mas entrega os prêmios para cada participante (GRAY, 2007). Dessa forma, a “figura do governante é associada à recompensa e não à punição” (MÁRSICO; ILLARRAGA; BERNAL, 2017, p. 205). Então, para Simônides, o modelo de premiação destinado aos coros em que o governante lhes concede os prêmios, mas a montagem, o ensino e a coerção é aplicada por outras pessoas pode ser conduzido em outros assuntos políticos, a fim de que o tirano seja honrado e os corajosos, os sábios e os justos sejam encorajados “a competir pela honra na garantia da prosperidade militar e econômica da *polis*, e para tornar os cidadãos mais justos em suas relações uns com os outros” (GRAY, 2007, p. 138). Dessa forma, as ações dos cidadãos são condicionadas à premiação que é a recompensa pela competição, fazendo com que o tirano se torne um “dispensador de recompensas” (MÁRSICO; ILLARRAGA; BERNAL, 2017, p. 205). Portanto, se Híeron deseja ser amado, respeitado e honrado, ele deve providenciar que os cidadãos também sejam honrados, por meio de prêmios (GRAY, 2007).

No capítulo (10.1-8), Híeron concorda com o argumento anterior de Simônides sobre o tirano ser um “dispensador de recompensas”, a fim de ser honrado e amado. No entanto, Híeron pergunta a Simônides como não ser odiado pelos mercenários? E se o tirano ao conquistar a amizade verdadeira, não precisará mais de pessoas que o protejam? O sábio responde que o tirano precisará deles. Essa resposta, “realista e taxativa, visa apontar a persistência de conflitos que devem ser enfrentados, em segunda instância, com medidas de segurança” (MÁRSICO; ILLARRAGA; BERNAL, 2017, p. 208). Os guarda-costas são necessários para controlar os impulsos dos escravos e malfeitores contra o

tirano e contra os cidadãos da cidade, mas não são necessários para serem usados contra os homens virtuosos, uma vez que eles não causam malefícios para o governante e para a cidade. Além disso, os guarda-costas podem ser utilizados para proteger a propriedade dos trabalhadores do campo, garantindo dessa forma a confiança e a segurança a esses trabalhadores. Eles também poderiam deixar os cidadãos com tempo livre para cuidarem dos seus interesses privados, pois eles protegem a propriedade deles, lutam no exército no lugar deles e evitam que as cidades vizinhas queiram guerra contra a cidade deles, pois sabem que essa cidade possui homens armados e preparados para a guerra. Por fim, se os cidadãos “pagam por guardas particulares de suas próprias famílias” (GRAY, 2007, p. 141), eles pagarão esses combatentes porque eles impedem que os malfeitores pratiquem o mal, “não fazem nenhum mal a quem não pratica injustiça”, ajudam àqueles que foram injustiçados e protegem a cidade.

No capítulo (11.1-7), Simônides aconselha Híeron gastar mais seus próprios recursos em benefício da cidade do que em benefício próprio, pois é mais vantajoso para o tirano investir em segurança da cidade do que em segurança particular, uma vez que os seus inimigos o temeriam mais por isso. Da mesma forma, é mais vantajoso para o tirano empregar o capital de todos os cidadãos do que empregar somente seu capital, pois terá mais receita, como também é mais vantajoso para ele tornar possível que da sua cidade surjam prósperos criadores de cavalos e competidores para serem enviados aos festivais do que simplesmente fornecer para os festivais suas carruagens particulares. Dessa forma, gastar seus próprios recursos em benefício da cidade ocasionaria uma vitória maior para o tirano do que vencer os jogos pela excelência da sua equipe de carruagem de cavalos, pois a cidade que ele lidera estaria feliz por causa desta atitude. De acordo com Simônides, não é vantajoso para o tirano competir com seus cidadãos porque seria como que um atleta profissional competindo contra atletas amadores (4.6), isso geraria resultados negativos para o tirano (GRAY, 2007): “Se ele vencesse, não seria admirado, mas invejado”, pois possui a vantagem de ter muito dinheiro para se sobressair na competição, “ao passo que, se fosse derrotado, seria acima de tudo ridicularizado. Portanto, para Simônides, a competição do tirano não é contra os cidadãos da cidade, mas é contra os outros tiranos, mas se ele “fizer a cidade que ele lidera a mais feliz, será proclamado vencedor da disputa mais bela e magnífica entre os homens”. Em suma, “o eco da descrição anterior das corridas de carruagem (11.5) cria uma composição em anel<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup>A expressão original é “ring-composition”.



em torno desta seção, substituindo as corridas de carruagem por um bom governo” (GRAY, 2007, p. 143).

No capítulo (11.8-15), Simônides mostra como Híeron pode “ser feliz sem ser invejado”. Desse modo, para o sábio, se o tirano cuidar da cidade praticando o bem e a tornando feliz, ele será amado, elogiado, honrado em público, servido de maneira espontânea, desejado, cuidado voluntariamente, protegido, confiante como governante, estará livre do medo de assistir espetáculos, terá amizades verdadeiras e, conseqüentemente, alcançará a “(*eudaimonia*) (felicidade)<sup>7</sup> pessoal que vem do consentimento de seu povo ao seu governo” (GRAY, 2007, p. 143). Em suma, Simônides inverte a condição de infelicidade do tirano em todos os pontos que Híeron apresentou anteriormente (GRAY, 2007). Segundo Gray (2007, p. 145),

Este clímax dá o sentido de uma conclusão ao trabalho. A identificação dos interesses do tirano com os de sua comunidade é uma inversão tão grande da definição usual de tirania que o tirano permanece um tirano apenas de nome. O paradoxo vencedor é que, ao fundir seus interesses com os da comunidade, ele obtém o apoio deles para os seus próprios interesses.

De acordo com Dillery (2017, p. 208),

O tratamento da tirania de Simônides no Híeron, em que o poeta procura restaurar o tirano de seu desespero aporético sobre o que ele considera ser as falhas internas e, portanto, permanentes do poder autocrático, constitui uma grande ponte para outras obras de Xenofonte e é também um esboço significativo, avant la lettre, do reinado helenístico. Basicamente, o tirano da visão de Simônides (e de Xenofonte) é entender o projeto de governar dividido em duas partes: “ensinando (τὸ διδάσκειν) o povo” e (em nossa linguagem moderna de negócios) “incentivando-os” a um bom e lucrativo comportamento. Isso deve ser a tarefa do próprio governante (Híer. 9.2), ao passo que ele deve delegar o aspecto coercitivo de governar a “outros” (9.3).

Ainda sobre a tirania, Gray afirma que Xenofonte apresenta três visões sobre a tirania, a saber,

Primeiro a visão popular dela, ironicamente adotada por Simônides e socraticamente demolida por Híeron, então a visão do próprio Híeron que emerge no decorrer desse argumento, que a tirania é uma condição miserável e, finalmente, a perspectiva de Simônides de que a tirania ainda pode ser feliz se for bem administrada. A visão popular baseia-se nas aparências, a visão do tirano, na experiência, e a visão do sábio, no intelecto (GRAY, 1986, p. 117).

Ademais, Dillery mostra que há algo de novo nesse diálogo quando se trata do papel da tirania. Ele conecta essa nova concepção de tirania ao modo de pensar e agir dos governantes helenistas. Esse novo entendimento da função do tirano está descrito desta forma:

---

<sup>7</sup>Acréscimo nosso.

Mercenários devem servir não apenas como a guarda pessoal do governante, eles devem proteger toda a comunidade (10.4); o governante deve usar sua propriedade para beneficiar o “bem comum” (11.1). Em outras palavras, até certo ponto, deve haver uma identificação dos interesses do governante e de sua comunidade; não o predador cruel de seu próprio povo (a visão tradicional do tirano), a violência que deve ser feita a eles em nome da censura ou coerção é para ser feito por “outros”. O governante e seu estado tornam-se assim uma única entidade e competem com outros estados em uma grande competição atlética política, sendo o governante o principal antagonista (ver especialmente *Hier.* 11.7-9) (DILLERY, 2017, p. 208).

Desta forma, o tirano (na segunda parte do diálogo *Hieron* – capítulos 8 a 11) não é apresentado como um “predador cruel do seu povo”, assim como é descrito na *República*: “Para falarmos primeiro da cidade, classificarás de livre ou de escrava a que for governada por um tirano? A mais escrava que é possível” (577c, trad. Maria Helena da Rocha Pereira). Mas, pelo contrário, o tirano no *Hieron* é aquele que deve proteger e beneficiar sua própria comunidade. De fato, é apresentada uma empatia do tirano pelo seu povo.

Realmente, em *Hieron*, há uma inversão da ideia sobre a tirania apresentada por Simônides (capítulos 8 a 11). Segundo o sábio, a tirania eficiente não é mais vista como um poder que escraviza e prejudica o povo (despótica), pelo contrário, a tirania pode ser eficaz desde que seja bem administrada para corresponder aos benefícios do povo (esclarecida) (*Hier.* 11.7-9).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa foi proposto a discussão das principais características e problemáticas sobre o diálogo de *Híeron*. Em primeiro lugar, abordou-se quem foi Xenofonte e sua principal teoria a respeito do líder ideal. Segundo o filósofo, esse líder deve garantir e promover benefícios aos seus súditos, a fim de que eles retribuam esses benefícios com respeito e honra. Essa concepção de liderança que busca o interesse dos outros e não somente os interesses do líder é uma inovação de Xenofonte no tratamento do tema da tirania, uma vez que o tirano era visto como o predador cruel do seu povo. Em segundo lugar, discutiu-se a datação do diálogo de *Híeron* que provavelmente foi escrito nos últimos anos de Xenofonte. Em terceiro lugar, apresentou-se quem foram historicamente as personagens Simônides e Híeron que fazem parte do diálogo. O primeiro foi considerado um sábio e poeta que viveu na época das Guerras Médicas e o segundo foi um governante que sucedeu seu irmão no governo de Siracusa em 478 a.C. Em quarto lugar, apresentou-se uma divisão do diálogo em duas partes principais: a primeira parte que vai do capítulo 1 ao capítulo 7 com Híeron como protagonista discursando sobre a infelicidade que a tirania despótica causa na vida do tirano, já a segunda parte vai do capítulo 8 ao capítulo 11 com Simônides como protagonista ensinando a Híeron como o tirano pode ser feliz na prática de uma tirania que busca beneficiar o povo. Em quinto lugar, o diálogo de *Híeron* é compreendido como um gênero literário nos moldes socráticos, mas sem Sócrates. Por último, apresentou-se como o tema da tirania é exposto no diálogo de *Híeron*. Na primeira parte do diálogo (capítulo 1 ao 7), a tirania é compreendida como uma forma negativa de governo, de modo que o tirano não consegue ser feliz, pois não consegue confiar em ninguém ao seu redor. Ao passo que na segunda parte do diálogo (capítulo 8 ao 11), a tirania é vista como um meio de promover a felicidade do povo e, conseqüentemente, a do tirano.

## TRADUÇÃO

### CAPÍTULO 1

(1) Certa vez, o poeta Simônides chegou ao tirano Híeron. Quando ambos tiveram um tempo livre, Simônides lhe disse:

— Por acaso, estaria disposto, Híeron, a me relatar o que provavelmente você conhece melhor do que eu?

— E quais são estes assuntos, disse Híeron, que de fato eu saberia melhor do que você, que é um homem assim tão sábio?

(2) — Eu sei, disse ele, que você nasceu como uma pessoa comum e agora é um tirano. Então, tendo experimentado ambas as coisas, provavelmente você sabe mais do que eu a diferença entre a vida do tirano e a vida da pessoa comum em relação às alegrias e às dores dos homens.

(3) — Por que, então, disse Híeron, você não me recorda, já que ainda hoje continua sendo uma pessoa comum, o modo de vida da pessoa comum? Dessa maneira, pois, eu suponho que seria capaz de lhe mostrar melhor a diferença entre ambas.

(4) Desta forma, então, Simônides lhe disse:

— Quanto a mim, acredito ter observado bem, Híeron, que as pessoas comuns têm prazer e se entristecem com o que se vê com os olhos, com o que é ouvido com os ouvidos, com o que é sentido por meio do nariz, com as comidas e bebidas ingeridas pela boca, e em relação aos prazeres sexuais, através daquilo que todos sabemos.

(5) No frio e no calor, no duro e no macio, no leve e no pesado, parece-me que julgamos que, em relação a essas coisas, sentimos prazer e dor com todo o corpo. Parece-me que, em relação às coisas boas e más, às vezes sentimos prazer através da própria alma, às vezes, dor, e outras vezes através da alma e do corpo em conjunto.

(6) Parece-me que temos a sensação de prazer com o sono; todavia, como, por que meio e quando, disse ele, tais coisas, considero de certo modo ignorar. Talvez não seja em nada admirável, se estar acordado nos oferece sensações mais claras do que as que ocorrem durante o sono.

(7) Então, Híeron respondeu a esses assuntos:

— Pois bem, eu, ó Simônides, disse ele, além dessas coisas que você diz, nem mesmo poderia dizer como perceberia alguma outra coisa o tirano, de modo que, até aqui, eu não sei se a vida do tirano em alguma coisa difere da vida da pessoa comum.

(8) E Simônides lhe disse:

— Mas ela, disse ele, se difere no seguinte: desfruta muito por meio de cada uma dessas coisas, e tem muito menos tristezas.

E Híeron lhe disse:

— Não é assim, ó Simônides, mas bem sabe que os tiranos desfrutam muito menos do que as pessoas comuns que levam uma vida moderada, e se entristecem de forma muito mais dolorosa.

(9) — Você diz coisas inacreditáveis, disse Simônides. Se essas coisas fossem assim, como muitas pessoas poderiam desejar ser tirano, mesmo aqueles que possuem reputação de serem homens de amplas riquezas? E como todos poderiam invejar os tiranos?

(10) — Porque de fato, por Zeus, disse Híeron, examinam o próprio assunto sem terem experiência de ambas as coisas. Mas eu tentarei mostrar a você que falo a verdade, iniciando pela visão, pois, pelo que me lembro, você começou a falar a partir dela. (11) Em primeiro lugar, então, levando em consideração as coisas observadas por meio da visão, eu considero que os tiranos estão em uma condição pior. Em todo lugar há coisas que vale a pena ver, e, à procura dessas coisas, as pessoas comuns vão para as cidades que desejam em busca de espetáculos, e vão para os festivais comunitários, onde estão juntas todas as coisas que parecem valer mais a pena para os homens verem. (12) Já os tiranos não se ocupam muito com os espetáculos públicos, pois não lhes é seguro ir aonde não serão mais fortes do que os presentes, nem as suas posses estão seguras em casa, a ponto de viajarem confiando a sua propriedade a outras pessoas. Com efeito, temem ao mesmo tempo serem privados do poder e se tornarem impotentes para se vingar daqueles que cometeram uma injustiça. (13) Então, talvez você dissesse: mas coisas como essas vão até eles, mesmo permanecendo em casa. Por Zeus, ó Simônides, são apenas poucas dentre inúmeras, e tais coisas são oferecidas aos tiranos por um preço tão alto, que os artistas, sejam lá do que forem, esperam deixar o tirano depois de adquirir em pouco tempo muito mais do que eles ganham em toda a sua vida de todos os demais homens.

(14) E Simônides lhe disse:

— Mas se vocês estão com falta de espetáculos, pelo menos no que diz respeito à audição vocês têm alguma vantagem, já que o que é mais apazível aos ouvidos, o elogio,

nunca está em falta a vocês. Com efeito, todos os que estão ao redor de vocês elogiam todas as coisas que vocês disserem ou fizerem. Por outro lado, o que é mais severo aos ouvidos, a censura, vocês jamais ouvem, pois ninguém está disposto a falar contra um tirano olho no olho.

(15) E Híeron lhe disse:

— E que tipo de alegria você acredita, disse ele, que aqueles que não falam mal podem proporcionar, quando se sabe claramente que todas essas pessoas em silêncio pensam mal do tirano? Ou que tipo de alegria você acha que aqueles que elogiam podem proporcionar, quando são suspeitos de fazer esses elogios para adular? (16) E Simônides lhe disse:

— Nisto, por Zeus, Híeron, estou de acordo contigo, que os elogios dos indivíduos mais livres são os mais agradáveis. Mas você percebe? Não conseguiria jamais persuadir nenhum homem de que as coisas com as quais nós, homens, nos alimentamos, vocês não as desfrutam muito mais do que nós.

(17) — E eu sei, ó Simônides, disse ele, que é por esta razão que a maioria dos homens julga que nós bebemos e comemos mais agradavelmente do que as pessoas comuns: porque eles pensam que também eles fariam uma refeição mais agradável com o alimento servido para nós do que com o servido para eles. Com efeito, o que supera o habitual proporciona prazeres. (18) É por isso que todos os homens também esperam com prazer as festas, exceto os tiranos. Pois, uma vez que suas mesas estão sempre abundantemente preparadas, não há nenhum acréscimo a suas mesas em suas festas. De modo que, em primeiro lugar, eles provam menos do que as pessoas comuns desse prazer referente à expectativa. (19) E além disso, disse ele, eu sei muito bem o que você conhece por experiência: quanto mais comidas supérfluas alguém tem à sua disposição, tanto mais rapidamente a saciedade da comida se dá. De modo que, também no tempo do prazer, quem tem à sua disposição muitas coisas está numa condição inferior à daquele que tem um hábito moderado.

(20) — Mas, por Zeus, disse Simônides, enquanto a alma estiver se satisfazendo, desfrutam mais os que são nutridos com preparados mais caros do que os que são servidos com os mais baratos.

(21) — Muito bem, ó Simônides, disse Híeron, você acredita que quanto mais alguém se compraz com alguma coisa, mais impetuoso é seu desejo de realizar tal atividade?

— Certamente, disse ele.

— Por acaso você vê os tiranos indo para suas refeições com mais prazer do que as pessoas comuns indo às suas?

— Não, por Zeus, disse ele, de forma alguma, mas com menos vontade, como seria a opinião da maioria.

(22) — E então? disse Híeron. Você já observou estes muitos artifícios sutis que são fornecidos aos tiranos, coisas ácidas, picantes, amargas e outras mais semelhantes a essas?

— Certamente, disse Simônides, e eu realmente acho que essas coisas são antinaturais para os homens.

(23) — Então, você acredita, disse Híeron, que esses alimentos são outra coisa que não objetos de desejo de uma alma mole e fraca? Pois, de minha parte, sei bem, e você também sabe, que quem come com prazer não precisa desses artifícios.

(24) — Mas, de fato, disse Simônides, eu creio que esses perfumes caros, com os quais são ungidos, são mais apreciados por aqueles que estão próximos do que por vocês mesmos, de modo que também os cheiros desagradáveis da comida não são percebidos por quem a comeu, mas antes por aqueles que estão próximos.

(25) — É dessa maneira, disse Híeron, também com relação à comida: aquele que tem sempre à disposição todos os tipos de alimentos não tem desejo por eles, ao passo que aquele que carece de alguma coisa é quem se satisfaz com prazer, quando alguma coisa aparece para ele.

(26) — É provável, disse Simônides, que somente os prazeres sexuais produzem em vocês o desejo de ser tirano, pois, nesse caso, é possível a vocês estarem unidos com o que veem ser o mais belo.

(27) — Agora, de fato, disse Híeron, você disse algo em que – esteja seguro disto – estamos em condição inferior à das pessoas comuns. Em primeiro lugar, pois, o casamento parece ser melhor com aqueles que são mais ricos e poderosos, além de proporcionar ao noivo alguma honra acompanhada de prazer. Em segundo lugar, vem o casamento entre os semelhantes. O casamento com os inferiores, por sua vez, é considerado muito desonroso e inútil. (28) Portanto, para o tirano, a não ser que se case com uma estrangeira, é necessário se casar com pessoas de condição inferior, de modo que ele não fica contente. E, além disso, os cuidados das mulheres mais orgulhosas são os mais agradáveis, ao passo que os das escravas não são apreciados em nada, e se falham de alguma maneira, causam terríveis raivas e sofrimentos. (29) Nas relações sexuais com os meninos, novamente, muito mais do que nas relações sexuais com as esposas, o tirano

tem ainda menos alegrias. Pois todos nós sabemos, presumo eu, que os prazeres sexuais acompanhados de paixão proporcionam uma alegria muito especial. (30) Mas a paixão, por outro lado, tende muito menos a surgir no tirano, pois ela não se satisfaz com o que está à sua disposição, mas com aquilo que gera expectativa. Portanto, assim como o inexperiente na bebida não pode gostar de beber, o inexperiente na paixão é inexperiente nos prazeres sexuais mais aprazíveis.

(31) Assim disse Híeron. E Simônides sorriu e disse:

— Como diz, Híeron? Você afirma que a paixão pelos meninos não surge no tirano? Como então, disse ele, você ama Dêloco, que é chamado de o mais belo?

(32) — Porque, por Zeus, disse ele, ó Simônides, não é o que parece estar à minha disposição que eu mais desejo obter dele, mas o que é menos apropriado para um tirano chegar a alcançar. (33) Pois, de fato, eu desejo de Dêloco o que a natureza do homem força a requisitar dos belos, mas as coisas que desejo obter, almejo muito fortemente obtê-las com amizade e com consentimento, e creio que desejo menos tirar dele algo à força do que fazer algo prejudicial a mim mesmo. (34) Com efeito, em relação aos inimigos, acredito que o mais prazeroso de todas as coisas é tirar deles de forma involuntária, mas em relação aos meninos, os favores mais aprazíveis ocorrem, creio eu, quando eles estão dispostos a consentir. (35) Para começar, de quem corresponde ao afeto, aprazíveis são os olhares, aprazíveis as perguntas, aprazíveis as respostas, e mais aprazíveis e adoráveis as brigas e as discórdias. (36) Mas desfrutar dos meninos contra a sua vontade, disse ele, parece-me mais semelhante ao roubo do que aos prazeres sexuais. De fato, ao ladrão o ganho e o sofrimento do inimigo proporcionam certos prazeres. No entanto, obter prazer de alguém que se ama causando-lhe sofrimento, ser odiado mesmo o amando e tocá-lo mesmo o molestando, como isso não seria uma experiência desagradável e lamentável? (37) E, de fato, para a pessoa comum, quando o amado lhe presta alguma assistência, é evidência imediata de que ele sente afeição ao fazer esse favor, porque sabe que não há necessidade de assisti-lo, ao passo que o tirano nunca pode acreditar que está sendo amado. (38) Com efeito, sabemos que aqueles que prestam assistência por medo buscam, o máximo que podem, assemelhar-se àqueles que o fazem por afeto. E aliás, as conspirações contra os tiranos não têm nenhuma outra origem senão naqueles que mais fingiam amá-los.



## CAPÍTULO 2

(1) Em relação a esses assuntos Simônides lhe disse:

— Mas, de minha parte, parece-me que esses assuntos de que você fala são muito insignificantes. Pois eu vejo que muitos, disse ele, que parecem ser homens prontificam-se voluntariamente a ter menos alimentos, bebidas e iguarias e se afastam dos prazeres sexuais. (2) Mas vocês se diferenciam em muito das pessoas comuns no seguinte: têm grandes planos e os realizam rapidamente; têm muito mais do que o suficiente e possuem cavalos que se diferenciam pela virtude, armas que se diferenciam pela beleza, ornamentos estupendos para as mulheres, as casas mais magníficas, equipadas com bens de muito valor; além disso, possuem um grande número de servos excelentes e experientes, e são capazes de prejudicar os inimigos e beneficiar os amigos.

(3) Em relação a esses assuntos Híeron lhe disse:

— Mas não fico surpreso que a multidão de homens, ó Simônides, seja enganada pela tirania. Pois me parece que a multidão supõe, com base no que vê, que alguns são felizes e outros infelizes. (4) A tirania exhibe às claras os bens que parecem de grande valor para que sejam visíveis a todos, mas as dificuldades que a tirania possui estão ocultas nas almas dos tiranos, onde residem a felicidade e a infelicidade humanas. (5) Pois bem, que a multidão não observa isso, como dizia, não estou surpreso. Mas que também vocês são ignorantes nessas coisas, vocês que por sua inteligência parecem contemplar melhor do que com os olhos a maioria das coisas, parece-me ser surpreendente. (6) Eu, no entanto, sei claramente por experiência, ó Simônides, e te afirmo que os tiranos participam minimamente dos maiores bens, e possuem a maioria dos grandes males. (7) Por exemplo, se a paz parece ser o maior bem para os homens, pouquíssimo dela está em posse dos tiranos, e se a guerra é um grande mal, os tiranos participam da maior parte dela. (8) Outro exemplo: é possível para as pessoas comuns, desde que sua cidade não esteja em uma guerra envolvendo a todos, ir para o lugar que desejarem, não temendo que alguém os mate, ao passo que todos os tiranos vão por toda a parte como que em terra inimiga. Ao menos eles acreditam que é necessário andar armados e estar sempre rodeados por outros homens armados. (9) Em segundo lugar, as pessoas comuns, se avançam com um exército em território inimigo, e ao menos quando retornam para casa, acreditam que estão em segurança, ao passo que os tiranos, quando retornam para sua cidade, sabem que nessa ocasião estão entre os maiores inimigos. (10) E se outros mais fortes avançarem contra a

cidade? Nesse caso, se os mais fracos acreditam estar em perigo enquanto estiverem fora dos muros, mas, uma vez dentro dele, todos consideram estar em segurança, o tirano, em contrapartida, nem mesmo quando entra em sua casa está livre do perigo; pelo contrário, é especialmente aí que ele acredita dever estar muito mais vigilante. (11) Além disso, para as pessoas comuns, o repouso da guerra vem por meio de tréguas e paz, enquanto para os tiranos a paz não se estabelece com aqueles que estão sujeitos à sua tirania, nem o tirano ousaria ter confiança em tréguas.

(12) De fato, há guerras que as cidades lutam e há guerras em que os tiranos lutam contra aqueles que foram sujeitos à força. Agora, dessas guerras, todas as dificuldades que têm as pessoas que vivem nas cidades, o tirano também as tem; (13) pois ambos devem estar armados, manter a guarda e correr riscos, e se sofrerem algum mal uma vez derrotados, todos eles se lamentarão por isso. (14) Até esse ponto as guerras são iguais; todavia, os prazeres que as pessoas unidas na cidade têm ao lutar contra outras cidades, os tiranos não os têm mais. (15) Pois, sem dúvida, quando as cidades vencem na batalha seus oponentes, não é fácil dizer quão grande é o prazer que elas têm em derrotar os inimigos, quão grande é em persegui-los, e quão grande é em matá-los, e como elas sentem orgulho com essa tarefa, como elas angariam uma reputação ilustre, e como as pessoas que vivem na cidade se alegram ao considerarem que a exaltaram. (16) E cada um finge ter participado da estratégia e ter matado mais, sendo difícil descobrir onde não estão mentindo ainda mais, pois afirmam ter matado mais do que os que realmente morreram. Algo tão belo assim parece-lhes ser uma grande vitória. (17) Mas o tirano, em contrapartida, quando suspeita e, percebendo que alguns estão agindo contra ele, os mata, sabe que não está exaltando a cidade como um todo, e está ciente que governará sobre menos pessoas, não podendo se mostrar radiante nem glorificar seu feito; pelo contrário, ele atenua o ocorrido o quanto lhe é capaz, e fala em sua defesa, ao mesmo tempo em que age, que não cometeu injustiça. Desse modo, nem ele acredita que fez algo belo. (18) E quando morrerem aqueles que ele temia, não tem mais confiança em nada por causa disso, mas mantém a guarda ainda mais do que antes. E, então, o tirano tem realizado continuamente essa guerra que eu estou expondo.

### CAPÍTULO 3

(1) E, agora, observe como os tiranos compartilham da amizade! Em primeiro lugar, devemos verificar se a amizade é um grande bem para os homens. (2) Pois, sem dúvida, quando alguém é amado por alguns, aqueles que o amam o veem com prazer quando está presente, e com prazer lhe fazem bem, e sentem saudade dele quando ele está longe, e o recebem com mais prazer ainda quando volta, e se comprazem com as coisas boas dele, e o socorrem se o virem tropeçar. (3) De fato, não passa despercebido nem mesmo às cidades que a amizade é o maior e mais prazeroso bem para os homens. De todo modo, apenas os adúlteros a maioria das cidades admitem serem assassinados impunemente, evidenciando, com isso, que os considera destruidores da amizade das esposas com seus maridos. (4) Entretanto, quando a mulher submete-se a uma relação sexual por algum infortúnio, os maridos não as honram menos por causa disso, contanto que lhes pareça que o amor delas continue inviolado. (5) Mas, de minha parte, julgo que ser amado é um bem tão grande, que considero que os bens vêm espontaneamente para quem é amado, tanto dos deuses quanto dos homens. (6) E, então, é esse tipo de propriedade que os tiranos têm muito menos do que todos. Mas se deseja, ó Simônides, saber que digo a verdade, examine da seguinte maneira. (7) Sem dúvida, as amizades mais firmes parecem ser de pais para com os filhos, de filhos para com os pais, de irmãos para com os irmãos, de mulheres para com os seus maridos e de companheiros para com os companheiros. (8) Pois bem, se você deseja observar com cuidado, descobrirá que as pessoas comuns são muitíssimo amadas por esses, enquanto muitos tiranos mataram seus próprios filhos, muitos foram mortos por seus filhos, muitos irmãos, companheiros na tirania, tornaram-se assassinos um do outro, e muitos tiranos foram destruídos por suas esposas e por companheiros que pareciam ser seus melhores amigos. (9) Então, pelo fato de serem assim odiados por aqueles com os quais estão ligados por natureza e constrangidos pelo costume a sobretudo amá-los mais, como alguém deve supor que eles são amados por qualquer outra pessoa?

## CAPÍTULO 4

(1) Além disso, como pode aquele que é menos confiável receber um enorme benefício? Pois, que tipo de companhia é agradável sem confiança mútua? Que tipo de relação entre homem e mulher é agradável sem confiança? E que servo é agradável se não é confiável? (2) Portanto, dessa confiança nos outros, o tirano é o que menos compartilha; por exemplo, quando ele caminha hesitante até suas comidas e bebidas, antes de oferecê-las aos deuses, eles ordenam que os seus servos as provem primeiro, por causa da desconfiança de que eles possam comer ou beber algo ruim. (3) Além disso, a pátria é a coisa mais valiosa para os demais homens, pois os cidadãos se protegem, sem remuneração, contra rebeliões de escravos, se protegem contra os malfeitores, a fim de que nenhum cidadão tenha uma morte violenta. (4) E eles vão tão longe em suas precauções que muitos elaboram uma lei segundo a qual nem mesmo quem convive com um assassino está puro, de modo que cada cidadão vive em segurança devido à sua pátria. (5) Para os tiranos, em contrapartida, essa situação se inverte. Pois, em vez de vingá-lo, as cidades oferecem grandes honrarias ao assassino do tirano, e, em vez de excluí-lo dos templos, como são excluídos os assassinos das pessoas comuns, as cidades fixam imagens nos templos de quem empreendeu uma ação como essa.

(6) E se você acredita que, porque o tirano tem mais bens do que as pessoas comuns, por essa razão ele também usufrui mais desses bens, não é isso o que acontece, ó Simônides; pelo contrário, assim como os atletas não se contentam quando são melhores do que as pessoas comuns, mas se entristecem quando perdem para seus oponentes, da mesma forma o tirano não se contenta quando notoriamente possui mais do que as pessoas comuns, e quando tem menos do que os outros tiranos, ele se entristece por causa disso. Com efeito, ele acredita que eles são seus oponentes no que tange à riqueza. (7) Nem mesmo o que se deseja vem mais rápido ao tirano do que à pessoa comum, pois a pessoa comum deseja uma casa, um campo ou um escravo doméstico, enquanto o tirano deseja cidades, muitas terras, portos ou cidades fortificadas, que são coisas muito mais difíceis e perigosas de serem conquistadas do que os objetos de desejo das pessoas comuns. (8) E, além disso, você verá que, enquanto poucas pessoas comuns são pobres, muitos tiranos o são. Com efeito, não se determina o muito ou o pouco pelo número, mas pelos usos, de modo que o que excede o suficiente é muito, e o que está abaixo do suficiente é pouco. (9) Assim, para o tirano, numerosos bens são menos que o suficiente para as despesas

necessárias do que para a pessoa comum. Pois é possível que as pessoas comuns diminuam seus gastos diários como desejam, mas isso não é possível para os tiranos, uma vez que suas maiores e mais necessárias despesas são para preservar sua vida. E diminuí-las parece-lhes causar sua destruição. (10) E ainda, por que alguém teria pena, como se fossem pobres, daqueles que obtêm com justiça tudo o que necessitam? Mas, quanto aos constrangidos pela necessidade a viver planejando algo ruim e vergonhoso, como não os consideraria justamente miseráveis e pobres? (11) Portanto, os tiranos são obrigados a roubar injustamente inúmeros templos e homens porque sempre necessitam de mais posses para suas despesas necessárias. Pois, como estão sempre em guerra, eles são obrigados a manter um exército ou então serem mortos.

## CAPÍTULO 5

(1) Eu também mencionarei para você outro sofrimento difícil, ó Simônides, dos tiranos. Com efeito, eles conhecem, não menos do que as pessoas comuns, os indivíduos corajosos, sábios e justos. Mas, em vez de admirá-los, eles os temem: os corajosos, que eles intentem algo pela liberdade; os sábios, que maquinem algo; os justos, que a multidão deseje ser governada por eles. (2) E quando, por medo, eles eliminam essas pessoas, que outros indivíduos lhes restam para se relacionar senão os injustos, os imoderados e os servís? Os injustos são confiáveis porque temem, assim como os tiranos, que as cidades se tornem livres e venham a moderá-los; os imoderados, por sua vez, por causa da inexistência de controle vigente; e os servís, porque nem mesmo acreditam que possam ser livres. Então, da minha parte, parece-me também difícil este sofrimento: considerar que alguns homens são bons, mas ser obrigado a se relacionar com outros.

(3) Além disso, é necessário também que o tirano ame a cidade. Pois, sem a cidade, ele não seria capaz de se preservar nem ser feliz, mas a tirania obriga-o a perturbar a sua própria pátria. Com efeito, eles não se regozijam em preparar cidadãos corajosos e bem armados; pelo contrário, eles se comprazem mais com tornar os estrangeiros mais poderosos do que os cidadãos, usando-os como guarda-costas. (4) E nem mesmo quando as boas temporadas trazem abundância de bens, o tirano assim se alegra. Pois, quando os

cidadãos estão mais necessitados, os tiranos julgam encontrar neles uma atitude mais submissa.

## CAPÍTULO 6

(1) Eu desejo, ó Simônides, disse ele, mostrar para você aquelas alegrias que eu tinha quando era uma pessoa comum, mas que, agora, desde que me tornei tirano, percebo que estou privado delas. (2) Com efeito, eu convivía comprazendo-me com os da minha idade, que se compraziam comigo, e convivía comigo mesmo quando desejava quietude, e passava muito tempo em festas até me esquecer de todas as coisas que são difíceis na vida humana, muitas vezes até submergir minha alma em canções, festas e danças, e muitas vezes até surgir o desejo sexual tanto em mim como naqueles que estavam comigo. (3) Agora, entretanto, estou privado daqueles que se compraziam comigo por ter como companheiros escravos em vez de amigos, e também estou privado de me associar de forma agradável com eles por não ver neles nenhuma boa vontade para comigo. Eu me protejo da bebida e do sono como de uma armadilha. (4) Temer uma multidão, temer a solidão, temer a ausência de proteção, temer também os próprios guardas, não desejar ter pessoas desarmadas ao seu redor, nem contemplar de forma aprazível pessoas armadas, como essa condição não é perturbadora? (5) E, além disso, confiar mais nos estrangeiros do que nos cidadãos, mais nos bárbaros do que nos gregos, desejar ter homens livres como escravos, e ser obrigado a tornar os escravos homens livres, todas essas coisas não lhe parecem ser sinais de uma alma aterrorizada pelo medo? (6) Realmente, o medo não só causa dor por si mesmo quando reside na alma, mas se torna também o destruidor de todos os prazeres que o acompanham.

(7) E se você tem experiência em assuntos de guerra, ó Simônides, e alguma vez já se aproximou da linha de batalha do inimigo, recorde-se da qualidade da comida que comia naquele tempo, e da qualidade do sono que tinha! (8) Bem, se para você tais coisas eram dolorosas, para os tiranos são semelhantes e ainda piores, pois os tiranos acreditam que veem inimigos não somente na frente deles, mas de todos os lados.

(9) Quando ouviu essas coisas, Simônides interrompeu e disse:

— Parece-me que você disse muito bem algumas coisas, pois a guerra é de fato algo terrível; no entanto, ó Híeron, nós, quando estamos em campanha militar, estabelecemos guardas e então garantimos nossa comida e nosso sono com confiança.

(10) E Híeron disse:

— Sim, por Zeus, ó Simônides, pois as leis os vigiam, de modo que eles temem por si mesmos e por vocês, ao passo que os tiranos obtêm guardas por meio de pagamento, assim como os trabalhadores temporários. (11) Sem dúvida, é necessário que os guardas não sejam capazes de fazer nada a ponto de serem confiáveis, e é muito mais difícil encontrar alguém confiável do que muitos trabalhadores para qualquer tipo de trabalho que você deseje, especialmente, quando os guardas aparecem por causa do dinheiro; e é possível que eles consigam muito mais dinheiro em pouco tempo matando o tirano do que eles recebem do tirano em muito tempo de guarda.

(12) E, quanto a você sentir inveja de nós, porque somos capazes de fazer bem para nossos amigos, e porque conquistamos sobretudo os nossos inimigos mais do que qualquer pessoa, o caso não é bem assim. (13) Pois, como pode considerar alguma vez fazer bem aos amigos, quando bem sabe que quem recebe o melhor de você ficaria extremamente contente em desaparecer da sua frente o mais rápido possível? Pois, o que alguém recebe de um tirano ninguém considera que seja seu, até que esteja fora dos domínios dele. (14) E, por outro lado, como pode dizer que é possível que os tiranos conquistem seus inimigos, quando eles sabem que seus inimigos são todos aqueles sujeitos a seu controle, que não podem matar nem prender todos eles (pois, então, quem eles governariam?), mas que, embora saibam que são inimigos, precisam ao mesmo tempo proteger-se deles, sendo obrigado a lidar com eles? (15) E saiba bem isto, ó Simônides: que aqueles cidadãos que eles temem, é difícil para os tiranos vê-los vivos, assim como lhes é difícil matá-los. Como também no que diz respeito ao cavalo: se ele é bom, porém temível por poder fazer algo irremediável, seria difícil para alguém matá-lo por causa da sua excelência. (16) Assim como lhe seria difícil usá-lo em vida, devido ao cuidado para que, em momentos de perigo, não faça algo irremediável; e em relação a todas as outras posses que, embora tragam dificuldades, também são úteis, do mesmo modo elas causam dor a quem as adquire, assim como causam dor a quem as descarta.

## CAPÍTULO 7

(1) Quando Simônides ouviu esses argumentos dele, disse:

— Parece, ó Híeron, que a honra é uma coisa importante, por cujo desejo os homens se submetem a todo tipo de trabalho e suportam todo tipo de perigo. (2) E vocês, como parece, mesmo a tirania tendo tão graves problemas como está sendo dito, no entanto, se precipitam nela, a fim de que sejam honrados e todos sirvam a todas as suas ordens sem hesitação, e que todos os admirem, levantem-se dos seus assentos e abram caminho na estrada, e que todos os presentes sempre os venerem em palavras e ações. Com efeito, aqueles que são comandados fazem essas coisas para os tiranos e para qualquer outra pessoa que eles venham a honrar em algum momento. (3) Parece-me de fato, ó Híeron, que um homem se difere dos outros animais por isto: pelo desejo de honra. Pois todos os animais parecem igualmente ter prazer nas comidas, bebidas, sons e relações sexuais, ao passo que o amor à honra não surge naturalmente nos animais irracionais nem em todos os homens. Mas aqueles em que surge naturalmente o desejo por honra e elogio são os que mais se diferem dos animais, e são considerados homens, não somente seres humanos. (4) Assim, parece-me razoável que vocês suportam todas essas coisas que sofrem na tirania, uma vez que são honrados acima de todos os demais homens. Pois nenhum prazer humano parece estar mais próximo do divino do que a alegria associada às honras.

(5) Em relação a esses argumentos, Híeron disse:

— Mas, ó Simônides, também as honras dos tiranos me parecem semelhantes aos seus prazeres sexuais, como eu demonstrei para você. (6) Pois nem os serviços daqueles que não retribuem o amor nos parecem ser gratificantes, nem as relações sexuais forçadas parecem apazíveis. Da mesma forma, portanto, nem os serviços daqueles que têm medo são honras. (7) Pois como poderíamos dizer que aqueles que se levantam dos seus assentos pela força se levantam porque honram quem pratica injustiças? Ou que aqueles que abrem caminho para as pessoas mais fortes abrem caminho porque honram quem pratica injustiças? (8) E muitos dão presentes a quem odeiam, e isso acontece quando eles temem sobretudo sofrer alguma coisa de ruim por parte dele. Mas acredito que esses atos seriam razoavelmente considerados atos de escravidão; mas, da minha parte, me parece que as honras surgem de uma situação oposta a essa. (9) Com efeito, quando as pessoas acreditam que um homem é capaz de beneficiá-las e consideram que desfrutam de coisas



boas vindas dele, de modo que de sua boca só sai elogios a ele, e todas elas o veem como o seu próprio bem, e abrem caminho voluntariamente para ele na estrada e se levantam dos seus assentos por afeição e não por medo, e o coroam por causa da sua virtude pública e da sua beneficência, e desejam presenteá-lo; pois bem, essas pessoas me parecem que o honram verdadeiramente quando prestam esses serviços, e quem é considerado merecedor deles é honrado de fato. (10) E, da minha parte, considero bem-aventurado quem é assim honrado, pois percebo que ele não é traído e nada de ruim lhe acontece, de modo que passa sua vida sem medo, sem ser invejado, sem perigo e com felicidade. Mas, saiba bem, ó Simônides, que o tirano passa a noite e o dia como se tivesse sido condenado à morte por todos os homens por causa da sua injustiça.

(11) Depois que ouviu todos esses argumentos, Simônides disse:

— E como, ó Híeron, disse ele, se é tão ruim ser tirano e você sabe disso, não consegue se livrar de um mal tão grande? Como é que nem você nem qualquer outra pessoa jamais desistiram voluntariamente da tirania, uma vez tendo-a adquirido?

(12) — Porque, disse ele, ó Simônides, também nisso a tirania é a coisa mais miserável, pois tampouco é possível livrar-se dela. Como lograria um tirano devolver as riquezas que roubou, ou ser aprisionado como retribuição por todos aqueles que aprisionou? Ou por todos que matou, como poderia ele fornecer almas o suficiente para morrer em troca?

(13) Mas, ó Simônides, se é vantajoso a alguém enforcar-se, saiba, disse ele, que ao menos eu acho que é vantajoso ao tirano fazer precisamente isso. Pois somente a ele não é vantajoso nem ter nem abandonar as coisas ruins.

## CAPÍTULO 8

(1) Simônides interrompeu e disse:

— No presente momento, ó Híeron, não me surpreende que você esteja desanimado com a tirania, uma vez que, desejando ser amado pelos homens, você considera ser ela um impedimento para você em relação a isso. No entanto, parece-me que posso lhe explicar como governar não impede alguém de ser amado, além de lhe trazer mais vantagens do que a condição de uma pessoa comum. (2) Ao examinar se é dessa forma, não consideremos ainda se, por causa do seu grande poder, o governante também poderia

agradar mais; no entanto, ainda que a pessoa comum e o tirano façam coisas semelhantes, reflita sobre qual dos dois obtém maior gratidão pelas mesmas atitudes! Começarei pelos exemplos de menor importância. (3) Primeiro, o governante e a pessoa comum veem alguma pessoa e conversam com ela amigavelmente. Nessa situação, qual das duas saudações você considera mais agradável a quem ouve? Adiante, então! Ambos elogiam a mesma pessoa: qual dos dois elogios você acredita ser mais agradável? E cada um deles confere honras ao fazer sacrifícios: qual das duas honras você acredita obter maior gratidão? (4) Cuidam de modo semelhante de quem está doente: não está claro que os cuidados das pessoas mais poderosas também produzem uma maior satisfação? Supõe agora que os dois dão presentes iguais: não está claro, também nessa situação, que a metade dos favores dos mais poderosos podem mais do que todos os presentes da pessoa comum? (5) E me parece que também dos deuses uma honra e um favor acompanham o homem que é governante, não apenas porque isso torna o homem mais belo, mas também porque o contemplamos com mais prazer quando ele governa do que quando ele é uma pessoa comum, e nos exultamos mais quando conversamos com pessoas já honradas do que com as pessoas iguais a nós. (6) E em relação aos meninos, a respeito dos quais você principalmente criticava a tirania, eles se incomodam minimamente com a velhice de um governante, e levam minimamente em conta a feitura daquele com quem mantiverem relações. Com efeito, ser honrado embeleza muitíssimo, de modo a fazer desaparecer o que é desagradável e fazer aparecer o que é belo de forma mais brilhante. (7) Além disso, quando vocês obtêm mais agradecimentos ao efetuar o mesmo tipo de serviço que a pessoa comum, como não convém a vocês serem muito mais amados do que as pessoas comuns, uma vez que vocês podem ajudar muito mais os indivíduos através dos seus feitos e oferecer muito mais presentes?

(8) E Híeron imediatamente interrompeu:

— Por Zeus, disse ele, ó Simônides, é necessário nos ocuparmos muito mais do que as pessoas comuns com as coisas pelas quais os homens são odiados. (9) Devemos exigir o dinheiro, se tivermos que pagar as despesas necessárias, e devemos obrigar alguém a guardar o que precisa ser guardado, e devemos punir os injustos, e devemos impedir aqueles que desejam ultrajar; e quando o momento exige enviar rapidamente uma expedição por terra ou por mar, não devemos permitir que se faça isso com demora. (10) Além disso, um tirano precisa de mercenários, e nenhum fardo é mais pesado para os

cidadãos do que isso, pois eles consideram que os mercenários não são mantidos em igualdade de privilégios, mas por ambição dos tiranos.

## CAPÍTULO 9

(1) Em relação a esses assuntos, Simônides tornou a dizer:

— Mas, ó Híeron, eu não estou dizendo que todas essas coisas não precisam receber atenção. Parece-me, contudo, que algumas atividades levam absolutamente à inimizade, enquanto outras levam absolutamente à gratidão. (2) Com efeito, ensinar o que é melhor e elogiar e honrar quem faz essas coisas de forma mais bela, tal atividade leva à gratidão, mas censurar alguém que faz algo inadequado, impor-lhe coerções, puni-lo e castigá-lo, tais coisas necessariamente provocam muito ódio. (3) Portanto, eu digo que o governante deve ordenar a outros que punam quem necessita ser torturado, enquanto ele mesmo deve fazer a entrega de prêmios. Os fatos testemunham que esse procedimento está correto. (4) Pois, quando desejamos que os coros entrem em competição, o governante lhes concede os prêmios, mas a ordem de montagem dos corais é dada aos líderes dos coros, e a outros, a de ensinar e impor coerção a quem faz algo inadequado. Então, nesses casos, naturalmente, o que é agradável vem por meio do governante, ao passo que as coisas desagradáveis vêm por meio de outras pessoas. (5) Portanto, o que impede também que outros assuntos políticos sejam conduzidos dessa forma? Pois todas as cidades são divididas – algumas em tribos, outras em repartições de exército, outras em companhias –, e governantes são instituídos em cada uma dessas partes. (6) Então, se alguém concedesse prêmios a essas partes, assim como no caso dos coros, por excelência de armas, boa disciplina, equitação, bravura na guerra e justiça nos contratos, é provável que todas essas coisas seriam praticadas intensamente por causa da competição. (7) E, sim, por Zeus, eles se lançariam mais rapidamente para onde precisariam ir pelo desejo de honra, e contribuiriam com dinheiro mais rapidamente quando a ocasião fosse oportuna, e até a coisa mais útil de todas, embora menos acostumada a ser praticada por causa da competição, a saber, a agricultura, aumentaria muito se alguém oferecesse prêmios, por campos ou por aldeias, para aqueles que trabalham melhor a terra, e muitas coisas boas se cumpririam para os cidadãos que se voltassem vigorosamente para isso. (8) Com efeito,

as receitas aumentariam e a moderação acompanharia muito mais o trabalho. Aliás, as más ações surgem menos entre aqueles que estão envolvidos com o trabalho. (9) E se o comércio traz algum benefício para a cidade, honrar quem faz isso melhor também agregaria muitos comerciantes. E se ficasse claro que também quem descobrisse uma maneira de obter renda para a cidade sem prejudicá-la seria honrado, tampouco essa investigação ficaria ociosa. (10) Para dizer em uma palavra, se ficasse manifesto para todos que quem introduz alguma coisa boa não deixará de ser honrado, isso incitaria muitos à tarefa de procurar algo bom. E quando muitos se preocupam com coisas benéficas, muitas descobertas e realizações acontecem inevitavelmente. (11) Mas, se teme, ó Híeron, que instituir prêmios para várias coisas ocasionará muitas despesas, tem em mente que não há mercadorias mais baratas do que aquelas que os homens compram para dar como prêmios! Você vê, nas competições de hipismo, de ginástica e de cantos corais, como pequenos prêmios estimulam grandes despesas, muitos trabalhos e muita dedicação dos homens?

## CAPÍTULO 10

(1) E Híeron disse:

— Em relação a esses assuntos, ó Simônides, me parece que disseste bem. Mas, a respeito dos mercenários, você pode me dizer alguma coisa sobre como não ser odiado por causa deles? Ou está dizendo que, ao conquistar amizade, o governante não precisará mais de guarda-costas?

(2) — Sim, por Zeus, disse Simônides, ele certamente precisará deles. Pois eu sei que, assim como acontece com os cavalos, também acontece com alguns homens: quanto mais possuem em abundância o que necessitam, tanto mais insolentes se tornam. (3) Tais pessoas tornam-se mais controladas por causa do medo dos guarda-costas. E para os homens virtuosos, parece-me que não proporcionaria tantos benefícios quanto aqueles advindos dos mercenários. (4) Pois, sem dúvida, você os mantém para sua própria proteção, mas muitos senhores também já morreram pela violência dos seus escravos. Portanto, a primeira ordem aos mercenários seria ajudar a todos quando percebessem alguma coisa desse tipo, como se fossem eles os guarda-costas de todos os cidadãos. Como todos sabemos, malfeitores surgem nas cidades. Portanto, se os mercenários

fossem ordenados a proteger os cidadãos, eles saberiam que são beneficiados pelos mercenários também nisso. (5) Ademais os mercenários também seriam capazes, sobretudo, de providenciar confiança e segurança aos trabalhadores do campo e seus rebanhos, tanto aos que pertencem a você quanto aos que estão no campo. E seriam capazes de proporcionar tempo livre aos cidadãos, a fim de cuidarem dos seus interesses privados, protegendo o que é importante. (6) Além disso, quem estaria mais preparado para perceber antecipadamente ou evitar os ataques secretos e inesperados dos inimigos do que aqueles que estão sempre armados e organizados para a batalha? Aliás, o que é mais vantajoso para os cidadãos em uma expedição militar do que os mercenários? Pois é plausível que sejam eles os mais preparados para trabalhar, correr o risco e proteger antecipadamente. (7) E não é forçoso que as cidades vizinhas desejem sobretudo a paz devido à presença contínua de mercenários armados? Pois os que estão organizados para a batalha seriam capazes, sobretudo, de preservar as coisas dos amigos e destruir as dos inimigos. (8) E quando os cidadãos percebem que os mercenários não fazem nenhum mal a quem não pratica injustiça, e impedem de agir quem deseja fazer o mal, e ajudam àqueles que são vítimas de injustiças, e cuidam e correm o risco antecipadamente pelos cidadãos, como não estariam necessariamente propensos a financiar as despesas desses combatentes? De qualquer forma, eles mantêm guardas em privado para situações menos importantes do que essas.

## CAPÍTULO 11

(1) É preciso, ó Híeron, não hesitar nem mesmo em gastar suas posses pessoais em vista do bem comum. Pois, da minha parte, parece-me melhor ao tirano gastar mais com as despesas necessárias da cidade do que com as suas despesas pessoais. Examinemos cada caso em particular! (2) Em primeiro lugar, você acredita que uma casa adornada com despesas excessivas lhe providencia mais ornamento do que toda a cidade equipada com muros, templos, colunatas, mercados e portos? (3) E você, equipado com armas terríveis, pareceria mais temível aos inimigos do que a cidade toda bem armada por você? (4) E qual dos dois caminhos lhe parece que produziria mais rendimentos: se tivesse apenas seu próprio capital empregado, ou se tivesse planejado ter o capital empregado de todos os

cidadãos? (5) E quanto à atividade considerada a mais bela e magnífica de todas, a criação de cavalos de carruagem? Qual dos dois caminhos lhe parece que ornamentaria mais: se você mesmo mantivesse a maioria das carruagens dos gregos e as enviasse aos festivais, ou se proviessem da sua cidade a maioria dos criadores de cavalos e a maioria dos competidores? Qual vitória lhe parece ser mais bela: pela excelência da carruagem, ou pela felicidade da cidade que lidera? (6) Com efeito, eu digo que nem mesmo é apropriado para um tirano competir com pessoas comuns. Pois, se você vencesse, não seria admirado, mas invejado, uma vez que se beneficia do dinheiro de muitas propriedades, ao passo que, se você fosse derrotado, seria acima de tudo ridicularizado. (7) Mas eu, ó Híeron, lhe digo que sua disputa é com os outros líderes das cidades: se tornar a cidade que lidera a mais feliz, será proclamado vencedor da disputa mais bela e magnífica entre os homens. (8) E, em primeiro lugar, você conseguiria imediatamente ser amado por aqueles que governa, que é certamente o que você deseja. Além disso, o arauto da sua vitória não seria apenas um, mas todos os homens celebrariam em cantos a sua virtude. (9) E, sendo observado de todos os lados, não apenas seria adorado por pessoas comuns, mas também por muitas cidades, e seria admirado não apenas em privado, mas também em público por todos. (10) Seria possível para você, em virtude da segurança, viajar para assistir a espetáculos, se você desejasse, e seria possível fazer isso, mesmo se você permanecesse em sua casa. Pois sempre haveria um festival de pessoas querendo lhe exhibir algo sábio, belo ou bom, se for o caso, assim como de pessoas desejando lhe servir. (11) E todos os presentes seriam seus aliados, e todos, uma vez ausentes, desejariam vê-lo. Desse modo, não apenas você seria amado, mas também desejado pelos homens; e você não necessitaria tentar seduzir os belos, mas suportar ser seduzido por eles, e você não teria medo de sofrer alguma coisa, mas causaria esse medo em outras pessoas. (12) Você teria pessoas que lhe obedeceriam voluntariamente e você contemplaria pessoas que cuidam de você de bom grado, e se houvesse algum perigo, você veria que são não apenas aliados, mas também defensores e zelosos, sendo considerado digno de muitos presentes, e sem ter dificuldades de encontrar alguém benevolente com quem você pudesse compartilhá-los, com todos se alegrando com seus bens, e todos lutando pelas suas posses privadas como se fosse pelas suas próprias. (13) Ademais, você teria como tesouros todas as riquezas de seus amigos. Então, seja corajoso, ó Híeron, enriqueça seus amigos, pois assim você se enriquecerá, e faça a cidade crescer, pois revestirá a si mesmo de poder! Procure aliados para ela! (14) Considere a pátria como sua casa, os cidadãos como seus companheiros, os amigos como

seus próprios filhos, os filhos como sua própria alma, e tente vencer todos eles praticando o bem! (15) Pois, se você dominar os seus amigos praticando o bem, os inimigos não serão capazes de resistir a você. E se você fizer todas essas coisas – esteja seguro disto – , você adquirirá a mais bela e abençoada de todas as propriedades dos homens, pois você seria feliz sem ser invejado.

## TEXTO GREGO

### ΙΕΡΩΝ

#### Η ΤΥΡΑΝΝΙΚΟΣ

- 1.1.1 Σιμωνίδης ὁ ποιητὴς ἀφίκετό ποτε πρὸς Ἴέρωνα τὸν  
 τύραννον. σχολῆς δὲ γενομένης ἀμφοῖν εἶπεν ὁ Σιμωνίδης·  
 Ἄρ' ἂν μοι ἐθελήσαις, ὦ Ἴέρων, διηγῆσασθαι ἃ εἰκὸς εἰδέναι  
 σε βέλτιον ἐμοῦ; Καὶ ποῖα ταῦτ' ἐστίν, ἔφη ὁ Ἴέρων, ὅποια
- 1.1.5 δὴ ἐγὼ βέλτιον ἂν εἰδείην σοῦ οὕτως ὄντος σοφοῦ ἀνδρός;
- 1.2.1 Οἶδά σε, ἔφη, ἐγὼ καὶ ιδιώτην γεγενημένον καὶ νῦν τύραννον  
 ὄντα· εἰκὸς οὖν ἀμφοτέρων πεπειραμένον καὶ εἰδέναι σε  
 μᾶλλον ἐμοῦ πῆ διαφέρει ὁ τυραννικός τε καὶ ὁ ιδιωτικός
- 1.3.1 βίος εἰς εὐφροσύνας τε καὶ λύπας ἀνθρώποις. Τί οὖν, ἔφη  
 ὁ Ἴέρων, οὐχὶ καὶ σύ, ἐπεὶ νῦν γε ἔτι ιδιώτης εἶ, ὑπέμνησάς  
 με τὰ ἐν τῷ ιδιωτικῷ βίῳ; οὕτως γὰρ ἂν σοι οἴμαι μάλιστα
- 1.4.1 ἐγὼ δύνασθαι δηλοῦν τὰ διαφέροντα ἐν ἑκατέρῳ. οὕτω δὴ  
 ὁ Σιμωνίδης εἶπεν· Τοὺς μὲν δὴ ιδιώτας ἔγωγε, ὦ Ἴέρων,  
 δοκῶ μοι καταμεμαθηκέναι διὰ μὲν τῶν ὀφθαλμῶν ὀράμασιν  
 ἠδόμενους τε καὶ ἀχθομένους, διὰ δὲ τῶν ὠτῶν ἀκούσμασι,
- 1.4.5 διὰ δὲ τῶν ῥινῶν ὀσμαῖς, διὰ δὲ τοῦ στόματος σίτοις τε καὶ
- 1.5.1 ποτοῖς, τὰ δ' ἀφροδίσια δι' ὧν δὴ πάντες ἐπιστάμεθα· τὰ  
 δὲ ψύχη καὶ θάλπη καὶ σκληρὰ καὶ μαλακὰ καὶ κοῦφα καὶ  
 βαρέα ὄλω τῷ σώματί μοι δοκοῦμεν, ἔφη, κρίνοντες ἠδεσθαί  
 τε καὶ λυπεῖσθαι ἐπ' αὐτοῖς· ἀγαθοῖς δὲ καὶ κακοῖς ἔστι
- 1.5.5 μὲν ὅτε δι' αὐτῆς τῆς ψυχῆς μοι δοκοῦμεν ἠδεσθαι, ὅτε δ'  
 αὖ λυπεῖσθαι, ἔστι δ' ὅτε κοινῇ [καὶ] διὰ τε τῆς ψυχῆς καὶ
- 1.6.1 διὰ τοῦ σώματος. τῷ δ' ὕπνω ὅτι μὲν ἠδόμεθα δοκῶ μοι  
 αἰσθάνεσθαι, ὅπως δὲ καὶ ᾧτινι καὶ ὀπότε, ταῦτα μᾶλλον  
 πως, ἔφη, δοκῶ μοι ἀγνοεῖν. καὶ οὐδὲν ἴσως τοῦτο θαυ-  
 μαστόν, εἰ τὰ ἐν τῷ ἐγρηγορέναι σαφεστέρας ἡμῖν τὰς
- 1.7.1 αἰσθήσεις παρέχεται ἢ τὰ ἐν τῷ ὕπνω. πρὸς ταῦτα δὴ  
 ὁ Ἴέρων ἀπεκρίνατο· Ἐγὼ μὲν τοίνυν, ἔφη, ὦ Σιμωνίδη,



- ἔξω τούτων ὧν εἴρηκας σύγε οὐδ' ὅπως ἂν αἰσθοιτό τινος ἄλλου ὁ τύραννος ἔχοιμ' ἂν εἰπεῖν, ὥστε μέχρι γε τούτου
- 1.7.5 οὐκ οἶδ' εἴ τινα διαφέρει ὁ τυραννικὸς βίος τοῦ ιδιωτικοῦ
- 1.8.1 βίου. καὶ ὁ Σιμωνίδης εἶπεν· Ἄλλ' ἐν τοῖσδε, ἔφη, διαφέρει· πολλαπλάσια μὲν δι' ἐκάστου τούτων εὐφραίνεται, πολὺ δὲ μείω τὰ λυπηρὰ ἔχει. καὶ ὁ Ἰέρων εἶπεν· Οὐχ οὕτως ἔχει, ὦ Σιμωνίδη, ταῦτα, ἀλλ' εὖ ἴσθ' ὅτι μείω πολὺ
- 1.8.5 εὐφραίνονται οἱ τύραννοι τῶν μετρίως διαγόντων ιδιωτῶν,
- 1.9.1 πολὺ δὲ πλείω καὶ μείζω λυποῦνται. Ἄπιστα λέγεις, ἔφη ὁ Σιμωνίδης, εἰ γὰρ οὕτως ταῦτ' εἶχε, πῶς ἂν πολλοὶ μὲν ἐπεθύμουν τυραννεῖν, καὶ ταῦτα τῶν δοκούντων ἰκανωτάτων ἀνδρῶν εἶναι; πῶς δὲ πάντες ἐξήλουν ἂν τοὺς τυράν-
- 1.10.1 νους; Ὅτι ναὶ μὰ τὸν Δί', ἔφη ὁ Ἰέρων, ἄπειροι ὄντες ἀμφοτέρων τῶν ἔργων σκοποῦνται περὶ αὐτοῦ. ἐγὼ δὲ πειράσομαί σε διδάσκειν ὅτι ἀληθῆ λέγω, ἀρξάμενος ἀπὸ τῆς ὄψεως· ἐντεῦθεν γὰρ καὶ σὲ δοκῶ μεμνησθαι ἀρξάμενον λέγειν. πρῶτον μὲν γὰρ ἐν τοῖς διὰ τῆς ὄψεως θεάμασι λογιζόμενος εὐρίσκω μειονεκτοῦντας τοὺς τυράννους. ἄλλα μὲν γε ἐν ἄλλῃ χώρᾳ ἐστὶν ἀξιοθέατα· ἐπὶ δὲ τούτων ἕκαστα οἱ μὲν ἰδιῶται ἔρχονται καὶ εἰς πόλεις ἃς ἂν βού-
- 1.11.5 λωνται θεαμάτων ἕνεκα, καὶ εἰς τὰς κοινὰς πανηγύρεις, ἔνθα γ' ἂ ἀξιοθεατότατα δοκεῖ εἶναι ἀνθρώποις συναγείρεται.
- 1.12.1 οἱ δὲ τύραννοι οὐ μάλᾳ ἀμφὶ θεωρίας ἔχουσιν. οὔτε γὰρ ἰέναι αὐτοῖς ἀσφαλὲς ὅπου μὴ κρείττονες τῶν παρόντων μέλλουσιν ἔσεσθαι, οὔτε τὰ οἴκοι κέκτηνται ἐχυρὰ, ὥστε ἄλλοις παρακαταθεμένους ἀποδημεῖν. φοβερὸν γὰρ μὴ
- 1.12.5 ἅμα τε στερηθῶσι τῆς ἀρχῆς καὶ ἀδύνατοι γένωνται τιμω-
- 1.13.1 ρήσασθαι τοὺς ἀδικήσαντας. εἴποις οὖν ἂν ἴσως σύ, ἀλλ' ἄρα ἔρχεται αὐτοῖς τὰ τοιαῦτα καὶ οἴκοι μένουσι. ναὶ μὰ Δία, ὦ Σιμωνίδη, ὀλίγα γε τῶν πολλῶν καὶ ταῦτα τοιαῦτα ὄντα οὕτω τίμια πωλεῖται τοῖς τυράννοις ὥστε οἱ ἐπιδεικνύ-
- 1.13.5 μενοι καὶ ὀτιοῦν ἀξιοῦσι πολλαπλάσια λαβόντες ἐν ὀλίγῳ χρόνῳ ἀπιέναι παρὰ τοῦ τυράννου ἢ ὅσα ἐν παντὶ τῷ βίῳ

- 1.14.1 παρὰ πάντων τῶν ἄλλων ἀνθρώπων κτῶνται. καὶ ὁ Σιμωνίδης εἶπεν· Ἄλλ' εἰ <έν> τοῖς θεάμασι μειονεκτεῖτε, διὰ γέ τοι τῆς ἀκοῆς πλεονεκτεῖτε. ἐπεὶ τοῦ μὲν ἠδίστου ἀκροάματος, ἐπαίνου, οὐποτε σπανίζετε· πάντες γὰρ οἱ
- 1.14.5 παρόντες ὑμῖν πάντα καὶ ὅσα ἂν λέγητε καὶ ὅσα ἂν ποιῆτε ἐπαινοῦσι. τοῦ δ' αὖ χαλεπωτάτου ἀκροάματος, λοιδορίας, ἀνήκοοί ἐστε· οὐδεὶς γὰρ ἐθέλει τυράννου κατ' ὀφθαλμούς
- 1.15.1 κατηγορεῖν. καὶ ὁ Ἰέρων εἶπε· Καὶ τί οἶει, ἔφη, τοὺς μὴ λέγοντας κακῶς εὐφραίνειν, ὅταν εἰδῆ τις σαφῶς ὅτι οἱ σιωπῶντες οὗτοι πάντες κακὰ νοοῦσι τῷ τυράννῳ; ἢ τοὺς ἐπαινοῦντας τί δοκεῖς εὐφραίνειν, ὅταν ὑποπτοὶ ᾧσιν ἕνεκα
- 1.16.1 τοῦ κολακεύειν τοὺς ἐπαίνους ποιεῖσθαι; καὶ ὁ Σιμωνίδης εἶπεν· Τοῦτο μὲν δὴ ναὶ μὰ τὸν Δία ἔγωγέ σοι, Ἰέρων, πάνυ συγχωρῶ, τοὺς ἐπαίνους παρὰ τῶν ἐλευθερωτάτων ἠδίστους εἶναι, ἀλλ', ὀρθῶς; ἐκεῖνό γε οὐκ ἂν ἔτι πείσαις
- 1.16.5 ἀνθρώπων οὐδένα ὡς οὐ δι' ᾧν τρεφόμεθα οἱ ἄνθρωποι, πολὺ
- 1.17.1 πλείω ὑμεῖς ἐν αὐτοῖς εὐφραίνεσθε. Καὶ οἶδά γ', ἔφη, ᾧ Σιμωνίδη, ὅτι τούτῳ κρίνουσιν οἱ πλείστοι ἠδίων ἡμᾶς καὶ πίνειν καὶ ἐσθίειν τῶν ἰδιωτῶν, ὅτι δοκοῦσι καὶ αὐτοὶ ἠδίων ἂν δειπνήσαι τὸ ἡμῖν παρατιθέμενον δεῖπνον ἢ τὸ
- 1.17.5 ἑαυτοῖς· τὸ γὰρ τὰ εἰωθότα ὑπερβάλλον, τοῦτο παρέχει τὰς
- 1.18.1 ἡδονάς. διὸ καὶ πάντες ἄνθρωποι ἠδέως προσδέχονται τὰς ἐορτάς πλην οἱ τύραννοι· ἔκπλεω γὰρ αὐτοῖς ἀεὶ παρεσκευασμένοι οὐδεμίαν ἐν ταῖς ἐορταῖς ἔχουσιν αἱ τράπεζαι αὐτῶν ἐπίδοσιν· ὥστε ταύτη πρῶτον τῆ εὐφροσύνη τῆς
- 1.19.1 ἐλπίδος μειονεκτοῦσι τῶν ἰδιωτῶν. ἔπειτα δ', ἔφη, ἐκεῖνο εὖ οἶδ' ὅτι καὶ σὺ ἔμπειρος εἶ ὅτι ὅσῳ ἂν πλείω τις παραθῆται τὰ περιττὰ τῶν ἱκανῶν, τοσοῦτῳ καὶ θάπτον κόρος ἐμπίπτει τῆς ἐδωδῆς· ὥστε καὶ τῷ χρόνῳ τῆς ἡδονῆς μειονεκτεῖ
- 1.20.1 ὁ παρατιθέμενος πολλὰ τῶν μετρίως διαιωμένων. Ἀλλὰ ναὶ μὰ Δί', ἔφη ὁ Σιμωνίδης, ὅσον ἂν χρόνον ἢ ψυχὴ προσίηται, τοῦτον πολὺ μᾶλλον ἡδονται οἱ ταῖς πολυτελεστέραις παρασκευαῖς τρεφόμενοι τῶν τὰ εὐτελέστερα παρα-

- 1.21.1 τιθεμένων. Οὐκοῦν, ἔφη ὁ Ἰέρων, ὃ Σιμωνίδη, τὸν ἐκάστῳ ἠδόμενον μάλιστα, τοῦτον οἶει καὶ ἐρωτικώτατα ἔχειν τοῦ ἔργου τούτου; Πάνυ μὲν οὖν, ἔφη. Ἡ οὖν ὀρᾶς τι τοὺς τυράννουσ ἥδιον ἐπὶ τὴν ἑαυτῶν παρασκευὴν ἰόντας ἢ τοὺς
- 1.21.5 ἰδιώτας ἐπὶ τὴν ἑαυτῶν; Οὐ μὰ τὸν Δί', ἔφη, οὐ μὲν οὖν,
- 1.22.1 ἀλλὰ καὶ ἀγλευκέστερον, ὡς πολλοῖς ἂν δόξειεν. Τί γάρ, ἔφη ὁ Ἰέρων, τὰ πολλὰ ταῦτα μηχανήματα κατανεόηκας ἃ παρατίθεται τοῖς τυράννοις, ὀξέα καὶ δριμέα καὶ στρυφνὰ καὶ τὰ τούτων ἀδελφά; Πάνυ μὲν οὖν, ἔφη ὁ Σιμωνίδης,
- 1.22.5 καὶ πάνυ γέ μοι δοκοῦντα παρὰ φύσιν εἶναι ταῦτα ἀνθρώποις.
- 1.23.1 Ἄλλο τι οὖν οἶει, ἔφη ὁ Ἰέρων, ταῦτα τὰ ἐδέσματα εἶναι ἢ μαλακῆς καὶ ἀσθενούσης ψυχῆς ἐπιθυμήματα; ἐπεὶ εὖ οἶδ' ἔγωγε ὅτι οἱ ἠδέως ἐσθίοντες καὶ σύ που οἶσθα ὅτι
- 1.24.1 οὐδὲν προσδέονται τούτων τῶν σοφισμάτων. Ἀλλὰ μέντοι, ἔφη ὁ Σιμωνίδης, τῶν γε πολυτελῶν ὀσμῶν τούτων, αἷς χρίεσθε, τοὺς πλησιάζοντας οἶμαι μᾶλλον ἀπολαύειν ἢ αὐτοὺς ὑμᾶς, ὥσπερ γε καὶ τῶν ἀχαρίτων ὀσμῶν οὐκ αὐτὸς
- 1.24.5 ὁ βεβρωκῶς αἰσθάνεται, ἀλλὰ μᾶλλον οἱ πλησιάζοντες.
- 1.25.1 Οὕτω μέντοι, ἔφη ὁ Ἰέρων, καὶ τῶν σίτων ὁ μὲν ἔχων παντοδαπὰ ἀεὶ οὐδὲν μετὰ πόθου αὐτῶν λαμβάνει· ὁ δὲ σπανίσας τινός, οὗτός ἐστιν ὁ μετὰ χαρᾶς πιμπλάμενος,
- 1.26.1 ὅταν αὐτῷ προφανῆ τι. Κινδυνεύουσιν, ἔφη ὁ Σιμωνίδης, αἱ τῶν ἀφροδισίων μόνον ὑμῖν ἀπολαύσεις τοῦ τυραννεῖν τὰς ἐπιθυμίας παρέχειν· ἐν γὰρ τούτῳ ἔξεστιν ὑμῖν ὅ τι ἂν
- 1.27.1 κάλλιστον ἴδητε τούτῳ συνεῖναι. Νῦν δὴ, ἔφη ὁ Ἰέρων, εἵρηκας ἐν ᾧ γε, σάφ' ἴσθι, μειονεκτοῦμεν τῶν ἰδιωτῶν. πρῶτον μὲν γὰρ γάμος ὁ μὲν ἐκ μειζόνων δήπου καὶ πλούτῳ καὶ δυνάμει κάλλιστος δοκεῖ εἶναι καὶ παρέχειν τινὰ τῷ
- 1.27.5 γήμαντι φιλοτιμίαν μεθ' ἠδονῆς· δεύτερος δ' ὁ ἐκ τῶν ὁμοίων· ὁ δ' ἐκ τῶν φαυλοτέρων πάνυ ἄτιμός τε καὶ ἄχρη-
- 1.28.1 στος νομίζεται. τῷ τοίνυν τυράννῳ, ἂν μὴ ξένην γήμη, ἀνάγκη ἐκ μειόνων γαμεῖν, ὥστε τὸ ἀγαπητὸν οὐ πάνυ αὐτῷ

- παραγίγνεται. πολὺ δὲ καὶ αἱ θεραπείαι αἱ ἀπὸ τῶν μέ-  
γιστον φρονουσῶν γυναικῶν εὐφραίνουσι μάλιστα, αἱ δ'
- 1.28.5 ὑπὸ δούλων παροῦσαι μὲν οὐδέν τι ἀγαπῶνται, ἐὰν δέ τι
- 1.29.1 ἐλλείπωσι, δεινὰς ὀργὰς καὶ λύπας ἐμποιοῦσιν. ἐν δὲ τοῖς  
παιδικοῖς ἀφροδισίοις ἔτι αὖ πολὺ μᾶλλον ἢ ἐν τοῖς τεκνο-  
ποιοῖς μειονεκτεῖ τῶν εὐφροσυνῶν ὁ τύραννος. ὅτι <μὲν>  
γὰρ τὰ μετ' ἔρωτος ἀφροδίσια πολὺ διαφερόντως εὐφραίνει  
πάντες δήπου ἐπιστάμεθα· ὁ δὲ ἔρωσ πολὺ αὖ ἐθέλει ἥκιστα  
τῷ τυράννῳ ἐγγίγνεσθαι. οὐ γὰρ τῶν ἐτοίμων ἦδετα <ὁ>  
ἔρωσ ἐφιέμενος, ἀλλὰ τῶν ἐλπίζομένων. ὥσπερ οὖν [εἶ] τις  
ἄπειρος ὢν δίψους τοῦ πιεῖν οὐκ ἂν ἀπολαύοι, οὕτω καὶ
- 1.30.5 ὁ ἄπειρος ὢν ἔρωτος ἄπειρός ἐστι τῶν ἡδίστων ἀφροδισίων.
- 1.31.1 ὁ μὲν οὖν Ἰέρων οὕτως εἶπεν. ὁ δὲ Σιμωνίδης ἐπιγελάσας,  
Πῶς λέγεις, ἔφη, ὦ Ἰέρων; τυράννῳ οὐ φῆς παιδικῶν  
ἔρωτας ἐμφύεσθαι; πῶς μὴν σύ, ἔφη, ἐρᾶς Δαιλόχου τοῦ
- 1.32.1 καλλίστου ἐπικαλουμένου; Ὅτι μὰ τὸν Δί', ἔφη, ὦ Σιμωνίδη,  
οὐ τοῦ ἐτοίμου παρ' αὐτοῦ δοκοῦντος εἶναι τυχεῖν τούτου  
μάλιστα ἐπιθυμῶ, ἀλλὰ τοῦ ἥκιστα τυράννῳ προσήκοντος
- 1.33.1 κατεργάσασθαι. ἐγὼ γὰρ δὴ ἐρῶ μὲν Δαιλόχου ὢνπερ  
ἴσως ἀναγκάζει ἢ φύσις ἀνθρώπου δεῖσθαι παρὰ τῶν καλῶν,  
τούτων δὲ ὢν ἐρῶ τυχεῖν, μετὰ μὲν φιλίας καὶ παρὰ βουλο-  
μένου πάνυ ἰσχυρῶς ἐπιθυμῶ τυγχάνειν, βία δὲ λαμβάνειν
- 1.33.5 παρ' αὐτοῦ ἦττον ἂν μοι δοκῶ ἐπιθυμεῖν ἢ ἐμαυτὸν κακόν
- 1.34.1 τι ποιεῖν· παρὰ μὲν γὰρ πολεμίων ἀκόντων λαμβάνειν  
πάντων ἥδιστον ἔγωγε νομίζω εἶναι, παρὰ δὲ παιδικῶν
- 1.35.1 βουλομένων ἥδιστα οἶμαι αἱ χάριτές εἰσιν. εὐθύς γὰρ  
παρὰ τοῦ ἀντιφιλοῦντος ἠδεῖται μὲν αἱ ἀντιβλέψεις, ἠδεῖται  
δὲ αἱ ἐρωτήσεις, ἠδεῖται δὲ αἱ ἀποκρίσεις, ἠδιστα δὲ καὶ
- 1.36.1 ἐπαφροδιτόταται αἱ μάχαι τε καὶ ἔριδες· τὸ δὲ ἀκόντων  
παιδικῶν ἀπολαύειν λεηλασία, ἔφη, ἔμοιγε δοκεῖ εοικέναι  
μᾶλλον ἢ ἀφροδισίοις. καίτοι τῷ μὲν ληστῇ παρέχει τινὰς  
ὅμως ἠδονὰς τό τε κέρδος καὶ τὸ ἀνιᾶν τὸν ἐχθρόν· τὸ δὲ
- 1.36.5 οὗ ἂν ἐρᾶ τις τούτῳ ἠδεσθαι ἀνιωμένῳ καὶ φιλοῦντα μισεῖ-

- σθαι καὶ ἄπτεσθαι ἀχθομένου, πῶς οὐχὶ τοῦτο ἤδη δυσχερὲς
- 1.37.1 τὸ πάθημα καὶ οἰκτρόν; καὶ γὰρ δὴ τῷ μὲν ιδιώτη εὐθύς  
 τεκμήριόν ἐστιν, ὅταν ὁ ἐρώμενός τι ὑπουργῆ, ὅτι ὡς φιλῶν  
 χαρίζεται, διὰ τὸ εἰδέναι ὅτι οὐδεμιᾶς ἀνάγκης οὔσης ὑπηρετεῖ,  
 τῷ δὲ τυράννῳ οὔποτ' ἔστι πιστεῦσαι ὡς φιλεῖται. ἐπι-  
 στάμεθα γὰρ δὴ τοὺς διὰ φόβον ὑπηρετοῦντας ὡς ἢ μάλιστ'  
 ἂν δύνωνται ἐξεικάζουσιν αὐτοὺς ταῖς τῶν φιλούντων ὑπουρ-  
 γίαις. καὶ τοίνυν αἱ ἐπιβουλαὶ ἐξ οὐδένων πλέονες τοῖς
- 1.38.5 τυράννοις εἰσὶν ἢ ἀπὸ τῶν μάλιστα φιλεῖν αὐτοὺς προσποιη-  
 σαμένων.
- 2.1.1 Πρὸς ταῦτα εἶπεν ὁ Σιμωνίδης· Ἀλλὰ ταῦτα μὲν πάνυ  
 ἔμοιγε μικρὰ δοκεῖ εἶναι ἅ σὺ λέγεις. πολλοὺς γάρ, ἔφη,  
 ἔγωγε ὁρῶ τῶν δοκούντων ἀνδρῶν εἶναι ἐκόντας μειον-  
 εκτοῦντας καὶ σίτων καὶ ποτῶν καὶ ὄψων καὶ ἀφροδισίων
- 2.2.1 γε ἀπεχομένους. ἀλλ' ἐκείνη γε πολὺ διαφέρετε τῶν ιδιω-  
 τῶν, ὅτι μεγάλα μὲν ἐπινοεῖτε, ταχὺ δὲ κατεργάζεσθε,  
 πλεῖστα δὲ τὰ περιττὰ ἔχετε, κέκτησθε δὲ διαφέροντας μὲν  
 ἀρετῇ ἵππους, διαφέροντα δὲ κάλλει ὄπλα, ὑπερέχοντα δὲ
- 2.2.5 κόσμον γυναιξί, μεγαλοπρεπεστάτας δ' οἰκίας, καὶ ταύτας  
 κατεσκευασμένας τοῖς πλείστου ἀξίοις, ἔτι δὲ πλήθει καὶ  
 ἐπιστήμαις θεράποντας ἀρίστους κέκτησθε, ἰκανώτατοι δ'
- 2.3.1 ἐστὲ κακῶσαι μὲν ἐχθρούς, ὀνήσαι δὲ φίλους. πρὸς ταῦτα  
 δὲ ὁ Ἰέρων εἶπεν· Ἀλλὰ τὸ μὲν <τὸ> πλῆθος τῶν ἀνθρώπων,  
 ὃ Σιμωνίδη, ἐξαπατᾶσθαι ὑπὸ τῆς τυραννίδος οὐδέν τι  
 θαυμάζω· μάλα γὰρ ὁ ὄχλος μοι δοκεῖ δοξάζειν ὁρῶν καὶ
- 2.4.1 εὐδαίμονάς τινες εἶναι καὶ ἀθλίους· ἢ δὲ τυραννὶς τὰ μὲν  
 δοκοῦντα πολλοῦ ἄξια κτήματα εἶναι ἀνεπτυγμένα θεᾶσθαι  
 φανερὰ πᾶσι παρέχεται, τὰ δὲ χαλεπὰ ἐν ταῖς ψυχαῖς τῶν  
 τυράννων κέκτηται ἀποκεκρυμμένα, ἔνθαπερ καὶ τὸ εὐδαι-
- 2.5.1 μονεῖν καὶ τὸ κακοδαιμονεῖν τοῖς ἀνθρώποις ἀπόκειται. τὸ  
 μὲν οὖν τὸ πλῆθος περὶ τούτου λεληθέναι, ὥσπερ εἶπον, οὐ

- θαυμάζω· τὸ δὲ καὶ ὑμᾶς ταῦτ' ἀγνοεῖν, οἱ διὰ τῆς γνώμης  
θαυμάζω· τὸ δὲ καὶ ὑμᾶς ταῦτ' ἀγνοεῖν, οἱ διὰ τῆς γνώμης  
δοκεῖτε θεᾶσθαι κάλλιον ἢ διὰ τῶν ὀφθαλμῶν τὰ πλεῖστα
- 2.6.1 τῶν πραγμάτων, τοῦτό μοι δοκεῖ θαυμαστὸν εἶναι. ἐγὼ δὲ  
πεπειραμένος σαφῶς οἶδα, ὧ Σιμωνίδη, καὶ λέγω σοι ὅτι οἱ  
τύραννοι τῶν μεγίστων ἀγαθῶν ἐλάχιστα μετέχουσι, τῶν
- 2.7.1 δὲ μεγίστων κακῶν πλεῖστα κέκτηνται. αὐτίκα γὰρ εἰ μὲν  
εἰρήνη δοκεῖ μέγα ἀγαθὸν τοῖς ἀνθρώποις εἶναι, ταύτης  
ἐλάχιστον τοῖς τυράννοις μέτεστιν· εἰ δὲ πόλεμος μέγα
- 2.8.1 κακόν, τούτου πλεῖστον μέρος οἱ τύραννοι μετέχουσιν. εὐθύς  
γὰρ τοῖς μὲν ιδιώταις, ἂν μὴ ἡ πόλις αὐτῶν κοινὸν πόλεμον  
πολεμῇ, ἔξεστιν ὅποι ἂν βούλωνται πορεύεσθαι μηδὲν φοβου-  
μένους μή τις αὐτοὺς ἀποκτείνῃ, οἱ δὲ τύραννοι πάντες
- 2.8.5 πανταχῇ ὡς διὰ πολεμίας πορεύονται. αὐτοὶ τε γοῦν  
ὠπλισμένοι οἴονται ἀνάγκην εἶναι διάγειν καὶ ἄλλους ὀπλο-
- 2.9.1 φόρους ἀεὶ συμπεριάγεσθαι. ἔπειτα δὲ οἱ μὲν ιδιώται, ἐὰν  
καὶ στρατεύωνται που εἰς πολεμίαν, ἀλλ' οὖν ἐπειδὴν γε  
ἔλθωσιν οἴκαδε, ἀσφάλειαν σφίσις ἡγοῦνται εἶναι, οἱ δὲ  
τύραννοι ἐπειδὴν εἰς τὴν ἑαυτῶν πόλιν ἀφίκωνται, τότε ἐν
- 2.10.1 πλείστοις πολεμίοις ἴσασις ὄντες. ἐὰν δὲ δὴ καὶ ἄλλοι  
στρατεύωσι εἰς τὴν πόλιν κρείττονες, ἐὰν ἔξω τοῦ τείχους  
ὄντες οἱ ἥττονες ἐν κινδύνῳ δοκῶσι εἶναι, ἀλλ' ἐπειδὴν γε  
εἴσω τοῦ ἐρύματος ἔλθωσιν, ἐν ἀσφαλείᾳ πάντες νομίζουσι
- 2.10.5 καθεστάναι, ὃ δὲ τύραννος οὐδ' ἐπειδὴν εἴσω τῆς οἰκίας  
παρέλθῃ ἐν ἀκινδύνῳ ἐστίν, ἀλλ' ἐνταῦθα δὴ καὶ μάλιστα
- 2.11.1 φυλακτέον οἶεται εἶναι. ἔπειτα τοῖς μὲν ιδιώταις καὶ διὰ  
σπονδῶν καὶ δι' εἰρήνης γίγνεται πολέμου ἀνάπαυσις, τοῖς  
δὲ τυράννοις οὔτε εἰρήνη ποτὲ πρὸς τοὺς τυραννεομένους  
γίγνεται οὔτε σπονδαῖς ἂν ποτε πιστεύσας ὁ τύραννος θαρ-
- 2.12.1 ρήσειε. καὶ πόλεμοι μὲν δὴ εἰσιν οὓς τε αἱ πόλεις πολε-  
μοῦσι καὶ οὓς οἱ τύραννοι πρὸς τοὺς βεβιασμένους· τούτων  
δὴ τῶν πολέμων ὅσα μὲν ἔχει χαλεπὰ ὃ ἐν ταῖς πόλεσι,  
ταῦτα καὶ ὁ τύραννος ἔχει· καὶ γὰρ ἐν ὀπλοῖς δεῖ εἶναι

- ἀμφοτέρους καὶ φυλάττεσθαι καὶ κινδυνεύειν, καὶ ἂν τι πάθωσι κακὸν ἡττηθέντες, λυποῦνται ἐπὶ τούτοις ἐκάτεροι.
- 2.14.1 μέχρι μὲν δὴ τούτου ἴσοι οἱ πόλεμοι· ἃ δὲ ἔχουσιν ἡδέα οἱ ἴσυνόντες <ταῖς> πόλεσι πρὸς τὰς πόλεις, ταῦτα οὐκέτι ἔχουσιν
- 2.15.1 οἱ τύραννοι. αἱ μὲν γὰρ πόλεις δήπου ὅταν κρατήσωσι μάχη τῶν ἐναντίων, οὐ ῥόδιον εἰπεῖν ὅσῃ μὲν ἡδονὴν ἔχουσιν ἐν τῷ τρέψασθαι τοὺς πολεμίους, ὅσῃ δ' ἐν τῷ διώκειν, ὅσῃ δ' ἐν τῷ ἀποκτείνειν τοὺς πολεμίους, ὡς δὲ γαυροῦνται ἐπὶ
- 2.15.5 τῷ ἔργῳ, ὡς δὲ δόξαν λαμπρὰν ἀναλαμβάνουσιν, ὡς δ'
- 2.16.1 εὐφραίνονται τὴν πόλιν νομίζοντες ηὔξηκέναι. ἕκαστος δέ τις προσποιεῖται καὶ τῆς βουλῆς μετεσχηκέναι καὶ πλείστους ἀπεκτονέναι, χαλεπὸν δὲ εὐρεῖν ὅπου οὐχὶ καὶ ἐπιψεύδονται, πλέονας φάσκοντες ἀπεκτονέναι ἢ ὅσοι ἂν τῷ ὄντι ἀπο-
- 2.16.5 θάνωσιν· οὕτω καλὸν τι αὐτοῖς δοκεῖ εἶναι τὸ πολὺ νικᾶν.
- 2.17.1 ὁ δὲ τύραννος ὅταν ὑποπτέυση καὶ αἰσθανόμενος τῷ ὄντι ἀντιπραττομένους τινὰς ἀποκτείνῃ, οἶδεν ὅτι οὐκ αὔξει ὅλην τὴν πόλιν, ἐπίσταται τε ὅτι μειόνων ἄρξει, φαιδρός τε οὐ δύναται εἶναι οὐδὲ μεγαλύνεται ἐπὶ τῷ ἔργῳ, ἀλλὰ καὶ
- 2.17.5 μειοῖ καθ' ὅσον ἂν δύνηται τὸ γεγενημένον, καὶ ἀπολογεῖται ἅμα πράττων ὡς οὐκ ἀδικῶν πεποίηκεν. οὕτως οὐδ' αὐτῷ
- 2.18.1 δοκεῖ καλὰ τὰ ποιούμενα εἶναι. καὶ ὅταν ἀποθάνωσιν οὓς ἐφοβήθη, οὐδέν τι μᾶλλον τοῦτο θαρρεῖ, ἀλλὰ φυλάττεται ἔτι μᾶλλον ἢ τὸ πρόσθεν. καὶ πόλεμον μὲν δὴ τοιοῦτον ἔχων διατελεῖ ὁ τύραννος ὃν ἐγὼ δηλώ.
- 3.1.1 Φιλίας δ' αὖ καταθέσσει ὡς κοινωνοῦσιν οἱ τύραννοι. πρῶτον μὲν εἰ μέγα ἀγαθὸν ἀνθρώποις ἡ φιλία, τοῦτο
- 3.2.1 ἐπισκεψώμεθα. ὃς γὰρ ἂν φιλεῖται δήπου ὑπὸ τινων, ἡδέως μὲν τοῦτον οἱ φιλοῦντες παρόντα ὀρῶσιν, ἡδέως δὲ προσιόντα δέχονται, συνήδονται δ' ἐπὶ τοῖς αὐτοῦ ἀγαθοῖς,
- 3.3.1 συνεπικουροῦσι δέ, ἐάν τι σφαλλόμενον ὀρῶσιν. οὐ μὲν δὴ λέληθεν οὐδὲ τὰς πόλεις ὅτι ἡ φιλία μέγιστον ἀγαθὸν

<καί> ἥδιστον ἀνθρώποις ἐστί· μόνους γοῦν τοὺς μοιχοὺς νομίζουσι πολλὰ τῶν πόλεων νηποινεὶ ἀποκτείνειν, δῆλον

- 3.3.5 ὅτι διὰ ταῦτα ὅτι λυμαντήρας αὐτοὺς νομίζουσι τῆς τῶν
- 3.4.1 γυναικῶν φιλίας πρὸς τοὺς ἄνδρας εἶναι. ἐπεὶ ὅταν γε ἀφροδισιασθῆ κατὰ συμφορὰν τινα γυνή, οὐδὲν ἤττον τούτου ἔνεκεν τιμῶσιν αὐτὰς οἱ ἄνδρες, ἐάνπερ ἢ φιλία δοκῆ
- 3.5.1 αὐταῖς ἀκήρατος διαμένειν· τοσοῦτον δέ τι ἀγαθὸν κρίνω ἔγωγε τὸ φιλεῖσθαι εἶναι ὥστε νομίζω τῶ ὄντι αὐτόματα τὰγαθὰ τῶ φιλουμένῳ γίγνεσθαι καὶ παρὰ θεῶν καὶ παρὰ
- 3.6.1 ἀνθρώπων· καὶ τούτου τοίνυν τοῦ κτήματος τοιούτου ὄντος μειονεκτοῦσιν οἱ τύραννοι πάντων μάλιστα. εἰ δὲ βούλει,
- 3.7.1 ὧ Σιμωνίδη, εἰδέναι ὅτι ἀληθῆ λέγω, ὧδε ἐπίσκεψαι. βεβαιοτάται μὲν γὰρ δήπου δοκοῦσι φιλία εἶναι γονεῦσι πρὸς παῖδας καὶ παισὶ πρὸς γονέας καὶ ἀδελφοῖς πρὸς ἀδελφοὺς
- 3.8.1 καὶ γυναιξὶ πρὸς ἄνδρας καὶ ἐταίροις πρὸς ἐταίρους· εἰ τοίνυν ἐθέλεις κατανοεῖν, εὐρήσεις τοὺς μὲν ιδιώτας ὑπὸ τούτων μάλιστα φιλουμένους, τοὺς δὲ τυράννους πολλοὺς μὲν παῖδας ἑαυτῶν ἀπεκτονότας, πολλοὺς δ' ὑπὸ παίδων
- 3.8.5 αὐτοὺς ἀπολωλότας, πολλοὺς δὲ ἀδελφοὺς ἐν τυραννίσιν ἀλληλοφόνους γεγενημένους, πολλοὺς δὲ καὶ ὑπὸ γυναικῶν τῶν ἑαυτῶν τυράννους διεφθαρμένους καὶ ὑπὸ ἐταίρων γε
- 3.9.1 τῶν μάλιστα δοκούντων φίλων εἶναι. οἵτινες οὖν ὑπὸ τῶν φύσει πεφυκότων μάλιστα φιλεῖν καὶ νόμῳ συνηναγκασμένων οὔτω μισοῦνται, πῶς ὑπ' ἄλλου γέ τινος οἶεσθαι χρὴ αὐτοὺς φιλεῖσθαι;

- 4.1.1 Ἀλλὰ μὴν καὶ πίστεως ὅστις ἐλάχιστον μετέχει, πῶς οὐχὶ μεγάλου ἀγαθοῦ μειονεκτεῖ; ποία μὲν γὰρ ξυνουσία ἡδεῖα ἄνευ πίστεως τῆς πρὸς ἀλλήλους, ποία δ' ἀνδρὶ καὶ γυναικὶ τερπνὴ ἄνευ πίστεως ὁμιλία, ποῖος δὲ θεράπων
- 4.2.1 ἡδὺς ἀπιστούμενος; καὶ τούτου τοίνυν τοῦ πιστῶς πρὸς τινος ἔχειν ἐλάχιστον μέτεστι τυράννῳ· ὅποτε γε οὐδὲ



σιτίοις καὶ ποτοῖς πιστεύων διάγει, ἀλλὰ καὶ τούτων πρὶν ἀπάρχεσθαι τοῖς θεοῖς τοὺς διακόνους πρῶτον κελεύουσιν

- 4.2.5 ἀπογεύεσθαι διὰ τὸ ἀπιστεῖν μὴ καὶ ἐν τούτοις κακὸν τι
- 4.3.1 φάγωσιν ἢ πίωσιν· ἀλλὰ μὴν καὶ αἱ πατρίδες τοῖς μὲν ἄλλοις ἀνθρώποις πλείστου ἄξια. πολῖται γὰρ δορυφοροῦσι μὲν ἀλλήλους ἄνευ μισθοῦ ἐπὶ τοὺς δούλους, δορυφοροῦσι δ' ἐπὶ τοὺς κακούργους, ὑπὲρ τοῦ μηδένα τῶν πολιτῶν
- 4.4.1 βιαίῳ θανάτῳ ἀποθνήσκειν. οὕτω δὲ πόρρω προεληλύθασι φυλακῆς ὥστε πεποίηνται πολλοὶ νόμον τῷ μισθῷ μὴδὲ τὸν συνόντα καθαρεύειν· ὥστε διὰ τὰς πατρίδας ἀσφαλῶς
- 4.5.1 ἕκαστος βιοτεύει τῶν πολιτῶν. τοῖς δὲ τυράννοις καὶ τοῦτο ἔμπαλιν ἀνέστραπται. ἀντὶ γὰρ τοῦ τιμωρεῖν αἱ πόλεις αὐτοῖς μεγάλως τιμῶσι τὸν ἀποκτείναντα τὸν τύραννον, καὶ ἀντὶ γε τοῦ εἶργειν ἐκ τῶν ἱερῶν, ὥσπερ τοὺς τῶν ἰδιωτῶν
- 4.5.5 φονέας, ἀντὶ τούτου καὶ εἰκόνας ἐν τοῖς ἱεροῖς ἰστᾶσιν αἱ πόλεις τῶν τοιοῦτόν τι ποιησάντων.
- 4.6.1 Εἰ δὲ σὺ οἶει ὡς πλείῳ ἔχων τῶν ἰδιωτῶν κτήματα ὁ τύραννος διὰ τοῦτο καὶ πλείῳ ἀπ' αὐτῶν εὐφραίνεται, οὐδὲ τοῦτο οὕτως ἔχει, ὡς Σιμωνίδη, ἀλλ' ὥσπερ οἱ ἀθληταὶ οὐχ ὅταν ἰδιωτῶν γένωνται κρείττονες, τοῦτ' αὐτοὺς εὐφραίνει,
- 4.6.5 ἀλλ' ὅταν τῶν ἀνταγωνιστῶν ἦττους, τοῦτ' αὐτοὺς ἀνιᾶ, οὕτω καὶ ὁ τύραννος οὐχ ὅταν τῶν ἰδιωτῶν πλείῳ φαίνεται ἔχων, τότε εὐφραίνεται, ἀλλ' ὅταν ἐτέρων τυράννων ἐλάττω ἔχη, τούτῳ λυπεῖται· τούτους γὰρ ἀνταγωνιστὰς ἡγεῖται
- 4.7.1 αὐτῷ τοῦ πλούτου εἶναι. οὐδέ γε θᾶπτόν <τι> γίγνεται τῷ τυράννῳ ἢ τῷ ἰδιώτῃ ὧν ἐπιθυμεῖ. ὁ μὲν γὰρ ἰδιώτης οἰκίας ἢ ἀγροῦ ἢ οἰκέτου ἐπιθυμεῖ, ὁ δὲ τύραννος ἢ πόλεων ἢ χώρας πολλῆς ἢ λιμένων ἢ ἀκροπόλεων ἰσχυρῶν, ἃ ἔστι
- 4.7.5 πολὺ χαλεπώτερα καὶ ἐπικινδυνότερα κατεργάσασθαι τῶν
- 4.8.1 ἰδιωτικῶν ἐπιθυμημάτων. ἀλλὰ μέντοι καὶ πένητας ὄψει [οὐχ] οὕτως ὀλίγους τῶν ἰδιωτῶν ὡς πολλοὺς τῶν τυράννων. οὐ γὰρ τῷ ἀριθμῷ οὔτε τὰ πολλὰ κρίνεται οὔτε τὰ ὀλίγα, ἀλλὰ πρὸς τὰς χρήσεις· ὥστε τὰ μὲν ὑπερβάλλοντα τὰ

- 4.8.5 ἰκανὰ πολλὰ ἐστὶ, τὰ δὲ τῶν ἰκανῶν ἐλλείποντα ὀλίγα.
- 4.9.1 τῷ οὖν τυράνῳ τὰ πολλαπλάσια ἤττον ἰκανά ἐστὶν εἰς τὰ ἀναγκαῖα δαπανήματα ἢ τῷ ἰδιώτῃ. τοῖς μὲν γὰρ ἰδιώταις ἔξεστι τὰς δαπάνας συντέμνειν εἰς τὰ καθ' ἡμέραν ὅπη βούλονται, τοῖς δὲ τυράννοις οὐκ ἐνδέχεται. αἱ γὰρ μέγισται αὐτοῖς δαπάναι καὶ ἀναγκαιόταται εἰς τὰς τῆς ψυχῆς φυλακάς εἰσι· τὸ δὲ τούτων τι συντέμνειν ὀλεθρος δοκεῖ
- 4.10.1 εἶναι. ἔπειτα δὲ ὅσοι μὲν δύνανται ἔχειν ἀπὸ τοῦ δικαίου ὅσων δέονται, τί ἂν τούτους οἰκτίροι τις ὡς πένητας; ὅσοι δ' ἀναγκάζονται δι' ἔνδειαν κακόν τι καὶ αἰσχρὸν μηχανώμενοι ζῆν, πῶς οὐ τούτους ἀθλίους ἂν τις καὶ πένητας δικαίως
- 4.11.1 νομίζοι; οἱ τύραννοι τοίνυν ἀναγκάζονται πλεῖστα συλᾶν ἀδίκως καὶ ἱερά καὶ ἀνθρώπους διὰ τὸ εἰς τὰς ἀναγκαῖας δαπάνας ἀεὶ προσδεῖσθαι χρημάτων. ὥσπερ γὰρ πολέμου ὄντος ἀεὶ ἀναγκάζονται στράτευμα τρέφειν ἢ ἀπολωλέναι.
- 5.1.1 Χαλεπὸν δ' ἐρῶ σοὶ καὶ ἄλλο πάθημα, ὃ Σιμωνίδῃ, τῶν τυράννων. γινώσκουσι μὲν γὰρ οὐδὲν ἤττον τῶν ἰδιωτῶν τοὺς ἀλκίμους τε καὶ σοφοὺς καὶ δικαίους. τούτους δ' ἀντὶ τοῦ ἄγασθαι φοβοῦνται, τοὺς μὲν ἀνδρείους, μὴ τι
- 5.1.5 τολμήσωσι τῆς ἐλευθερίας ἔνεκεν, τοὺς δὲ σοφοὺς, μὴ τι μηχανήσωνται, τοὺς δὲ δικαίους, μὴ ἐπιθυμήσῃ τὸ πλῆθος
- 5.2.1 ὑπ' αὐτῶν προστατεῖσθαι. ὅταν δὲ τοὺς τοιοῦτους διὰ τὸν φόβον ὑπεξαίρωνται, τίνες ἄλλοι αὐτοῖς καταλείπονται χρῆσθαι ἀλλ' ἢ οἱ ἄδικοί τε καὶ ἀκρατεῖς καὶ ἀνδραποδώδεις; οἱ μὲν ἄδικοι πιστευόμενοι, διότι φοβοῦνται ὥσπερ οἱ τύραννοι
- 5.2.5 οἱ τὰς πόλεις μήποτε ἐλεύθεραι γενόμεναι ἐγκρατεῖς αὐτῶν γένωνται, οἱ δ' ἀκρατεῖς τῆς εἰς τὸ παρὸν ἐξουσίας ἔνεκα, οἱ δ' ἀνδραποδώδεις, διότι οὐδ' αὐτοὶ ἀξιοῦσιν ἐλεύθεροι εἶναι. χαλεπὸν οὖν καὶ τοῦτο τὸ πάθημα ἔμοιγε δοκεῖ εἶναι, τὸ ἄλλους μὲν ἠγεῖσθαι ἀγαθοὺς ἄνδρας, ἄλλοις δὲ
- 5.3.1 χρῆσθαι ἀναγκάζεσθαι. ἔτι δὲ φιλόπολιν μὲν ἀνάγκη καὶ

τὸν τύραννον εἶναι· ἄνευ γὰρ τῆς πόλεως οὐτ' ἂν σώζεσθαι  
 δύναιτο οὐτ' εὐδαιμονεῖν· ἡ δὲ τυραννὶς ἀναγκάζει καὶ ταῖς  
 ἑαυτῶν πατρίσιν ἐνοχλεῖν. οὐτε γὰρ ἀλκίμους οὐτ' εὐ-

5.3.5 ὄπλους χαίρουσι τοὺς πολίτας παρασκευάζοντες, ἀλλὰ τοὺς  
 ξένους δεινότερους τῶν πολιτῶν ποιοῦντες ἤδονται μᾶλλον

5.4.1 καὶ τούτοις χρωῖνται δορυφόροις. ἀλλὰ μὴν οὐδ' ἂν εὐετη-  
 ρῶν γενομένων ἀφθονία τῶν ἀγαθῶν γίγνηται, οὐδὲ τότε  
 συγχαίρει ὁ τύραννος. ἐνδεεστέροις γὰρ οὔσι ταπεινότεροις  
 αὐτοῖς οἴονται χρῆσθαι.

6.1.1 Βούλομαι δέ σοι, ἔφη, ὦ Σιμωνίδη, κάκεινας τὰς εὐφρο-  
 σύνας δηλωᾶσαι ὅσαις ἐγὼ χρώμενος ὅτ' ἦν ιδιώτης, νῦν  
 ἐπειδὴ τύραννος ἐγενόμην, αἰσθάνομαι στερόμενος αὐτῶν.

6.2.1 ἐγὼ γὰρ ξυνην μὲν ἡλικιώταις ἡδόμενος ἡδομένοισι ἐμοί,  
 συνην δὲ ἐμαυτῷ, ὅποτε ἡσυχίας ἐπιθυμήσαιμι, διῆγον δ' ἐν  
 συμποσίοις πολλάκις μὲν μέχρι τοῦ ἐπιλαθέσθαι πάντων εἶ-  
 τι χαλεπὸν ἐν ἀνθρωπίνῳ βίῳ ἦν, πολλάκις δὲ μέχρι τοῦ

6.2.5 ᾠδαῖς τε καὶ θαλίαις καὶ χοροῖς τὴν ψυχὴν συγκατα-  
 μιγνύναι, πολλάκις δὲ μέχρι κοίτης ἐπιθυμίας ἐμῆς τε καὶ

6.3.1 τῶν παρόντων. νῦν δὲ ἀπεστέρημαι μὲν τῶν ἡδομένων  
 ἐμοὶ διὰ τὸ δούλους ἀντὶ φίλων ἔχειν τοὺς ἐταίρους,  
 ἀπεστέρημαι δ' αὖ τοῦ ἡδέως ἐκείνοις ὀμιλεῖν διὰ τὸ μηδε-  
 μίαν ἐνορᾶν εὔνοϊαν ἐμοὶ παρ' αὐτῶν· μέθην δὲ καὶ ὕπνον

6.4.1 ὁμοίως ἐνέδρα φυλάττομαι. τὸ δὲ φοβεῖσθαι μὲν ὄχλον,  
 φοβεῖσθαι δ' ἐρημίαν, φοβεῖσθαι δὲ ἀφυλαξίαν, φοβεῖσθαι  
 δὲ καὶ αὐτοὺς τοὺς φυλάττοντας, καὶ μήτ' ἀόπλους ἔχειν  
 ἐθέλειν περὶ αὐτὸν μήθ' ὀπλισμένους ἡδέως θεᾶσθαι, πῶς

6.5.1 οὐκ ἀργαλέον ἐστὶ πρᾶγμα; ἔτι δὲ ξένοις μὲν μᾶλλον ἢ  
 πολίταις πιστεύειν, βαρβάροις δὲ μᾶλλον ἢ Ἑλλησιν, ἐπιθυ-  
 μεῖν δὲ τοὺς μὲν ἐλευθέρους δούλους ἔχειν, τοὺς δὲ δούλους  
 ἀναγκάζεσθαι ποιεῖν ἐλευθέρους, οὐ πάντα σοὶ ταῦτα δοκεῖ

6.6.1 ψυχῆς ὑπὸ φόβων καταπεπληγμένης τεκμήρια εἶναι; ὁ γέ-  
 τοι φόβος οὐ μόνον αὐτὸς ἐνὼν ταῖς ψυχαῖς λυπηρὸς ἐστίν,

- ἀλλὰ καὶ πάντων τῶν ἡδέων συμπαρακολουθῶν λυμεῶν
- 6.7.1 γίγνεται. εἰ δὲ καὶ σὺ πολεμικῶν ἔμπειρος εἶ, ὦ Σιμωνίδη,  
καὶ ἤδη ποτὲ πολεμία φάλαγγι πλησίον ἀντετάξω, ἀνα-  
μνήσθητι ποῖον μὲν τινα σῖτον ἥρου ἐν ἐκείνῳ τῷ χρόνῳ,
- 6.8.1 ποῖον δὲ τινα ὕπνον ἐκοιμῶ. οἶα μέντοι σοὶ τότε ἦν τὰ  
λυπηρά, τοιαῦτά ἐστι τὰ τῶν τυράννων καὶ ἔτι δεινότερα·  
οὐ γὰρ ἐξ ἐναντίας μόνον, ἀλλὰ καὶ πάντοθεν πολεμίους
- 6.9.1 ὄρᾶν νομίζουσιν οἱ τύραννοι. ταῦτα δ' ἀκούσας ὁ Σιμωνίδης  
ὑπολαβὼν εἶπεν· Ὑπέρευ μοι δοκεῖς ἔνια λέγειν. ὁ γὰρ  
πόλεμος φοβερὸν μὲν, ἀλλ' ὅμως, ὦ Ἰέρων, ἡμεῖς γε ὅταν  
ᾤμεν ἐν στρατείᾳ, φύλακας προκαθιστάμενοι θαρραλέως
- 6.10.1 δειπνοῦ τε καὶ ὕπνου λαγχάνομεν. καὶ ὁ Ἰέρων ἔφη· Ναὶ  
μὰ Δία, ὦ Σιμωνίδη· αὐτῶν μὲν γὰρ προφυλάττουσιν οἱ  
νόμοι, ὥστε περὶ ἑαυτῶν φοβοῦνται καὶ ὑπὲρ ὑμῶν· οἱ δὲ
- 6.11.1 τύραννοι μισθοῦ φύλακας ἔχουσιν ὥσπερ θηριστάς. καὶ  
δεῖ μὲν δήπου τοὺς φύλακας μηδὲν οὔτω ποιεῖν δύνασθαι ὡς  
πιστοὺς εἶναι· πιστὸν δὲ ἓνα πολὺ χαλεπώτερον εὐρεῖν ἢ  
πάνυ πολλοὺς ἐργάτας ὁποῖου βούλει ἔργου, ἄλλως τε
- 6.11.5 καὶ ὁπότεν χρημάτων μὲν ἔνεκα παρῶσιν οἱ φυλάττοντες,  
ἐξῆ δ' αὐτοῖς ἐν ὀλίγῳ χρόνῳ πολὺ πλείω λαβεῖν ἀπο-  
κτεῖνασι τὸν τύραννον ἢ ὅσα πολὺν χρόνον φυλάττοντες
- 6.12.1 παρὰ τοῦ τυράννου λαμβάνουσιν. ὁ δ' ἐζήλωσας ἡμᾶς  
ὡς τοὺς μὲν φίλους μάλιστα εὖ ποιεῖν δυνάμεθα, τοὺς  
δὲ ἐχθροὺς πάντων μάλιστα χειρούμεθα, οὐδὲ ταῦθ' οὔτως
- 6.13.1 ἔχει. φίλους μὲν γὰρ πῶς ἂν νομίσεις ποτὲ εὖ ποιεῖν,  
ὅταν εὖ εἰδῆς ὅτι ὁ τὰ πλεῖστα λαμβάνων παρὰ σοῦ  
ἦδιστ' ἂν ὡς τάχιστα ἐξ ὀφθαλμῶν σου γένοιτο; ὅ τι  
γὰρ ἂν τις λάβῃ παρὰ τυράννου, οὐδεὶς οὐδὲν ἑαυτοῦ
- 6.13.5 νομίζει πρὶν ἂν ἔξω τῆς τούτου ἐπικρατείας γένηται.
- 6.14.1 ἐχθροὺς δ' αὖ πῶς ἂν φαίης μάλιστα τοῖς τυράννοις  
ἐξεῖναι χειροῦσθαι, ὅταν εὖ εἰδῶσιν ὅτι ἐχθροὶ αὐτῶν  
εἰσι πάντες οἱ τυραννούμενοι, τούτους δὲ μήτε κατακαίνειν  
ἅπαντας μήτε δεσμεύειν οἷόν τε ἦ (τίνων γὰρ ἔτι ἄρξει;)

- 6.15.1 ἀλλ' εἰδότα ὅτι ἐχθροὶ εἰσι, τούτους ἅμα μὲν φυλάττεσθαι δέη, καὶ χρῆσθαι δ' αὐτοῖς ἀναγκάζηται; εὖ δ' ἴσθι καὶ τοῦτο, ὃ Σιμωνίδη, ὅτι καὶ οὖς τῶν πολιτῶν δεδίασι χαλεπῶς μὲν αὐτοὺς ζῶντας ὀρώσι, χαλεπῶς δ' ἀποκτείνουσιν· ὥσπερ γε καὶ ἵππος εἰ ἀγαθὸς μὲν εἴη, φοβερὸς δὲ μὴ ἀνήκεστόν τι ποιήσῃ, χαλεπῶς μὲν ἂν τις αὐτὸν
- 6.16.1 ἀποκτεῖναι διὰ τὴν ἀρετὴν, χαλεπῶς δὲ ζῶντι χρῶτο, εὐλαβούμενος μὴ τι ἀνήκεστον ἐν τοῖς κινδύνοις ἐργάσῃται, καὶ τᾶλλά γε κτήματα ὅσα χαλεπὰ μὲν χρήσιμα δ' ἐστίν, ὁμοίως ἅπαντα λυπεῖ μὲν τοὺς κεκτημένους, λυπεῖ δὲ
- 6.16.5 ἀπαλλαττομένους.
- 7.1.1 Ἐπεὶ δὲ ταῦτα αὐτοῦ ἤκουσεν ὁ Σιμωνίδης, εἶπεν· Ἔοικεν, ἔφη, ὃ Ἰέρων, μέγα τι εἶναι ἢ τιμὴ, ἣς ὀρεγόμενοι οἱ ἄνθρωποι πάντα μὲν πόνον ὑποδύονται, πάντα δὲ κίνδυνον
- 7.2.1 ὑπομένουσι. καὶ ὑμεῖς, ὡς ἔοικε, τοσαῦτα πράγματα ἐχούσης ὅποσα λέγεις τῆς τυραννίδος, ὅμως προπετῶς φέρεσθε εἰς αὐτήν, ὅπως τιμᾶσθε καὶ ὑπηρετῶσι μὲν ὑμῖν πάντες πάντα τὰ προσταττόμενα ἀπροφασίστως, περι-
- 7.2.5 βλέπωσι δὲ πάντες, ὑπανιστῶνται δ' ἀπὸ τῶν θάκων ὁδῶν τε παραχωρῶσι, γεραίρωσι δὲ καὶ λόγοις καὶ ἔργοις πάντες οἱ παρόντες ἀεὶ ὑμᾶς· τοιαῦτα γὰρ δὴ ποιοῦσι τοῖς τυράννοις οἱ ἀρχόμενοι καὶ ἄλλον ὄντιν' ἂν ἀεὶ τιμῶντες τυγχάνωσι.
- 7.3.1 καὶ γὰρ μοι δοκεῖ, ὃ Ἰέρων, τούτῳ διαφέρειν ἀνήρ τῶν ἄλλων ζῶν, τῷ τιμῆς ὀρέγεσθαι. ἐπεὶ σιτίσις γε καὶ ποτοῖς καὶ ὕπνοις καὶ ἀφροδισίοις πάντα ὁμοίως ἤδυσθαι ἔοικε τὰ ζῶα· ἢ δὲ φιλοτιμία οὐτ' ἐν τοῖς ἀλόγοις ζῴοις
- 7.3.5 ἐμφύεται οὐτ' ἐν ἅπασιν ἀνθρώποις· οἷς δ' ἂν ἐμφύη τιμῆς τε καὶ ἐπαίνου ἔρωσ, οὗτοί εἰσιν ἤδη οἱ πλεῖστον μὲν τῶν βουσιμῶν διαφέροντες, ἄνδρες δὲ καὶ οὐκέτι ἄνθρωποι
- 7.4.1 μόνον νομιζόμενοι. ὥστε ἐμοὶ μὲν εἰκότως δοκεῖτε ταῦτα πάντα ὑπομένειν ἃ φέρετε ἐν τῇ τυραννίδι, ἐπεὶ περ τιμᾶσθε

διαφερόντως τῶν ἄλλων ἀνθρώπων. καὶ γὰρ οὐδεμία ἀνθρω-  
πίνη ἡδονὴ τοῦ θεοῦ ἐγγυτέρω δοκεῖ εἶναι ἢ ἡ περὶ τὰς

- 7.5.1 τιμὰς εὐφροσύνη. πρὸς ταῦτα δὴ εἶπεν ὁ Ἰέρων· Ἄλλ',  
ὦ Σιμωνίδη, καὶ αἱ τιμαὶ τῶν τυράννων ὅμοιαι ἐμοὶ δοκοῦσιν  
εἶναι οἷάπερ ἐγὼ σοι τὰ ἀφροδίσια ὄντα αὐτῶν ἀπέδειξα.
- 7.6.1 οὔτε γὰρ αἱ μὴ ἐξ ἀντιφιλοῦντων ὑπουργίαι χάριτες ἡμῖν  
ἐδόκουν εἶναι οὔτε τὰ ἀφροδίσια τὰ βίαια ἡδέα ἐφαίνετο.  
ὡσαύτως τοίνυν οὐδὲ αἱ ὑπουργίαι <αἱ> ὑπὸ τῶν φοβουμένων
- 7.7.1 τιμαὶ εἰσι. πῶς γὰρ ἂν φαίημεν ἢ τοὺς βία ἐξανισταμένους  
θάκων διὰ τὸ τιμᾶν τοὺς ἀδικοῦντας ἐξανίστασθαι, ἢ τοὺς  
ὁδῶν παραχωροῦντας τοῖς κρείττοσι διὰ τὸ τιμᾶν τοὺς
- 7.8.1 ἀδικοῦντας παραχωρεῖν; καὶ δῶρά γε διδόασιν οἱ πολλοὶ  
τούτοις οὐς μισοῦσι, καὶ ταῦτα ὅταν μάλιστα φοβῶνται μὴ  
τι κακὸν ὑπ' αὐτῶν πάθωσιν. ἀλλὰ ταῦτα μὲν οἶμαι δουλείας  
ἔργα εἰκότως ἂν νομίζοιτο· αἱ δὲ τιμαὶ ἔμοιγε δοκοῦσιν ἐκ
- 7.9.1 τῶν ἐναντίων τούτοις γίγνεσθαι. ὅταν γὰρ ἄνθρωποι ἄνδρα  
ἠγησάμενοι εὐεργετεῖν ἰκανὸν εἶναι, καὶ ἀπολαύειν αὐτοῦ  
ἀγαθὰ νομίσαντες, ἔπειτα τοῦτον ἀνὰ στόμα τε ἔχωσιν  
ἐπαινοῦντες, θεῶνταί τ' αὐτὸν ὡς οἰκεῖον ἕκαστος ἀγαθόν,
- 7.9.5 ἐκόντες τε παραχωρῶσι τούτῳ ὁδῶν καὶ θάκων ὑπανιστῶνται  
φιλοῦντές τε καὶ μὴ φοβούμενοι, καὶ στεφανῶσι κοινῆς  
ἀρετῆς καὶ εὐεργεσίας ἕνεκα, καὶ δωρεῖσθαι ἐθέλωσιν, οἱ αὐτοὶ  
οὔτοι ἔμοιγε δοκοῦσι τιμᾶν τε τοῦτον ἀληθῶς οἱ ἂν τοιαῦτα  
ὑπουργήσωσι καὶ ὁ τούτων ἀξιούμενος τιμᾶσθαι τῷ ὄντι.
- 7.10.1 καὶ ἔγωγε τὸν μὲν οὕτω τιμώμενον μακαρίζω· αἰσθάνομαι  
γὰρ αὐτὸν οὐκ ἐπιβουλεύομενον ἀλλὰ φροντιζόμενον μὴ τι  
πάθη καὶ ἀφόβως καὶ ἀνεπιφθόνως καὶ ἀκινδύνως καὶ  
εὐδαιμόνως τὸν βίον διάγοντα· ὁ δὲ τύραννος ὡς ὑπὸ πάν-
- 7.10.5 των ἀνθρώπων κατακεκριμένος δι' ἀδικίαν ἀποθνήσκειν,  
οὕτως, ὦ Σιμωνίδη, εὖ ἴσθι, καὶ νύκτα καὶ ἡμέραν διάγει.
- 7.11.1 ἐπεὶ δὲ ταῦτα πάντα διήκουσεν ὁ Σιμωνίδης, Καὶ πῶς, ἔφη,  
ὦ Ἰέρων, εἰ οὕτως πονηρόν ἐστι τὸ τυραννεῖν καὶ τοῦτο σὺ  
ἔγνωκας, οὐκ ἀπαλλάττη οὕτω μεγάλου κακοῦ, ἀλλ' οὔτε σὺ

- οὔτε ἄλλος μὲν δὴ οὐδεὶς πώποτε ἐκὼν εἶναι τυραννίδος
- 7.12.1 ἀφεῖτο, ὅσπερ [ἄν] ἅπαξ κτήσαιτο; Ὅτι, ἔφη, ὦ Σιμωνίδη,  
καὶ ταύτη ἀθλιώτατόν ἐστιν ἢ τυραννίς· οὐδὲ γὰρ ἀπαλ-  
λαγῆναι δυνατὸν αὐτῆς ἐστι. πῶς γὰρ ἄν τις ποτε  
ἐξαρκέσειε τύραννος ἢ χρήματα ἐκτίνων ὅσους ἀφείλετο ἢ
- 7.12.5 δεσμοὺς ἀντιπάσχων ὅσους δὴ ἐδέσμευσεν, ἢ ὅσους κατέκανε
- 7.13.1 πῶς ἄν ἱκανὰς ψυχὰς ἀντιπαράσχοιτο ἀποθανουμένας; ἀλλ'  
εἴπερ τῷ ἄλλῳ, ὦ Σιμωνίδη, λυσιτελεῖ ἀπάγξασθαι, ἴσθι,  
ἔφη, ὅτι τυράννῳ ἔγωγε εὐρίσκω μάλιστα τοῦτο λυσιτελοῦν  
ποιῆσαι. μόνῳ γὰρ αὐτῷ οὔτε ἔχειν οὔτε καταθέσθαι τὰ
- 7.13.5 κακὰ λυσιτελεῖ.
- 8.1.1 Καὶ ὁ Σιμωνίδης ὑπολαβὼν εἶπεν· Ἀλλὰ τὸ μὲν νῦν, ὦ  
Ἰέρων, ἀθύμως ἔχειν σε πρὸς τὴν τυραννίδα οὐ θαυμάζω,  
ἐπεὶπερ ἐπιθυμῶν φιλεῖσθαι ὑπ' ἀνθρώπων ἐμποδῶν σοι  
τούτου νομίζεις αὐτὴν εἶναι. ἐγὼ μέντοι ἔχειν μοι δοκῶ
- 8.1.5 διδάξαι σε ὡς τὸ ἄρχειν οὐδὲν ἀποκωλύει τοῦ φιλεῖσθαι,
- 8.2.1 ἀλλὰ καὶ πλεονεκτεῖ γε τῆς ιδιωτείας. ἐπισκοποῦντες δὲ  
αὐτὸ εἰ οὔτως ἔχει μήπω ἐκεῖνο σκοπῶμεν, εἰ διὰ τὸ μείζον  
δύνασθαι ὁ ἄρχων καὶ χαρίζεσθαι πλείω δύναται' ἄν, ἀλλ' ἄν  
τὰ ὅμοια ποιῶσιν ὁ τε ιδιώτης καὶ ὁ τύραννος, ἐννόει πότε-
- 8.2.5 ρος μείζω ἀπὸ τῶν ἴσων κτᾶται χάριν. ἄρξομαι δέ σοι
- 8.3.1 ἀπὸ τῶν μικροτάτων παραδειγμάτων. ἰδὼν γὰρ πρῶτον  
προσειπάτω τινὰ φιλικῶς ὁ τε ἄρχων καὶ ὁ ιδιώτης· ἐν  
τούτῳ τὴν ποτέρου πρόσρησιν μᾶλλον εὐφραίνειν τὸν ἀκού-  
σαντα νομίζεις; ἴθι δὴ ἐπαινεσάντων ἀμφοτέρου τὸν αὐτόν·
- 8.3.5 τὸν ποτέρου δοκεῖς ἔπαινον ἐξικνεῖσθαι μᾶλλον εἰς εὐφρο-  
σύνην; θύσας δὲ τιμησάτω ἐκάτερος· τὴν παρὰ ποτέρου
- 8.4.1 τιμὴν μείζονος ἄν χάριτος δοκεῖς τυγχάνειν; κάμνοντα  
θεραπευσάτωσαν ὁμοίως· οὐκοῦν τοῦτο σαφές ὅτι αἱ ἀπὸ  
τῶν δυνατωτάτων θεραπείαι καὶ χαρὰν ἐμποιοῦσι μεγίστην;  
δότησαν δὴ τὰ ἴσα· οὐ καὶ ἐν τούτῳ σαφές ὅτι αἱ ἀπὸ τῶν

- 8.4.5 δυνατωτάτων ήμίσειαι χάριτες πλέον ή ὅλον τὸ παρὰ τοῦ
- 8.5.1 ιδιώτου δώρημα δύνανται; ἀλλ' ἔμοιγε δοκεῖ καὶ ἐκ θεῶν  
τιμή τις καὶ χάρις συμπαρέπεσθαι ἀνδρὶ ἄρχοντι. μὴ γὰρ  
ὅτι καλλίονα ποιεῖ ἄνδρα, ἀλλὰ καὶ τὸν αὐτὸν τοῦτον ἥδιον  
θεώμεθά τε ὅταν ἄρχῃ ἢ ὅταν ιδιωτεύῃ, διαλεγόμενοί τε
- 8.5.5 ἀγαλλόμεθα τοῖς προτετιμημένοις μᾶλλον ἢ τοῖς ἐκ τοῦ
- 8.6.1 ἴσου ἡμῖν οὔσι. καὶ μὴν παιδικά γε, ἐν οἷς δὴ καὶ  
σὺ μάλιστα κατεμέμψω τὴν τυραννίδα, ἥκιστα μὲν γῆρας  
ἄρχοντος δυσχεραίνει, ἥκιστα δ' αἰσχος, πρὸς ὃν ἂν τυγχάνῃ  
ὀμιλῶν, τούτου ὑπολογίζεται. αὐτὸ γὰρ τὸ τετιμῆσθαι
- 8.6.5 μάλιστα συνεπικοσμεῖ, ὥστε τὰ μὲν δυσχερῆ ἀφανίζουσιν, τὰ
- 8.7.1 δὲ καλὰ λαμπρότερα ἀναφαίνουσιν. ὁπότε γε μὴν ἐκ τῶν  
ἴσων ὑπουργημάτων μειζόνων χαρίτων ὑμεῖς τυγχάνετε,  
πῶς οὐκ ἐπειδάν γε ὑμεῖς πολλαπλάσια μὲν διαπράττοντες  
ὠφελεῖν δύνησθε, πολλαπλάσια δὲ δωρεῖσθαι ἔχητε, ὑμᾶς
- 8.8.1 καὶ πολὺ μᾶλλον φιλεῖσθαι τῶν ιδιωτῶν προσήκει; καὶ  
ὁ Ἰέρων εὐθύς ὑπολαβὼν, Ὅτι νῆ Δί', ἔφη, ὃ Σιμωνίδῃ,  
καὶ ἐξ ὧν ἀπεχθάνονται ἄνθρωποι, ἡμᾶς πολὺ πλείω τῶν
- 8.9.1 ιδιωτῶν ἀνάγκη ἐστὶ πραγματεύεσθαι. πρακτέον μὲν γε  
χρήματα, εἰ μέλλομεν ἔξειν δαπανᾶν εἰς τὰ δέοντα, ἀναγ-  
καστέον δὲ φυλάττειν ὅσα δεῖται φυλακῆς, κολαστέον δὲ  
τοὺς ἀδίκους, κωλυτέον δὲ τοὺς ὑβρίζουσιν βουλομένους· καὶ
- 8.9.5 ὅταν γε τάχους καιρὸς παραστῆ ἢ πεζῆ ἢ κατὰ θάλατταν
- 8.10.1 ἐξορμᾶσθαι, οὐκ ἐπιτρεπτέον τοῖς ῥαδιουργοῦσιν. ἔτι δὲ  
μισθοφόρων μὲν ἀνδρὶ τυράννῳ δεῖ· τούτου δὲ βαρύτερον  
φόρημα οὐδέν ἐστι τοῖς πολίταις. οὐ γὰρ τυράννοις ἰσοτιμίας,  
ἀλλὰ πλεονεξίας ἔνεκα νομίζουσι τούτους τρέφεσθαι.
- 9.1.1 Πρὸς ταῦτα δὴ πάλιν εἶπεν ὁ Σιμωνίδης· Ἄλλ' ὅπως  
μὲν οὐ πάντων τούτων ἐπιμελητέον, ὃ Ἰέρων, οὐ λέγω.  
ἐπιμέλειαί μέντοι μοι δοκοῦσιν αἱ μὲν πάνυ πρὸς ἔχθραν
- 9.2.1 ἄγειν, αἱ δὲ πάνυ διὰ χαρίτων εἶναι. τὸ μὲν γὰρ διδάσκειν



- ἄ ἐστι βέλτιστα καὶ τὸν κάλλιστα ταῦτα ἐξεργαζόμενον  
ἐπαινεῖν καὶ τιμᾶν, αὕτη μὲν ἢ ἐπιμέλεια διὰ χαρίτων  
γίγνεται, τὸ δὲ τὸν ἐνδεῶς τι ποιοῦντα λαιδορεῖν τε καὶ
- 9.2.5 ἀναγκάζειν καὶ ζημιοῦν καὶ κολάζειν, ταῦτα δὲ ἀνάγκη δι'
- 9.3.1 ἀπεχθείας μᾶλλον γίγνεσθαι. ἐγὼ οὖν φημι ἀνδρὶ ἄρχοντι  
τὸν μὲν ἀνάγκης δεόμενον ἄλλοις προστακτέον εἶναι κολάζειν,  
τὸ δὲ τὰ ἄθλα ἀποδιδόναι δι' αὐτοῦ ποιητέον. ὥς δὲ ταῦτα
- 9.4.1 καλῶς ἔχει μαρτυρεῖ τὰ γινόμενα. καὶ γὰρ ὅταν χοροὺς  
ἡμῖν βουλώμεθα ἀγωνίζεσθαι, ἄθλα μὲν ὁ ἄρχων προτίθησιν,  
ἀθροίζειν δὲ αὐτοὺς προστέτακται χορηγοῖς καὶ ἄλλοις δι-  
δάσκειν καὶ ἀνάγκην προστιθέναι τοῖς ἐνδεῶς τι ποιοῦσιν.
- 9.4.5 οὐκοῦν εὐθὺς ἐν τούτοις τὸ μὲν ἐπίχαρι διὰ τοῦ ἄρχοντος
- 9.5.1 ἐγένετο, τὰ δ' ἀντίτυπα δι' ἄλλων. τί οὖν κωλύει καὶ  
τᾶλλα τὰ πολιτικὰ οὕτως περαίνεσθαι; διήρηνται μὲν γὰρ  
ἅπασαι αἱ πόλεις αἱ μὲν κατὰ φυλάς, αἱ δὲ κατὰ μόρας, αἱ  
δὲ κατὰ λόχους, καὶ ἄρχοντες ἐφ' ἐκάστῳ μέρει ἐφεστήκασιν.
- 9.6.1 οὐκοῦν εἴ τις καὶ τούτοις ὥσπερ τοῖς χοροῖς ἄθλα προτιθείη  
καὶ εὐοπλίας καὶ εὐταξίας καὶ ἵππικῆς καὶ ἀλκῆς τῆς ἐν  
πολέμῳ καὶ δικαιοσύνης τῆς ἐν συμβολαίοις, εἰκὸς καὶ ταῦτα
- 9.7.1 πάντα διὰ φιλονικίαν ἐντόνως ἀσκεῖσθαι. καὶ ναὶ μὰ Δία  
ὀρμῶντό γ' ἂν θᾶπτον ὅποι δέοι, τιμῆς ὀρεγόμενοι, καὶ  
χρήματα θᾶπτον <ἂν> εἰσφέρειεν, ὅποτε τούτου καιρὸς εἴη,  
καὶ τὸ πάντων γε χρησιμώτατον, ἥκιστα δὲ εἰθισμένον διὰ
- 9.7.5 φιλονικίας πράττεσθαι, ἢ γεωργία αὐτὴ ἂν πολὺ ἐπιδοίη, εἴ  
τις ἄθλα προτιθείη κατ' ἀγροὺς ἢ κατὰ κόμας τοῖς κάλλιστα  
τὴν γῆν ἐξεργαζομένοις, καὶ τοῖς εἰς τοῦτο τῶν πολιτῶν
- 9.8.1 ἐρρωμένως τρεπομένοις πολλὰ ἂν ἀγαθὰ περαίνοιτο· καὶ  
γὰρ αἱ πρόσοδοι αὐξοῖντ' ἂν, καὶ ἡ σωφροσύνη πολὺ μᾶλλον  
σὺν τῇ ἀσχολίᾳ συμπαρομαρτεῖ. καὶ μὴν κακουργίαι γε
- 9.9.1 ἦττον τοῖς ἐνεργοῖς ἐμφύονται. εἰ δὲ καὶ ἐμπορία ὠφελεῖ  
τι πόλιν, τιμώμενος ἂν ὁ πλεῖστα τοῦτο ποιῶν καὶ ἐμπόρους  
ἂν πλείους ἀγείροι. εἰ δὲ φανερόν γένοιτο ὅτι καὶ ὁ πρόσ-  
οδὸν τινα ἄλυπον ἐξευρίσκων τῇ πόλει τιμήσεται, οὐδ'

- 9.10.1 αὕτη ἂν ἡ σκέψις ἀργοῖτο. ὡς δὲ συνελόντι εἶπεῖν, εἰ καὶ κατὰ πάντων ἐμφανὲς εἶη ὅτι ὁ ἀγαθὸν τι εἰσηγούμενος οὐκ ἀτίμητος ἔσται, πολλοὺς ἂν καὶ τοῦτο ἐξορμήσειεν ἔργον ποιεῖσθαι τὸ σκοπεῖν τι ἀγαθόν. καὶ ὅταν γε πολλοῖς περὶ
- 9.10.5 τῶν ὠφελίμων μέλη, ἀνάγκη εὐρίσκεσθαι τε μᾶλλον καὶ ἐπιτελεῖσθαι. εἰ δὲ φοβῆ, ὃ Ἰέρων, μὴ ἐν πολλοῖς ἄθλων προτιθεμένων πολλαὶ δαπάναι γίνωνται, ἐννόησον ὅτι οὐκ ἔστιν ἐμπορεύματα λυσιτελέστερα ἢ ὅσα ἄνθρωποι ἄθλων ὠνοῦνται. ὀρᾶς ἐν ἵππικοῖς καὶ γυμνικοῖς καὶ χορηγικοῖς
- 9.11.5 ἀγῶσιν ὡς μικρὰ ἄθλα μεγάλας δαπάνας καὶ πολλοὺς πόνους καὶ πολλὰς ἐπιμελείας ἐξάγεται ἀνθρώπων;
- 10.1.1 Καὶ ὁ Ἰέρων εἶπεν· Ἀλλὰ ταῦτα μὲν, ὃ Σιμωνίδη, καλῶς μοι δοκεῖς λέγειν· περὶ δὲ τῶν μισθοφόρων ἔχεις τι εἶπεῖν ὡς μὴ μισεῖσθαι δι' αὐτούς; ἢ λέγεις ὡς φιλίαν κτησάμενος
- 10.2.1 ἄρχων οὐδὲν ἔτι δεήσεται δορυφόρων; Ναὶ μὰ Δία, εἶπεν ὁ Σιμωνίδης, δεήσεται μὲν οὖν. οἶδα γὰρ ὅτι ὡσπερ ἐν ἵπποις οὕτως καὶ ἐν ἀνθρώποις τισὶν ἐγγίγνεται, ὅσῳ ἂν ἔκπλεα τὰ δέοντα ἔχωσι, τοσούτῳ ὑβριστοτέροις εἶναι.
- 10.3.1 τοὺς μὲν οὖν τοιούτους μᾶλλον ἂν σωφρονίζοι ὁ ἀπὸ τῶν δορυφόρων φόβος. τοῖς δὲ καλοῖς κἀγαθοῖς ἀπ' οὐδενὸς ἂν μοι δοκεῖς τοσαῦτα ὠφελήματα παρασχεῖν ὅσα ἀπὸ τῶν
- 10.4.1 μισθοφόρων. τρέφεις μὲν γὰρ δήπου καὶ σὺ αὐτοὺς σαυτῶ φύλακας· ἤδη δὲ πολλοὶ καὶ δεσπότηται βία ὑπὸ τῶν δούλων ἀπέθανον. ἐν οὖν ἂν πρῶτον τοῦτ' εἶη τῶν προστεταγμένων τοῖς μισθοφόροις, ὡς πάντων ὄντας δορυφόρους τῶν πολιτῶν
- 10.4.5 βοηθεῖν πᾶσιν, ἂν τι τοιοῦτον αἰσθάνωνται. γίνονται δὲ που, ὡς πάντες ἐπιστάμεθα, κακοῦργοι ἐν πόλεσιν· εἰ οὖν καὶ τούτους φυλάττειν εἶεν τεταγμένοι, καὶ τοῦτ' ἂν εἶδεῖεν
- 10.5.1 ὑπ' αὐτῶν ὠφελοῦμενοι. πρὸς δὲ τούτοις καὶ τοῖς ἐν τῇ χώρᾳ ἐργάταις καὶ κτήνεσιν οὔτοι ἂν εἰκότως καὶ θάρρος καὶ ἀσφάλειαν δύναιτο μάλιστα παρέχειν, ὁμοίως μὲν τοῖς

- σοῖς ἰδίοις, ὁμοίως δὲ τοῖς ἀνά τὴν χώραν. ἱκανοί γε μὴν
- 10.5.5 εἰσι καὶ σχολὴν παρέχειν τοῖς πολίταις τῶν ἰδίων ἐπι-
- 10.6.1 μελεῖσθαι, τὰ ἐπίκαιρα φυλάττοντες. πρὸς δὲ τούτοις καὶ  
πολεμίων ἐφόδους κρυφαίας καὶ ἐξαπιναίας τίνες ἐτοιμότεροι  
ἢ προαισθῆσθαι ἢ κωλύσαι τῶν ἀεὶ ἐν ὄπλοις τε ὄντων καὶ  
συντεταγμένων; ἀλλὰ μὴν καὶ ἐν τῇ στρατιᾷ τί ἐστίν
- 10.6.5 ὠφελιμώτερον πολίταις μισθοφόρων; τούτους γὰρ προ-  
πονεῖν καὶ προκινδυνεύειν καὶ προφυλάττειν εἰκὸς ἐτοιμο-
- 10.7.1 τάτους εἶναι. τὰς <δ'> ἀγχιτέρμονας πόλεις οὐκ ἀνάγκη διὰ  
τούς ἀεὶ ἐν ὄπλοις ὄντας καὶ εἰρήνης μάλιστα ἐπιθυμεῖν;  
οἱ γὰρ συντεταγμένοι καὶ σώζουσιν τὰ τῶν φίλων μάλιστα
- 10.8.1 καὶ σφάλλειν τὰ τῶν πολεμίων δύναντ' ἂν. ὅταν γε μὴν  
γνώσιν οἱ πολῖται ὅτι οὗτοι κακὸν μὲν οὐδὲν ποιούσι τὸν  
μηδὲν ἀδικοῦντα, τοὺς δὲ κακουργεῖν βουλομένους κωλύουσι,  
βοηθοῦσι δὲ τοῖς ἀδικουμένοις, προνοοῦσι δὲ καὶ προκινδυ-
- 10.8.5 νεύουσι τῶν πολιτῶν, πῶς οὐκ ἀνάγκη καὶ δαπανᾶν εἰς  
τούτους ἥδιστα; τρέφουσι γοῦν καὶ ἰδίᾳ ἐπὶ μείοσι τούτων φύλακας.
- 11.1.1 Χρὴ δέ, ὧ Ἰέρων, οὐδ' ἀπὸ τῶν ἰδίων κτημάτων ὀκνεῖν  
δαπανᾶν εἰς τὸ κοινὸν ἀγαθόν. καὶ γὰρ ἔμοιγε δοκεῖ τὰ  
εἰς τὴν πόλιν ἀναλούμενα μᾶλλον εἰς τὸ δέον τελεῖσθαι  
ἢ τὰ εἰς τὸ ἴδιον ἀνδρὶ τυράννω. καθ' ἐν δ' ἕκαστον σκο-
- 11.2.1 πῶμεν. οἰκίαν πρῶτον ὑπερβαλλούση δαπάνη κεκαλλωπι-  
σμένην μᾶλλον ἢ γῆ κόσμου ἂν σοι παρέχειν ἢ πᾶσαν τὴν  
πόλιν τείχεσσι τε καὶ ναοῖς καὶ παστάσι καὶ ἀγοραῖς καὶ
- 11.3.1 λιμέσι κατεσκευασμένην; ὄπλοις δὲ πότερον τοῖς ἐκπαγλο-  
τάτοις αὐτὸς κατακεκοσμημένος δεινότερος ἂν φαίνοιο τοῖς
- 11.4.1 πολεμίοις ἢ τῆς πόλεως ὅλης εὐόπλου σοι οὔσης; προς-  
όδους δὲ ποτέρως ἂν δοκεῖς πλείονας γίνεσθαι, εἰ τὰ σὰ  
ἴδια μόνον ἐνεργὰ ἔχοις ἢ εἰ τὰ πάντων τῶν πολιτῶν με-
- 11.5.1 μηχανημένος εἷης ἐνεργὰ εἶναι; τὸ δὲ πάντων κάλλιστον καὶ  
μεγαλοπρεπέστατον νομιζόμενον εἶναι ἐπιτήδευμα ἄρματο-

- τροφίαν, ποτέρως ἂν δοκεῖς μᾶλλον κοσμεῖν, εἰ αὐτὸς  
 πλεῖστα τῶν Ἑλλήνων ἄρματα τρέφοις τε καὶ πέμποις εἰς
- 11.5.5 τὰς πανηγύρεις, ἢ εἰ ἐκ τῆς σῆς πόλεως πλεῖστοι μὲν ἵππο-  
 τρόφοι εἶεν, πλεῖστοι δ' ἀγωνίζονται; νικᾶν δὲ πότερα δοκεῖς  
 κάλλιον εἶναι ἄρματος ἀρετῆ ἢ πόλεως ἧς προστατεύεις
- 11.6.1 εὐδαιμονία; ἐγὼ μὲν γὰρ οὐδὲ προσήκειν φημι ἀνδρὶ τυράνῳ  
 πρὸς ιδιώτας ἀγωνίζεσθαι. νικῶν μὲν γὰρ οὐκ ἂν θαυμάζοιο  
 ἀλλὰ φθονοῖο, ὡς ἀπὸ πολλῶν οἴκων τὰς δαπάνας ποιού-
- 11.7.1 μενος, νικώμενος δ' ἂν πάντων μάλιστα καταγελῶ. ἀλλ'  
 ἐγὼ σοὶ φημι, ὦ Ἰέρων, πρὸς ἄλλους προστατάς πόλεων  
 τὸν ἀγῶνα εἶναι, ὧν ἐὰν σὺ εὐδαιμονεστάτην τὴν πόλιν ἧς  
 προστατεύεις παρέχῃς, κηρυχθήσῃ νικῶν τῷ καλλίστῳ καὶ
- 11.8.1 μεγαλοπρεπεστάτῳ ἐν ἀνθρώποις ἀγωνίσματι. καὶ πρῶτον  
 μὲν εὐθύς κατειργασμένος ἂν εἴης τὸ φιλεῖσθαι ὑπὸ τῶν  
 ἀρχομένων, οὗ δὴ σὺ ἐπιθυμῶν τυγχάνεις· ἔπειτα δὲ τὴν  
 σὴν νίκην οὐκ ἂν εἶς εἴη ὁ ἀνακηρύττων, ἀλλὰ πάντες
- 11.9.1 ἀνθρώποι ὑμνοῖεν ἂν τὴν σὴν ἀρετὴν. περίβλεπτος δὲ ὢν  
 οὐχ ὑπὸ ιδιωτῶν μόνον ἀλλὰ καὶ ὑπὸ πολλῶν πόλεων ἀγα-  
 πῶο ἂν, καὶ θαυμαστὸς οὐκ ἰδίᾳ μόνον ἀλλὰ καὶ δημοσίᾳ
- 11.10.1 παρὰ πᾶσιν ἂν εἴης, καὶ ἐξεΐη μὲν ἂν σοὶ ἔνεκεν ἀσφαλείας,  
 εἰ ποὶ βούλοιο, θεωρήσοντι πορεύεσθαι, ἐξεΐη δ' ἂν αὐτοῦ  
 μένοντι τοῦτο πράττειν. ἀεὶ γὰρ ἂν παρὰ σοὶ πανήγυρις  
 εἴη τῶν βουλομένων ἐπιδεικνύναι εἰ τίς τι σοφὸν ἢ καλὸν
- 11.11.1 ἢ ἀγαθὸν ἔχοι, τῶν δὲ καὶ ἐπιθυμούντων ὑπηρετεῖν. πᾶς  
 δὲ ὁ μὲν παρὼν σύμμαχος ἂν εἴη σοὶ, ὁ δὲ ἀπὼν ἐπιθυμοῖ  
 ἂν ἰδεῖν σε. ὥστε οὐ μόνον φιλοῖο ἂν, ἀλλὰ καὶ ἐρῶο ὑπ'  
 ἀνθρώπων, καὶ τοὺς καλοὺς οὐ πειρᾶν, ἀλλὰ πειρώμενον
- 11.11.5 ὑπ' αὐτῶν ἀνέχεσθαι ἂν σε δέοι, φόβον δ' οὐκ ἂν ἔχοις
- 11.12.1 ἀλλ' ἄλλοις παρέχοις μὴ τι πάθῃς, ἐκόντας δὲ τοὺς πειθο-  
 μένους ἔχοις ἂν καὶ ἐθελουσίως σου προνοοῦντας θεῶο ἂν,  
 εἰ δὲ τις κίνδυνος εἴη, οὐ συμμάχους μόνον ἀλλὰ καὶ προ-  
 μάχους καὶ προθύμους ὀρώφῃς ἂν, πολλῶν μὲν δωρεῶν ἀξιού-
- 11.12.5 μενος, οὐκ ἀπορῶν δὲ ὄτῳ τούτων εὐμενεῖ μεταδώσεις,

- πάντας μὲν συγκαίροντας ἔχων ἐπὶ τοῖς σοῖς ἀγαθοῖς,  
 πάντας δὲ πρὸ τῶν σῶν [ιδίων] ὥσπερ τῶν ιδίων μαχο-
- 11.13.1 μένους. θησαυρούς γε μὴν ἔχοις ἂν πάντας τοὺς παρὰ τοῖς  
 φίλοις πλούτους. ἀλλὰ θαρρῶν, ὧ Ἰέρων, πλούτιζε μὲν  
 τοὺς φίλους· σαυτὸν γὰρ πλουτιεῖς· αὕξε δὲ τὴν πόλιν·  
 σαυτῷ γὰρ δύναμιν περιάψεις· κτῶ δὲ αὐτῇ συμμάχους· ...
- 11.14.1 νόμιζε δὲ τὴν μὲν πατρίδα οἶκον, τοὺς δὲ πολίτας ἐταίρους,  
 τοὺς δὲ φίλους τέκνα σεαυτοῦ, τοὺς δὲ παῖδας ὅ τι περ τὴν  
 σὴν ψυχὴν, καὶ τούτους πάντας πειρῶ νικᾶν εὖ ποιῶν.
- 11.15.1 ἐὰν γὰρ τοὺς φίλους κρατῆς εὖ ποιῶν, οὐ μὴ σοι δύνωνται  
 ἀντέχειν οἱ πολέμοι. κἂν ταῦτα πάντα ποιῆς, εὖ ἴσθι,  
 πάντων τῶν ἐν ἀνθρώποις κάλλιστον καὶ μακαριώτατον  
 κτῆμα κεκτήσει· εὐδαιμονῶν γὰρ οὐ φθονηθήση.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AALDERS, G. J. D. Date and Intention of Xenophon's "Hiero". *Mnemosyne*, Fourth Series, Vol. 6, Fasc. 3 (1953).
- ADAM, James. *The Republic of Plato. Books VI-X*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- AGUILAR, Rosa María. *Obras Morales y de Costumbres (Moralia)*. VIII. Madrid: Editorial Gredos, 1996.
- ANDREWES, A. *The Greek Tyrants*. Londres: Hutchinson's University Library, 1956.
- ARRUZZA, Cinzia. *A Wolf in the City: Tyranny and the Tyrant in Plato's Republic*. Oxford: Oxford University Press, 2019.
- BEEKES, Robert. *Etymological Dictionary of Greek*. Leiden: Brill, 2010.
- BIGNOTTO, Newton. *O Tirano e a Cidade*. São Paulo: Edições 70, 2020.
- CORNELLI, G.; LOPES, R. (2017). Platão. Cartas: Carta II. *Archai*, n.º 20, may-aug., p. 319- 332.
- COULANGES, Fustel de. *A Cidade Antiga*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- DILLERY, John. "Xenophon: the Small Works" In: FLOWER, Michael A. *The Cambridge Companion to Xenophon*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.
- DORION, Louis-André. *Compreender Sócrates*. Tradução de Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.
- FERNANDES, Raul M. R.; GRANWEHR, M. G.P. *História da Guerra do Peloponeso: Tucídides*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.
- FLOWER, Michael A. *The Cambridge Companion to Xenophon*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.
- GRAY, Vivienne J. *Oxford Readings in Classical Studies Xenophon*. Oxford: Oxford

University Press, 2010.

\_\_\_\_\_. *Xenophon on Government*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

\_\_\_\_\_. *Xenophon's Hiero and the Meeting of the Wise Man and Tyrant in Greek Literature*. *The Classical Quarterly*, Vol. 36, No. 1 (1986).

GRIFFITH, Mark. *Sophocles: Antigone*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

HIGGINS, William Edward. *Xenophon the Athenian. The problem of the Individual and the Society of the Polis*. Albany: University of New York Press, 1977.

KURY, Mário da Gama. *Herôdotos: História*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1985.

LANZA, Diego. *Il Tirano e Il suo Pubblico*. Turim: Einaudi, 1977.

LEÃO, Delfim F. *Constituição dos Atenienses: Aristóteles*. 4.ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

LUCCIONI, Jean. *Xénophon. Hiéron*. Ophrys, 1949.

MARCHANT, E. C. *Xenophon: Scripta minora*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1946.

\_\_\_\_\_. *Xenophontis Opera Omnia*. Tomus V. opvsclv. Oxford: Oxford University Press, 1920.

MÁRSICO, Claudia; ILLARRAGA, Rodrigo; BERNAL, M. Pablo. *Jenofonte. Constitución de los lacedemonios, Hierón; Pseudo Jenofonte. Constitución de los atenienses*. Universidad Nacional de Quilmes Editorial, 2017.

MOSSÉ, CLAUDE. *Dictionnaire de la Civilisation Grecque*. Bruxelles: Editions Complexe, 1998.

OLIVEIRA, Janio Davila de. O Discurso de Creonte na Antígona de Sófocles. *fragmentum*, N. 38, Vol. 1. Laboratório Corpus: UFSM, Jul./ Set. 2013.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Antígona: Sófocles*. 11.ª Edição. Lisboa: Fundação

Calouste Gulbenkian, 2018.

PESSANHA, Nely Maria. *A Poesia de Arquíloco*. Tese de Doutorado em Letras Clássicas - Língua e Literatura Grega. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 1989.

TORRANO, JAA. *Ésquilo: Agamêmnon*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2004.